



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

AUTORIA CRIATIVA: COLAGEM, ESCRITA AUTORAL E ESTUDOS CRÍTICOS DE DISCURSO PARA (MICRO)R-EXISTÊNCIAS



PAULA GABRIELLA SILVA GOMES LIMA

Brasília-DF, junho de 2023



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

**Autoria Criativa: colagem, escrita autoral e Estudos Críticos de Discurso
para (micro)R-existências**

Paula Gabriella Silva Gomes Lima

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Linguística, área de concentração Linguagem e Sociedade.

Orientadora: Juliana de Freitas Dias

Brasília-DF, junho de 2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SL732a Silva Gomes Lima, Paula Gabriella
Autoria Criativa: colagem, escrita autoral| e Estudos
Críticos de Discurso para (micro)r-existências / Paula
Gabriella Silva Gomes Lima; orientador Juliana de Freitas
Dias. -- Brasília, 2023.
150 p.

Dissertação(Mestrado em Linguística) -- Universidade de
Brasília, 2023.

1. Estudos Críticos do Discurso. 2. Autoria Criativa:
colagem e escrita autoral. 3. Práticas discursivo
identitárias. 4. Educação crítica decolonial. 5. Cotidiano.
I. de Freitas Dias, Juliana , orient. II. Título.

**Autoria Criativa: colagem, escrita autoral e Estudos Críticos de Discurso
para (micro)R-existências**

Paula Gabriella Silva Gomes Lima

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Linguística, área de concentração Linguagem e Sociedade.

Orientadora: Juliana de Freitas Dias

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Juliana Freitas Dias (Orientadora/Presidente)
Universidade de Brasília (UnB)

Professor Doutor Sóstenes Cezar de Lima (Membro efetivo externo)
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Professora Doutora Ana Tereza Reis da Silva (Membra efetivo interno)
Universidade de Brasília (UnB)

Professora Doutora Maria Luíza M. S. Coroa (Membra suplente)
Universidade de Brasília (UnB)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho às tesouras:

*que, animadas, me acolheram e tornaram possível
a minha reconciliação com o destempo.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, essa potência afetuosa cuja concretude eu conheci através da natureza, da esperança ativa, do cotidiano. À minha mãe Beatriz Olinda, exemplo de ternura e força simultâneas, por me ensinar a crer na educação como potência transformadora de vida. À minha avó Maria Catarina, pela força de vida. Ao meu pai, Geraldinho, por me ensinar sobre o amor às palavras não escritas: aquelas que saem profundas de nossas gargantas. De você, pai, herdei o riso frouxo e, também, o amor pela comunicação. À minha avó Paulina de quem sinto tanta saudade e por quem cultivo uma roseira em meu quintal. Ao meu avô Basílio Gomes, que conheci pelas memórias de meu pai e, mais tarde, pelas tesouras.

Às minhas mãos, hoje, tão queridas, com as quais eu fiz as pazes: suas/minhas unhas roídas já não me incomodam mais. Ao meu amado Thiago Lima, companheiro de vida, por me lembrar que *cabeça pesada não faz poesia*. Obrigada por me ajudar a nutrir a esperança de uma velhice tranquila, com gatos, livros e uma amoreira no quintal. Obrigada pela ternura diária com que me olha e me beija. Por ter acreditado em sonhos que eu já havia depositado em fundas gavetas, e dos quais eu quase me esqueci. Obrigada por me lembrar. À querida Maria Luísa Lucas, pelo abraço-pesquisador. À Nana, pelos chocolates, bolinhos e cafezinhos nas horas de semidesespero. À querida, D. Eone, com quem eu muito tenho aprendido. Às minhas amadas amigas Évany Camila, Rosângela Arruda e Elaine Cristina pela amizade sincera, pela irmandade constante.

Às queridas Professoras Ana Tereza Reis (PPGE UnB), Maria Luiza Coroa (PPGL UnB) e Sóstenes Lima (UEG), por demonstrarem que a ternura resiste diante do mundo. Aos Professores-inspiração Atauan Queiroz, Gina Vieira e Gissele Alves e Nina Veiga, pela generosa parcela de esperança cotidiana. Às minhas companheiras de jornada, Adriana Cerqueira, Brenda Gonçalves, Camila Moreira, Carol Vilhena, Edilan Kelma, Edinéia Alves, Fabíola Saraiva, Nubiã Tupinambá, Sila Marisa e Vânia Reis, pela parceria afetuosa. Às alunas e alunos da disciplina de Introdução à Análise de Discurso, por me ajudarem a olhar. À capes Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo apoio financeiro, por me proporcionar a possibilidade de dedicação a esta pesquisa. A toda equipe do Grupo de Pesquisa Educação Crítica e Autoria Criativa (GECRIA UnB/CNPq), por seguirmos juntas, resistindo com luta, mas também com amor. À prof.^a Juliana Dias (PPGL UnB), minha querida orientadora, sábia fiandeira, que me sorri com os olhos e, sem palavras, me diz: é aqui Paulinha! É aqui! A todas, eu só posso agradecer!

“E, súbito, é a desobediência que humaniza.”

(GROS, 2018)

*“A mãe negra dentro de cada uma de nós – a poeta –
sussurra em nossos sonhos: ‘Sinto, logo posso ser livre.’”*

(LORDE, 2019)

RESUMO

Esta dissertação apresenta implicações da pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (PPGL/UnB), bem como ao Grupo de Pesquisa Educação Crítica e Autoria Criativa - GECRIA UnB/CNPq. O presente trabalho tem por objetivo principal investigar de que maneiras as práticas discursivo-identitárias construídas em oficinas de colagem e escrita autoral, sob a égide da autoria criativa (DIAS, 2020 e outras), podem contribuir para a ampliação de posturas crítico-transgressivas frente à tentativa de alienação emocional e intelectual produzida pela propagação de discursos hegemonicamente preparados pelo sistema-mundo colonial-moderno (QUIJANO; WALLERSTEIN, 1992). O foco da pesquisa consiste na (re)construção das identidades pessoal, social e de agente de mudança das co-pesquisadoras a partir do potencial agentivo da colagem e da escrita autoral, no seio da comunidade em geral, bem como da educação em nível superior. O trabalho fundamenta-se nos Estudos Críticos do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001, 2003; MAGALHÃES, 2013; RESENDE, 2019; DIAS, 2021 e outras), reconhecendo a prática de posturas crítico-transgressivas (DIAS; COROA; LIMA, 2018) aliadas aos Estudos Decoloniais (QUIJANO, 2005; LANDER, 2000; MIGNOLO, 2008, WALSH, 2013; PORTO-GONÇALVES, 2001, SEGATO, 2021 e outras) como instrumentos de combate à tentativa de apagamento da produção de sentidos de mundo dos seres. Constitui-se através de uma metodologia ativa e prática de oficinas de colagem e escrita autoral, sendo elas divididas em quatro momentos nos quais desenvolvemos diálogos transdisciplinares, construídos coletivamente: 1) Escolhendo: por olhares outros; 2) Recortando: a nossa relação com o tempo; 3) Acolhendo o acaso: encantamento e resistência; 4) (Des)colando: abraçar a mudança através do cotidiano. Para analisar os dados gerados, utiliza-se do arcabouço teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, bem como etnográfica crítica e discursiva, com inspirações (auto)etnográficas.

Palavras-chave: Autoria criativa; colagem; escrita autoral; estudos decoloniais; cotidiano; estudos críticos do discurso.

ABSTRACT

This dissertation presents implications of the research linked to the Graduate Program in Linguistics at the University of Brasília (PPGL/UnB), as well as to the Research Group Critical Education and Creative Authorship - GECRIA UnB/CNPq. The main objective of this work is to investigate in what ways the discursive-identity practices constructed in collage and authorial writing workshops, under the aegis of creative authorship (DIAS, 2020 and others), can contribute to the expansion of critical-transgressive postures in the face of to the attempt at emotional and intellectual alienation produced by the propagation of discourses hegemonically prepared by the modern colonial world-system (QUIJANO; WALLERSTEIN, 1992). The focus of the research is the (re)construction of the personal, social and change agent identities of the co-researchers based on the agentive potential of collage and authorial writing, within the community in general, as well as higher education. . The work is based on Critical Discourse Studies (FAIRCLOUGH, 2001, 2003; MAGALHÃES, 2013; RESENDE, 2019; DIAS, 2021 and others), recognizing the practice of critical-transgressive postures (DIAS; COROA; LIMA, 2018) allied to Decolonial Studies (QUIJANO, 2005; LANDER, 2000; MIGNOLO, 2008, WALSH, 2013; PORTO-GONÇALVES, 2001, SEGATO, 2021 and others) as instruments to combat the attempt to erase the production of meanings of the world of beings. It is constituted through an active and practical methodology of collage and authorial writing workshops, which are divided into four moments in which we develop transdisciplinary dialogues, collectively constructed: 1) Choosing: by other eyes; 2) Cutting it out: our relationship with time; 3) Welcoming chance: enchantment and resistance; 4) (un)Pasting: embracing change through everyday life. To analyze the generated data, the theoretical-methodological framework of Critical Discourse Analysis is used. This is a qualitative research, as well as a critical and discursive ethnographic one, with (auto)ethnographic inspirations.

Keywords: Creative authorship; collage; authorial writing; decolonial studies; daily; Critical Discourse Studies.

SIGLAS USADAS NO TEXTO

ADC - Análise de Discurso Crítica

AD – Análise de Discurso

ECD – Estudos Críticos do Discurso

ED – Estudos Decoloniais

GECRIA - Grupo de Pesquisa de Pedagogia Crítica e Autoria Criativa

RC – Realismo Crítico

SEEDF – Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

PPGL – Programa de Pós-Graduação em Linguística/UnB

UnB – Universidade de Brasília

LISTA DE COLAGENS

Colagem 1: Eles não alcançaram os nossos corações	14
Colagem 2: Cafés demorados	16
Colagem 3: Milagre do tempo	17
Colagem 4: Desobediência manual	25
Colagem 5: Destempo	35
Colagem 6: Afetar-se	55
Colagem 7: Revisitando o arcabouço teórico-metodológico da ADC	62
Colagem 8: Metamorfose	82
Colagem 9: Travessa-me	118
Colagem 10: Desobediência às flores do campo	120

LISTA DE QUADROS

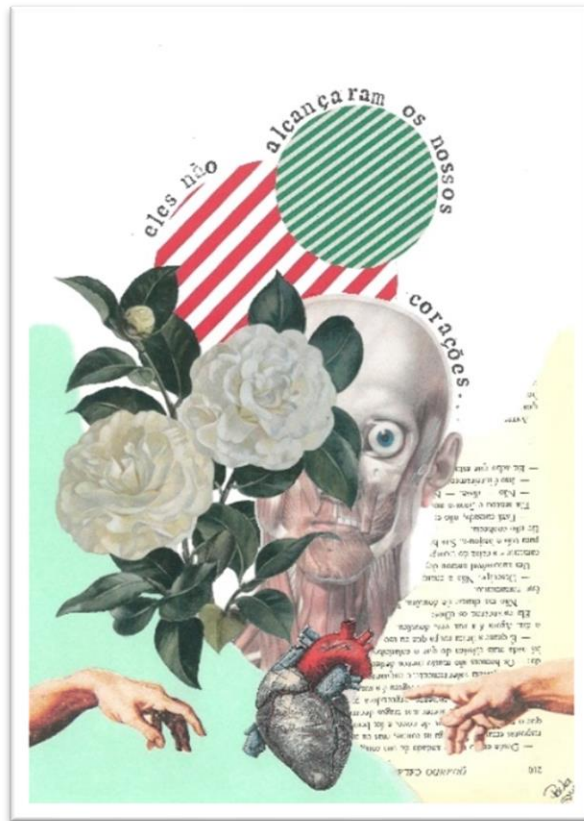
Quadro 01 – Aspectos estruturais do texto	22
Quadro 02 – Modos de operação da ideologia	38
Quadro 03 - Arcabouço teórico-metodológico da ADC.....	61
Quadro 04 – Apresentação do <i>corpus</i> de pesquisa	69
Quadro 05 - Mapa de coerência	72
Quadro 06 - Ciclo morfogenético e significados do discurso	88
Quadro 07 – Categorias analíticas	91

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	05
AGRADECIMENTOS.....	06
RESUMO	07
ABSTRACT	08
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	09
LISTA DE COLAGENS	10
LISTA DE QUADROS	11
UM PEQUENO MANIFESTO: MOVIMENTOS NÃO PROGRAMADOS DE UM MAQUINÁRIO DESREGULADO	14
ACONTECÊNCIAS	16
1 GERUNDIANDO-ME: UMA INTRODUÇÃO	17
1.1. Memorial da pesquisadora: Eu decidi que nunca mais deixaria de me emocionar	17
1.2 Generalidades não generalizantes da pesquisa	19
1.3 Algumas considerações acerca da estrutura textual	20
1.4. Objetivos de pesquisa	23
1.4.1. Geral	23
1.4.2. Específicos	23
2. ESCOLHENDO: ASPECTOS CONJUNTURAIS	25
2.1 Conjuntura da pesquisa	25
2.2 Escolhendo: por olhares outros (algumas reflexões teórico-práticas acerca da memória e da colonialidade do ser)	30
3. RECORTANDO: DIÁLOGOS TEÓRICOS	35
3.1. Estudos críticos do discurso	35
3.2. Autoria criativa: colagem e escrita autoral	39
3.3. Cotidiano e (micro)r-existências.....	45
3.4. Recortando: a nossa relação com o (des)tempo (algumas reflexões teórico-práticas acerca do tempo e da colonialidade do poder)	48
3.4.1. Distorções temporais e seus impactos na constituição das subjetividades	49
3.4.2. A obsessão pelo novo: exímia cronófaga	51
4. ACOLHENDO O ACASO: METODOLOGIA	55
4.1 E pode a metodologia acolher o acaso?	56
4.1.1 Pesquisa qualitativa de cunho etnográfico crítico e discursivo	57

4.1.2 Revisitando o arcabouço teórico-metodológico da ADC	60
4.2 Desenho da pesquisa: um nascimento contínuo	63
4.3 Geração de dados	68
4.3.1 Rodas de conversa em comunidade de colagem e escrita autoral (manifestações orais das co-pesquisadoras)	69
4.3.2 Colagens e textos reflexivos e autorais das co-pesquisadoras participantes das oficinas	69
4.3.3 Notas reflexivas e (auto)etnográficas da pesquisadora	69
4.4 Inspirações (auto)etnográficas	70
4.5 Mapa de coerência da pesquisa	72
4.6 Acolhendo o acaso: encantamento e resistência (algumas reflexões teórico práticas acerca do encantamento, da resistência e da colonialidade do saber)	73
4.6.1 O encantamento cotidiano enquanto prática de resistência	75
4.6.2 A manutenção de categorias duais enquanto ferramenta encanticida	78
5. (DES)COLANDO: abraçar a mudança através do cotidiano	82
5.1 Viver é também uma colagem?	83
5.2 Sentipensando com os dados	86
5.2.1 Categorias da Análise de Discurso Crítica	90
5.2.2 Ressignificando memórias	93
5.2.3 A nossa relação com o destempo	103
5.2.4 Encantamento e resistência	108
5.2.5 Sobre práticas sociais discursivo-identitárias de (micro)R-Existência..	112
5.3 Reflexões sentipensantes da pesquisadora: escolhendo, recortando, acolhendo o acaso e (des)colando	116
(IN) CONCLUINDO	118
DEPOIS DE TUDO, OBEDECER?	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122
APÊNDICE	129
ANEXOS	132

UM PEQUENO MANIFESTO



Colagem 1 – “Eles não alcançaram os nossos corações”.

Colagem analógica e reflexividade sobre papel.

Movimentos não programados de um maquinário desregulado

A modernidade presenteou-nos com um baile.

Enquanto vestíamos nossos trajes de gala,

Insistentemente, alguém batia na porta da frente:

A emoção, vestida em trapos, veio dizer adeus.

Na grande festa, nossas mãos, feridas,

apontam para um nobre e vazio horizonte.

“Tempo é dinheiro!”, dizem eles.

“Tempos sombrios!”, dizemos nós.

Acabado o festejo, o capital sugeriu-nos a construção de muros.

Ele teme que a emoção regresse.

*Mas, contrariando as normas da Engenharia, erguemos - com razão e sentimento - uma larga ponte.
Com linhas delicadas, suas bases foram firmemente costuradas por nossas mãos.
Ontem, feridas. Hoje, feridas e perseverantes.
Já não aceitamos a manutenção que o sistema nos impõe.
Movimentos não programados farão dessa engrenagem
um maquinário permanentemente desregulado.*

(Paulinha)

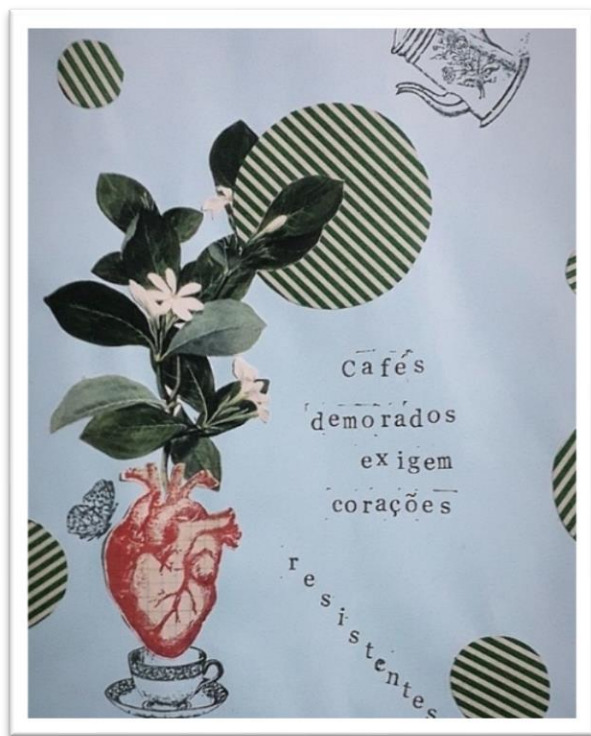
ACONTECÊNCIAS

Há um rio que atravessa a casa.

Esse rio, dizem, é o tempo.

(Mia Couto, 2016)

O presente trabalho é parto gerúndio. De parir e de partir, porque enquanto o vou parindo, também me vou partindo em caminhos que vão nascendo de um acordo diário com o tempo. E, apesar de soar individualíssimo, há, nesse lugar tão íntimo, algo demasiadamente coletivo.



Colagem 2 – “Cafés demorados”.

Colagem analógica e resistência sobre papel e sobre tempo.

Neste instante, paro um pouquinho e bebo um gole de café. Esta pequena sorvedura é capaz de estrelar o céu de minha boca. Tamaña a potência do intervalo: enxergar abundância no refugio, no pouco e fazer o que nos é possível.

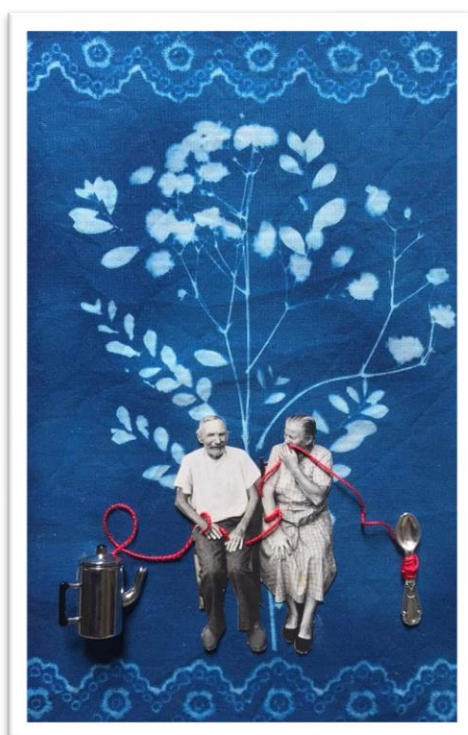
Então, eu peço licença aos superlativos e deixo um bocado de esperança entre os dedos. Não haverei de lavar as minhas mãos. E bem sei que as flores não apagam o sangue dos jornais. Mas, eu as levarei, cotidianamente, para casa.

CAPÍTULO 1

GERUNDIANDO-ME: UMA INTRODUÇÃO

*“Façam completo silêncio, paralitem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.”*

(Carlos D. de Andrade, 1945)



Colagem 3 – “Milagre do tempo”.

Colagem analógica, cianotipia, fio e gerúndio sobre tecido

1.1 Memorial da pesquisadora: eu decidi que nunca mais deixaria de me emocionar

Contraditoriamente – ou não - eu retornei à academia em razão de uma decisão tomada no momento em que eu me reconciliei com as minhas mãos: ali eu decidi, de forma consciente, racional, sem, todavia, me apartar do sentimento, que nunca mais eu deixaria de me emocionar.

Em uma época não tão remota da minha vida, os domingos, sobretudo à noite, eram fantasmagóricos. A começar pela segunda-feira, todos os dias eu me queimava ao sorver, muito rapidamente, os goles de café. Perdi o paladar. Desaprendi o cerrar das pálpebras. Flertei com a máquina. Sentia-me, pois, não-pessoa.

Cumprindo uma carga horária aproximada de 12 horas diárias, eu suportava, orgulhosamente, o bônus-ônus de ‘ser’ uma advogada associada. Com o tempo, a parca remuneração e a ausência de direitos trabalhistas serviram-me de combustível-questionador. Como era possível trabalhar com o Direito e ser cerceada do mínimo que me é constitucionalmente assegurado como, por exemplo, lazer, descanso e cultura?

Era aterrorizante perceber que a maioria daquele grupo de advogadas, sentia-se orgulhosa por pertencer a uma equipe “tão promissora”. Aquelas pessoas estavam certas de que a produtividade as levaria a galgar os degraus mais altos da pirâmide capitalista. Na realidade, nenhuma de nós conseguiria chegar ao topo dessa cadeia desumana, nem mesmo no ápice de nossa (re)produção. Estávamos diante de uma severa mecanização. Produzíamos e reproduzíamos.

Posteriormente, exerci uma função pública, junto ao Tribunal de Justiça do estado de Minas Gerais. Para receber uma quantia remuneratória mais alta, eu me exauria emocionalmente e mentalmente. E produzia cada vez mais para, conseqüentemente, consumir bens materiais que fizessem jus à suposta garbosidade do cargo em questão. Novamente, eu me sentia coisa. Eu-não-pessoa.

E, numa tentativa desesperada de me tornar de novo gente, em meados de 2017, eu decidi recuperar o paladar. E tentando sorver com paciência os goles de café, num ato de súbita (in)consciência, cerrei, com dificuldade, as minhas endurecidas pálpebras.

E fechar os olhos já não era o bastante. Subvertendo a biologia humana, eu necessitei caminhar, não com os pés, mas com minhas próprias mãos. Retomei, aos poucos, a escrita e o desenho, Tateando as fibras do papel. Bordando, descalculei o tempo levado pela agulha ao atravessar o tecido que, irresignado, produzia um barulhinho peculiar. Encontrei-me com a colagem e, junto a esse fazer democrático, mergulhei na potência dos intervalos: escolher-recortar-acolher-(des)colar. Através das mãos, reconheci a mais genuína resistência: ser, de novo, gente. E decidi que nunca mais deixaria de me emocionar. Eu era agora um maquinário, ao menos, desregulado. E já não aceitava a manutenção diária que o sistema me impunha. Eu vi sentido na desobediência. E, desobedientemente, venho trabalhando, em conjunto, com mãos, mente e coração.

Em 2020, já aluna da licenciatura em Letras Português UnB-UAB, eu soube de um curso de extensão oferecido pela UnB: “Escrita criativa e autoria: por uma nova metodologia da

escrita”, ministrado pela Prof^a. Dr^a. Juliana de Freitas Dias, pessoa que carrega, com força e ternura simultâneas, agulhas capazes de furar as bolhas mais densas que a ignorância produz.

A partilha de histórias, durante a vivência na comunidade de escrita, revelou-me a possibilidade de afetos que nos são meticulosamente arrancados durante nossas corridas trajetórias de vida. Através do ato de contar e compartilhar histórias, exercitamos a nossa empatia para com o outro. Tornamo-nos capazes de exercer a escuta ativa. Para bell hooks (2020), essa partilha ajuda estudantes a pensar criticamente, formando assim um caminho para o saber. Eu estava diante do que hooks ¹chamou comunidades de aprendizagem (2013).

Quanto mais eu escrevia, mais produzia colagens e vice-versa. Eu me vi atravessada por um emaranhado de objetos, imagens e palavras. Era como se a minha garganta, profundamente ferida, pudesse gritar através de minhas mãos. E foi cerrando as pálpebras que me encontrei com um precioso devir: investigar a potência socialmente transformadora existente na reunião de pessoas que desejam criar. Senti, pois, um mergulho-pertencimento diante de um estudo tão coletivo e, ao mesmo tempo, tão íntimo! Como era possível?

As linhas todas emaranharam-se com as tantas ‘Paulinhas’ que me habitam. Um dia, eu acordei emocionada e me assustei ao perceber que estava, num ato de total lucidez, a beijar os meus dedos. Eu havia feito as pazes com as minhas mãos.

1.2 Generalidades não generalizantes da pesquisa

Esta pesquisa nasceu de um questionamento-vida e desenvolveu-se junto ao Grupo de Pesquisa Educação Crítica e Autoria Criativa - GECRIA UnB/CNPq, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília – PPGL/UnB. Parte de um caminhar cujos pés – e mãos – estão calcadas, entre outras, na ontologia da trimembração do ser (STEINER, 2008 [1919]), com foco na tríade pensar-sentir-agir. A base teórico-metodológica funda-se nos Estudos Críticos do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001, 2003; MAGALHÃES, 2013; RESENDE, 2019; DIAS, 2021 e outras), viabilizando, pois, texto como interação, processo, encontro e ação. Parte também do reconhecimento de práticas crítico-transgressivas (DIAS; COROA; LIMA, 2018), alinhadas aos Estudos Decoloniais (QUIJANO, 2005; LANDER, 2000; MIGNOLO, 2008, WALSH, 2013; PORTO-GONÇALVES, 2001,

¹ O nome da autora é Glória Jean Walkins, sendo ‘bell hooks’ uma homenagem à sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. Em acordo com uma escolha de hooks, optei por grafar, em todo o texto, o seu nome em letras minúsculas. A postura da autora apresenta cunho político na medida em que desafia e subverte convenções linguísticas. Em suas palavras, o foco é colocado naquilo que está escrito e não na pessoa que escreve (hooks, 1997).

SEGATO, 2021, REIS, 2022 e outras), como instrumentos de combate cotidiano à tentativa moderno-colonial (QUIJANO; WALLERSTEIN, 1992) de precarização da produção de sentidos de mundo(s) das agentes sociais².

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com abordagem etnográfica crítica e discursiva, com inspirações (auto)etnográficas. O trabalho possui foco na (re)construção das identidades pessoal, social e de agente de mudança das co-pesquisadoras a partir de práticas sociais discursivo-identitárias construídas em oficinas de colagem e de escrita autoral, sob a égide da autoria criativa (DIAS; COROA; LIMA, 2018; DIAS e outras, 2020; DIAS, 2021). Como veremos adiante, essas oficinas foram estruturadas junto a macrocategorias sociodiscursivas que, por sua vez, *sulearam*³ a estrutura dos capítulos, bem como dos diálogos reflexivos transdisciplinares propostos ao longo da dissertação.

Importante mencionar que o corpo da dissertação também é composto por colagens e textos autorais, retirados do meu diário de pesquisa-vida, que fazem parte de um movimento, de inspiração (auto)etnográfica, atrelado à tríade pensar-sentir-agir, sendo as mãos as responsáveis pela delicada, porém firme, costura entre mente e coração. Essas construções estarão sinalizadas em *itálico*, sendo utilizada a fonte Comic Sans, tamanho 11, bem como assinadas por mim (Paulinha).

1.3 Algumas considerações acerca da estrutura textual

Ao iniciar esta pesquisa, tive medo de construir um trabalho demasiadamente teórico, que se afastasse de práticas socialmente comprometidas. Dessa forma, foi através da realização de oficinas, como veremos mais à frente, comunidades de aprendizagem (HOOKS, 2013) e de mudança (DIAS; RIBEIRO, 2021) que encontrei caminhos frutíferos para o desenvolvimento desta pesquisa.

Neste trabalho, abordarei quatro das oficinas realizadas. São elas: 1) Colagem e escrita criativa: microrresistências cotidianas – um olhar atento para o cotidiano; 2) Colando os cacós, remendando lembranças: colagem e escrita terapêutica; 3) Microrresistências cotidianas: colagem e escrita criativa como formas insurgentemente poéticas de habitar o mundo (realizada

² Optei por utilizar construções femininas quando do uso do plural, bem como das colocações genéricas, por acreditar que a imposição do masculino genérico se trata de uma questão muito mais ideológica do que puramente gramatical.

³ Em acordo com Silva Júnior, escolhi utilizar o termo “sulear” como forma de me posicionar criticamente diante da ideologia carregada pelo termo “nortear”, oriundo de um pensamento eurocêntrico dominante. Para o autor, “Sulear significa contrariar essa lógica, dando visibilidade à ótica do Sul e desconstruindo a falsa ideia de Norte como acima, superior e Sul como abaixo, inferior” (2022, p. 339).

no contexto do evento III Narrativas interculturais, decoloniais e antirracistas em educação); 4) Microrresistências⁴ cotidianas: colagem e escrita criativa como formas insurgentemente poéticas de habitar o mundo (realizada no contexto da disciplina de Introdução à análise de discurso).

As oficinas foram fundamentalmente atravessadas pela construção de práticas sociais discursivo-identitárias, bem como pela investigação acerca das possibilidades de contribuição dessas práticas para a ampliação de posturas crítico-transgressivas, linguisticamente conduzidas, frente à tentativa de alienação emocional e intelectual produzida pela propagação de discursos hegemonicamente preparados pelo sistema colonial-moderno.

É importante ressaltar que a chave analítica desenvolvida em conformidade com a teoria da colonialidade do poder (QUIJANO, 2005), se constitui no entendimento de que a colonialidade nunca foi desconstituída, sendo, portanto, a modernidade, uma extensão da colonialidade. Em acordo com Reis (2022, p. 43), parto do sentido de decolonialidade “enquanto postura insurgente de r-existência histórica ao padrão moderno-colonial”. Dessa forma, pretendo realizar, neste trabalho, um exercício expansivo do sentido dessa chave analítica a partir do cotidiano, bem como do diálogo com autoras outras que compõe esta pesquisa.

Modestamente, esta pesquisa se propõe a pequenas e possíveis contribuições para a vivência de (micro)r-existências cotidianas que sejam capazes de contribuir, através da autoria criativa (DIAS, 2021), materializada na prática da colagem e da escrita autoral, para o enfrentamento de alguns aspectos das dimensões da colonialidade do poder, do saber e do ser. É importante pontuar que nem de longe a minha pretensão, enquanto pesquisadora, é trazer soluções e/ou propostas de combate a todas essas dimensões, nem tampouco esgotar a teoria no que se refere à temática tão ampla quanto complexa.

A estrutura das oficinas e, por conseguinte, dos capítulos desta dissertação, deu-se junto ao nascimento de macrocategorias sociodiscursivas, quais sejam: memória; (des)tempo; encantamento e resistência; e (micro)r-existências. Essas categorias representam, como veremos, os quatro momentos práticos das oficinas desenvolvidas: 1) Escolhendo: por olhares outros; 2) Recortando: a nossa relação com o (des)tempo; 3) Acolhendo o acaso: encantamento e resistência; 4) (des)Colando: abraçar a mudança através do cotidiano.

⁴ Como veremos no terceiro capítulo, parti do vocábulo microrresistências, para mais tarde, após vivências outras, inspirada em Porto Gonçalves (2008), adotar o termo (micro)r-existências.

Dessa forma, cada capítulo desta dissertação será composto por duas partes: a primeira refere-se à estrutura formalmente exigida (conjuntura; diálogos teóricos; metodologia e análises dos dados); a segunda parte corresponde ao respectivo momento prático das oficinas, bem como aos diálogos decoloniais propostos a partir das macrocategorias fundamentais. A exceção a esta estrutura está contida no quinto capítulo, haja vista que, por se tratar do analítico, entendi que seria mais proveitoso adiantar a prática da oficina para a primeira parte, deixando as análises a cargo da segunda parte.

O quadro abaixo apresenta o panorama estrutural do texto:

Quadro 01 – Aspectos estruturais do texto

	Capítulo 2 Escolhendo: por olhares outros	Capítulo 3 Recortando: a nossa relação com o (des)tempo	Capítulo 4 Acolhendo o acaso: encantamento e resistência	Capítulo 5 (des)Colando: abraçando a mudança através do cotidiano
1ª parte: Estrutura formal correspondente	Conjuntura da pesquisa	Diálogos teóricos	Metodologia	(des)Colando: (micro)r-existências cotidianas.
2ª parte: - Momentos teórico-práticos das oficinas e seus respectivos diálogos decoloniais construídos a partir das macrocategorias sociodiscursivas	Escolhendo: Memória e colonialidade do ser.	Recortando: Tempo e colonialidade do poder.	Acolhendo o acaso: Encantamento, resistência e colonialidade do saber.	Análise dos dados.

Fonte própria

Abaixo seguem algumas questões que conduziram a tecitura da pesquisa no que tange às macrocategorias sociodiscursivas, bem como aos momentos práticos das oficinas e aos diálogos decoloniais propostos. É importante mencionar que os aspectos abaixo serão tratados de forma mais aprofundada em seus respectivos capítulos.

- a) **Sobre a colonialidade do ser e a memória** – De que maneiras a colonialidade do ser contribui para a construção de narrativas que pretendem aniquilar a possibilidade de produção de sentidos de mundo(s)? De que maneiras podemos combater esse cenário? É possível que a ressignificação da memória se traduza em um instrumento de combate à colonialidade do ser?

b) Sobre a colonialidade do poder e o tempo – De que maneiras a colonialidade do poder impacta nossa relação com o (des)tempo? De que maneiras podemos ressignificar a nossa relação com o (des)tempo?

c) Sobre a colonialidade do saber e o encantamento enquanto prática de resistência – Como a tentativa de redução da nossa capacidade de encantamento contribui para a manutenção da colonialidade do saber? De que maneiras podemos combater esse cenário?

Partindo desses questionamentos iniciais, passo aos objetivos de pesquisa.

1.4 Objetivos de pesquisa

1.4.1 Objetivo geral

Investigar de que maneiras as práticas discursivo-identitárias construídas nas oficinas de colagem e escrita autoral, sob a égide da autoria criativa, podem contribuir para a ampliação de posturas crítico-transgressivas, frente à tentativa de alienação intelecto-emocional produzida pela propagação de discursos hegemonicamente preparados pelo sistema colonial-moderno, com foco nas identidades pessoal, social e de agente de mudança.

1.4.2 Objetivos específicos

a) Analisar as práticas discursivo-identitárias geradas em oficinas de colagem e de escrita autoral com foco nas transformações críticas dos significados representacionais e identificacionais relacionados às (micro)r-existências cotidianas diante das três grandes facetas do sistema colonial-moderno, quais sejam, a colonização do ser, do saber e do poder;

b) Analisar as identidades pessoal, social e de agente de mudança das co-participantes, com base no estímulo de pensamentos crítico-transgressivos e imaginativos construídos pela prática da autoria criativa, materializada na colagem e na escrita autoral como extensão da expressão das emoções diante de um cenário que pretende a aniquilação da produção de sentidos de mundo(s);

c) Compreender as limitações e as possibilidades de um trabalho com colagem e escrita autoral frente a processos sociais de reificação e de congelamento da agência dos seres humanos, em contextos de distribuição e consumo de discursos produzidos pelo sistema moderno-colonial, com foco em práticas cotidianas de (micro)r-existência, visando a

emancipação sentipensante do ser. Após essas considerações iniciais, passaremos agora ao capítulo conjuntural.

CAPÍTULO 2

ESCOLHENDO: ASPECTOS CONJUNTURAIS

“O povo fala. Por mais que os tiranos apreciem um povo mudo, o povo fala.

Aos sussurros. Há medo. Na semiescuridão, mas fala.”

(Antígona, Sófocles)



Colagem 4 – Desobediência manual

Colagem analógica, fio e transgressão sobre papel e memória

Aqui, anuncio a conjuntura da pesquisa, bem como o primeiro momento prático das oficinas de colagem e escrita autoral, qual seja o momento da escolha. Este capítulo é composto por duas partes: na primeira (seção 2.1), apresento os elementos conjunturais que cercam os contextos político e sociocultural nos quais se encontra inserido o presente trabalho. Discorro acerca de questões cuja amplitude se dá em uma escala mais larga como, por exemplo, alguns dos impactos sociais acarretados pela produção, distribuição e consumo de discursos comungados com a sistemática colonial-moderna e suas facetas (colonialidade do poder, do saber e do ser); na segunda (seção 2.2), além de apresentar o primeiro momento prático das oficinas, pontuo reflexões teórico-práticas construídas a partir dos encontros em comunidade.

2.1 Conjuntura da pesquisa

“É possível fazer poesia depois de Auschwitz?” (ADORNO, 1998, p. 26). Em fevereiro de 2020, eu estava trabalhando em uma escola da rede municipal de Ipatinga/MG quando, de repente, a vice-diretora entrou na sala de coordenação segurando diversos frascos de álcool em gel e, de olhos arregalados, sugeriu: “pessoal, higienizem as mãos. Vem coisa pesada por aí”. Eu me lembro como se fosse ontem. Passadas algumas semanas, estaríamos diante do fechamento de escolas, comércios etc. Hoje, decorridos mais de três anos, ainda seguimos entre feridas, (sobre)vivendo em um cenário, antes, inimaginável.

Em junho de 2023, o Brasil chegou à triste marca de mais de setecentos e duas mil mortes em decorrência da pandemia da Covid-19⁵. De forma aperfeiçoada, tornamo-nos números, estatísticas inanimadas: reificaram-nos. Goela abaixo, nos fazem crer que já não nos resta humanidade. E transformamo-nos em dóceis soldados, cuja gentileza é dispensada, sobretudo, para aquilo que é materialmente palpável: reificamo-nos. Marx abordou o conceito de “reificação”, sendo este trabalhado também por Georg Lukács (2003, p. 212s), entre outros. Podemos dizer que a reificação consiste na atribuição do caráter objetificado a conceitos abstratos. Em outras palavras, é tratar como objetos os seres humanos⁶.

A necropolítica (MBEMBE, 2003), a produtividade exagerada, o higienismo e a paranoia como condições sociais, junto à criação de invisibilidade do senso de coletividade e à consequente automatização do sentir, também são coeficientes cuja pretensão se traduz na redução do ser humano à mera engrenagem do sistema, mitigando o seu pensar crítico, bem como a sua empatia e capacidade de lidar com as emoções. Anulam-se, pois, os afetos.

Tanto o cenário pandêmico, quanto o atual, se assim podemos chamá-lo, “pós-pandêmico”, evidenciaram ainda mais, a lógica de reificação humana. Byung-Chul Han apresenta-nos a sociedade do desempenho, caracterizada pelo desejo da maximização da produtividade. Nas palavras de Han, “substitui-se a necessidade de proibições, mandamentos ou leis, por projetos, iniciativas e motivações” (HAN, 2010, p. 24). Convertidos em máquinas, nos autoexploramos.

⁵ Dados disponíveis em: <https://covid.saude.gov.br/>.

⁶ “Para o marxismo, processo inerente às sociedades capitalistas que supervaloriza a produção, em detrimento das relações humanas e sociais, podendo ocasionar a perda da subjetividade, da autonomia e da autoconsciência, atribuindo ao ser humano uma natureza inanimada e automática, como coisas ou mercadorias.” Disponível em: <https://www.dicio.com.br/reificacao/>

No auge da pandemia (2020-2022), uma grande parcela da população mundial, sobretudo pertencente às classes economicamente abastadas, negou – e continua negando - a necessidade de medidas sanitárias, a eficácia da vacina contra a Covid-19, a ciência com o objetivo de que a sociedade servisse à economia, mantendo assim os seus infinitos privilégios. Para Vladimir Safatle, “a população tornou-se apenas o suprimento descartável para que o processo de acumulação não pare sob hipótese alguma” (SAFATLE, 2020).

Os fatores elencados encontram-se intimamente ligados ao afastamento da noção de coletividade, desembocando no enfraquecimento das relações sociais, bem como de nossa própria identidade. Nas palavras de Bauman, estamos perdendo a capacidade de estabelecer relações espontâneas com pessoas reais, o que leva à diminuição da empatia e, por conseguinte, nos gera inabilidade quanto ao reconhecimento da dor do outro e ao enfrentamento de nossas próprias dores (BAUMAN, 2015). Tornamo-nos seres socialmente incapazes.

Neste cenário, o caráter essencialmente humano é de tal maneira influenciado que nos tornamos objetos de fácil manipulação. Sem pensar de forma crítica, sem reconhecer e lidar com as emoções, reificamo-nos. ‘E como desconstruir tal lógica? Como não aceitar a manutenção que o sistema nos impõe? Como resistir à tamanha degradação humana?’ Com o tempo, outras questões foram surgindo. Passei a indagações, tais como: ‘O que nos leva a romper, desde tão tenra idade, com aquilo que nos afeta?’, ‘O que nos torna mais máquinas e menos pessoas?’, ‘O que nos desafeta?’.

Mas, em uma pesquisa cuja perspectiva se propõe construcionista, era preciso ir além. Segundo hooks, “quando apenas apontamos o problema, quando expressamos nossa queixa sem foco construtivo na resolução, afastamos a esperança. Dessa maneira, a crítica pode se tornar só uma expressão de profundo cinismo, que acaba servindo de apoio para a cultura dominante” (hooks, 2021, p. 27). Eu me dispus a refletir, mais a fundo, acerca dos meus horizontes de pesquisa.

Iniciados os estudos no Programa de Pós-Graduação em Linguística, na Universidade de Brasília, a partir do contato com os Estudos Decoloniais, bem como com a ADC, ainda no primeiro semestre, as questões anteriormente levantadas foram se modificando dentro do meu querer-pesquisadora. Foi quando eu percebi que estava sob o manto de um pensamento demasiadamente colonial. As aulas cursadas junto ao PPGL contribuíram para que eu pudesse fazer essa autocrítica. Mais especificamente, foi na disciplina de “Perspectivas decoloniais e interculturais em educação: saberes, territórios e diferença”, ministrada na Faculdade de

Educação da UnB, pela Prof^a. Dr^a. Ana Tereza Reis, que tive contato com a teoria da colonialidade do poder (QUIJANO, 2005). Essa perspectiva, aliada aos estudos críticos do discurso, bem como a várias autoras com quem tive contato através do GECRIA, fez nascer, em meu sentipensar (TORRE, 2001), uma espécie de (micro)giro decolonial.

Dessa forma, voltando-me para o início desta seção, eu poderia colocar um ponto de interrogação ao final de cada frase em que afirmei, de forma generalizante, sobre a população, como se fôssemos uma massa vazia e passiva, objetificada. No entanto, preferi inserir este parágrafo aqui mesmo, na conjuntura, para agradecer às minhas parceiras de pesquisa, às minhas professoras queridas e a tantas outras pessoas por contribuírem para essa minha (auto)desconstrução, que possibilita a minha (auto)reconstrução cotidiana, sem pretensões conclusivas. Nunca estarei pronta.

Assim, hoje, por discordar de mim mesma, com gentileza, digo à Paulinha de antes (que também é a de agora): ‘querida, o sistema-mundo moderno-colonial (QUIJANO; WALLERSTEIN, 1992) sustenta-se em **tentativas** diárias: **tenta** nos tornar estatísticas inanimadas; **tenta** nos fazer crer que já não nos resta humanidade; **tenta** nos transformar em dóceis soldados; **tenta** nos reificar; **tenta** nos reduzir à mera engrenagem do sistema; **tenta** anular nossos afetos; **tenta** nos converter em máquina; **tenta** nos transformar em seres socialmente incapazes. Mas, querida, esse é apenas um lado da moeda. Existe uma energia de descontentamento que não se deixa colonizar (MIGNOLO, 2007). E essa energia está presente em todos os espaços, em todas as pessoas que se dispõem a uma *torção do olhar*, o que nas palavras de Reis (2022, p. 43-44):

[...] revela um outro plano histórico em que a colonialidade e suas estratégias de dominação (despojo, censura, clausura, genocídio, epistemicídio, apagamento) são friccionadas constantemente pelas decolonialidades e suas potencialidades transgressivas (re-originação do mundo, autoinscrição positiva no interior do mundo, protagonismo, r-existência).

Foi a partir desse encontro que voltei a minha lente de pesquisa para um olhar que procura ver o mundo como sala de aula, o cotidiano como campo fértil para o nascimento e a manutenção de insurgências. Assim, sem pretensões salvacionistas, passei a me questionar: como seria possível contribuir para a realização de uma pesquisa comprometida com a mudança social, sem perder de vista a realidade cotidianamente possível das pessoas? Dessa forma, eu acabei chegando até os Estudos do cotidiano, tema que será abordado, de forma mais aprofundada, no terceiro capítulo, responsável pela composição dos diálogos teóricos.

Novamente as questões de pesquisa foram se modificando dentro de mim. Foi assim que, mais uma vez, me reencontrei com a colagem. Agora, o desafio seria tecer um diálogo frutífero entre esse fazer manual e os ECD, sem abandonar a lente decolonial, sempre disposta a (re)construir, a descortinar o fluxo insurgente da vida. Passei então a refletir sobre a possibilidade de pequenas transformações cotidianas que refletem potenciais mudanças no campo social, coletivo. Seria possível a ampliação de posturas crítico-transgressivas, através da prática da colagem e da escrita autoral, frente à propagação de discursos hegemonicamente preparados pelo sistema colonial-moderno? **E como eu, nós, professoras-pesquisadoras, agentes do cotidiano poderíamos contribuir para o fomento de potenciais reflexivos, agenciadores e criativos a fim de combater discursos que se pretendem desumanizantes?**

Sem respostas definitivas, escolhi (ou fui escolhida para?) desenvolver esta pesquisa a partir de uma rede que, em acordo com Freire (1968[2005]), não separa educação e vivência. Segundo Paulo Freire (1967, p. 36), “a educação, para se transmutar em força de mudança e de libertação, deve ser desvestida da roupagem da alienação”. Cabe abordar ainda a ideia da professora como intelectual transformadora que, para Giroux, é “capaz de oferecer uma contraideologia para as pedagogias instrumentais e administrativas que separam concepção de execução e ignoram a especificidade das experiências e formas subjetivas que moldam o comportamento dos estudantes e professores.” (GIROUX, 1997).

Através de uma pedagogia crítica, voltada para o combate à tentativa diária de alienação do pensamento, e nas palavras de hooks (2013), comprometida em abraçar a mudança, acessamos frestas cotidianamente abertas, dispostas a (micro)transformações sociais:

Todos nós, na academia e na cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais – e a sociedade – de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade (HOOKS, 2013, p. 50).

Nessa disposição para o atravessar de fendas abertas, evoco Walsh (2013), que nos ensina acerca da necessidade de uma prática educacional capaz de integrar individual e coletivo:

Pedagogias que se esforçam para abrir gretas e provocar aprendizados, desaprender e reaprender, desapegos e novos apegos; pedagogias que buscam plantar sementes, não dogmas ou doutrinas, esclarecer e enredar caminhos, e mover horizontes de teorizar, pensar, fazer, ser, sentir, olhar e escutar — individual e coletivamente— em direção ao decolonial (p. 66-67)

É nesse contexto, no qual o sistema moderno-colonial (leia-se moderno-colonial-patriarcal-capitalista-neoliberal) se presta a tentativas diárias de desumanização, que esta

pesquisa se desenvolve. Memória, (des)tempo, encantamento e resistência, trabalhadas através da colagem e da escrita autoral, constituem ferramentas eficazes para o combate a discursos que pretendem o extermínio das nossas possibilidades de produção de sentido de mundo(s). Esta pesquisa procura investigar de que maneiras as práticas discursivo-identitárias, desenvolvidas em comunidade, podem contribuir para a ampliação de posturas crítico-transgressivas frente às tentativas de manutenção de aspectos da colonialidade do poder, do saber e do ser, com foco nas identidades pessoal, social e de agente de mudança.

Retomo, pois, o questionamento com o qual iniciei esta seção, tomando o cuidado de recontextualizá-lo para o cenário “pós-pandêmico”: **“É possível fazer poesia depois de Auschwitz?”** Humildemente, acredito que, para além de ser possível, é necessário. E friso, temos feito, cotidianamente, poesia. Andamos a fazê-la, munidas de uma emergência decolonial (MIGNOLO, 2007), de uma potência criadora de re-originação de mundo (REIS, 2022) que nos invade diariamente desde o dia em que o primeiro colonizador pisou em Abya Yala⁷. Assim, passemos ao primeiro momento prático das oficinas construídas em comunidade.

2.2 Escolhendo: por olhares outros (algumas reflexões teórico-práticas acerca da memória e da colonialidade do ser)

13.05.22

A minha avó Maria Catarina, mãe da minha mãe, também usava tesouras, mas para fazer as mudas com as quais ela trabalhava. Era mudeira. Na porta de sua casa havia um enorme pé de Primavera. O que abastava no trabalho, ela não abastava em seu quintal. Se fosse hoje, eu lhe teria dado uma tesoura para que juntas pudéssemos aparar os galhos e o tempo que perdemos de convivência.

(Paulinha)

A primeira dessas comunidades deu-se como fruto de um questionamento nascido, em mim, a partir da releitura do texto *“A importância do ato de ler”* (FREIRE, 1989). As demais oficinas, irmãs dessa primeira, foram concebidas a partir da atualização das vivências anteriores em diálogo com os encontros que estavam sendo experienciados naquele momento.

⁷ Escolhi utilizar o termo Abya Yala, em acordo com Walsh (2016), por se tratar de uma “opção não eurocêntrica, não antropocêntrica, e não patriarcal, uma opção com enraizamento territorial em que todos os seres fazem parte” (2016, s/p).

Então foi da seguinte inquietação que nasceram as comunidades de aprendizagem e mudança de colagem e escrita autoral: **como podemos conservar a capacidade de ler o mundo depois de lermos, quase perfeitamente, as palavras?**

O objetivo principal das oficinas não foi o de apresentar técnicas propriamente ditas, mas, sim, suscitar nas participantes, um olhar atento para o cotidiano, trazendo a colagem e a escrita criativa como formas insurgentemente poéticas de habitar um mundo atravessado por ideologias desumanizantes, oriundas de discursos hegemonicamente preparados por um sistema que pretende aniquilar a possibilidade da produção de subjetividades. A proposta foi abordar perspectivas outras de estar no mundo e de percebê-lo, social e discursivamente, junto às práticas de autoria criativa e de seus gestos fundamentais, quais sejam impulso, intuição e pulsação (DIAS, 2021).

E, a partir dessa inquietação, emergiu a primeira dinâmica, onde as participantes, após a leitura do texto de Freire, deveriam escrever sem parar, por sete minutos, procurando responder à seguinte pergunta: **“qual é a sua *palavramundo*?”**

Nesse ponto costuramos diálogos acerca do potencial transformador existente no cotidiano, que, por vezes, é socialmente desacreditado. Questionar-se sobre a própria *palavramundo* traduz uma possível ruptura com classificações e valorações provenientes de um sistema epistemológico que afasta a razão da emoção. É potente ver como, delicadamente, Paulo Freire trata a leitura do mundo e a leitura da palavra como formas complementares de conhecimento (1989, p. 09):

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Decorrida a dinâmica, adentramos ao momento da escolha. Nele, trabalhamos temáticas atinentes à autonomia de nossas escolhas diárias, bem como às possibilidades de combatermos a colonialidade do ser através da ressignificação de nossas memórias. Trata-se do momento da escolha dos materiais que comporão a colagem e a escrita autoral. Escolhemos as palavras, as imagens, os sentipensares com base em nossas vivências, experiências, por sua vez, atravessadas pelos discursos que chegam até nós.

Realizamos a leitura do seguinte fragmento do livro *“O perigo de uma história única”*, da autora Chimamanda N. Adichie: **“É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna”** (2019, p. 13). Esse

trecho foi um dos fios condutores para reflexões acerca dos impactos causados pelo sistema moderno-colonial em nossas relações com a memória e, conseqüentemente, com a autonomia de nossas escolhas.

A partir da teoria da colonialidade do poder, Quijano (2005) tece um panorama entre a invasão da América, bem como a constituição de um novo padrão de poder mundial, representado pela configuração de dois eixos fundamentais: a codificação das diferenças entre conquistados e conquistadores a partir da ideia de raça; e a articulação do controle do trabalho a partir dessa nova ótica (QUIJANO, 2005, p. 107).

A ideia de raça foi desenvolvida a partir da construção da subalternidade com base na equivocada e perversa premissa de inferioridade biológica, que foi atribuída aos povos tidos como conquistados, o que posteriormente desembocou na elaboração de uma perspectiva eurocêntrica de conhecimento, naturalizando relações coloniais baseadas na assimetria de poder entre europeus e não-europeus. Nesse sentido, Quijano nos ensina:

Na América, a idéia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova id-entidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração teórica da idéia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas idéias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados (QUIJANO, 2005, p. 107).

Essa sistemática foi capaz de converter a ideia de raça, nas palavras do autor, no modo básico de classificação social universal da população mundial. Em meados do século XVI, já estávamos diante do que Thompson (1995), muitos séculos depois, denominou “expurgo do outro”, que, conforme veremos no terceiro capítulo (vide quadro p. 37-38), corresponde à estratégia de construção simbólica relativa ao modo de operação ideológica da fragmentação. Propõe-se que seja arrancada a humanidade de alguns seres para que seja mantido o *privilégio da exclusiva humanidade* de outros.

Essa configuração, trouxe ainda muitas implicações nos campos da produção de conhecimento (como veremos no quarto capítulo), bem como no da subjetividade. Nesse sentido, é importante chamar para esta roda Maldonado-Torres e sua contribuição acerca da colonialidade do ser:

A colonialidade do ser envolve a introdução da lógica colonial nas concepções e na experiência de tempo e espaço, bem como na subjetividade. A colonialidade do ser inclui a colonialidade da visão e dos demais sentidos, que são meios em virtude dos quais os sujeitos têm um senso de si e do seu mundo. Uma exploração da colonialidade do ser, portanto, requer uma averiguação da colonialidade do tempo e do espaço, bem

como da subjetividade, incluindo a colonialidade do ver, do sentir e do experienciar (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 43-44).

Falar de memória e, em consequência, de autonomia de nossas escolhas cotidianas exige um olhar profundo para questões intimamente ligadas à tentativa de aniquilação da possibilidade de produção de sentidos de mundo(s). A extensão da colonialidade sobre nossas subjetividades impacta nossas formas de ver o mundo. Tal incidência se constrói diariamente através da disseminação de discursos mantenedores de um ímpeto colonizador, invasor, também, do nosso imaginário.

Rufino (2021) alerta-nos para uma política de morte praticada pela dominação colonial, no sentido de provocar o desarranjo das memórias, o dismantelo cognitivo e a dissonância das percepções. Por outro lado, o autor apresenta-nos memória e ancestralidade enquanto políticas de vida:

Não à toa, aqueles que invocam as palavras de força no cair da noite ritualizam a vida e seus ciclos com cantos, dança, plantio, colheita e festa para permanecer criança, virar bicho, vibrar folha e desaguar nas marés do tempo. São os mesmos que acionam a memória e a ancestralidade como tecnologia e política de vida diante do desencante (RUFINO, 2021, p. 17).

É no sentido de fomentar a resistência (que já pulsa viva em cada agente cotidiana) que as oficinas partiram da disposição para construirmos coletivamente formas insurgentemente poéticas de habitar o mundo, ou melhor, os mundos. São maneiras poéticas de habitação a partir da poesia enquanto *destilação reveladora da experiência* (LORDE, 2019). A autora ensina-nos que, na contramão da perspectiva europeia de ver o mundo como um problema a ser resolvido, precisamos, a partir de nossa ancestralidade, acessar a vida como situação de experimento e interação (LORDE, 2019, p. 45).

Assim como a escolha de imagens e objetos (ou qualquer outro material) está para a colagem, a escolha das palavras está para a escrita. À vista disso, a autoria criativa (DIAS, 2021) apresenta-se como ferramenta insurgente à tentativa permanente de colonização da nossa memória, uma vez que propõe uma *torção no olhar*, no sentido de construirmos uma postura poética de vida, capaz de acessar as *grietas* cotidianas (WALSH, 2013) da criatividade, inclusive através do elo ancestral. O ato da escolha aqui proposto convida as co-pesquisadoras a um exercício de decolonização do olhar. Para Davidoff e Kaplan (2014, p. 11):

Tantos são os pressupostos que se insinuam em nosso modo de enxergar – sem percebermos, sem nos darmos conta – que podemos acabar herdando um mundo que nos foi dado por outros ao invés de ver o mundo que está sendo criado através de nossa participação intencional a cada momento.

Ante às reflexões apontadas, surgiu o seguinte questionamento: **recordamos de fato ou pedimos licença para lembrar?** Em uma das oficinas ministradas havia um grupo de mulheres intelectuais pretas, o que encheu o meu coração. Eu fiquei extremamente esperançosa, no sentido freireano da palavra, com a presença delas! Neste ponto é interessante trazer à tona o nascimento de uma grande (micro)r-existência ali mesmo. Durante o desenvolvimento da oficina, uma delas levantou a mão e contribuiu com a reflexão trazendo à tona o fato de que ela não se recorda, tampouco está autorizada a lembrar. Para ela, o que ocorre é que ela vem (re)contando a sua história. Dessa forma, refaço o questionamento anterior, a partir da contribuição reflexiva mencionada: **temos (re)contado a nossa história?**

Com base nas reflexões construídas, as co-pesquisadoras foram convidadas à escolha de palavras, imagens, objetos, sentipensares para a composição de seu texto e/ou colagem.

Vamos escolher?

CAPÍTULO 3

RECORTANDO: DIÁLOGOS TEÓRICOS

*“Foram tesouras esquecidas que cortaram
em seu umbigo o fio de sua mãe”
(Pablo Neruda, 2021, p. 46)*



colagem 05 – “Destempo”

Colagem analógica, linha, intervalo e profunda respiração sobre papel.

Este capítulo trata dos diálogos teóricos desta pesquisa, bem como do segundo momento da prática de colagem e escrita autoral, qual seja ‘recortando’. Encontra-se dividido em duas partes, sendo que a primeira se desenvolve a partir dos fundamentos teóricos que embasam este trabalho (seções 3.1 a 3.3). A segunda aborda a parte teórico-prática das comunidades de escrita e colagem construídas junto ao GECRIA (seção 3.4).

3.1 Estudos críticos do discurso

A reconciliação entre mim e minhas mãos foi então o primeiro passo para que eu desse ouvidos ao antigo desejo de trabalhar com a Educação. Fico emocionada quando me lembro de o quanto os trabalhos manuais, sobretudo o bordado e a colagem, estão ligados a esse processo de (re)construção de identidade e tomada de consciência crítica sobre mim e com o mundo. Em 2021, já cursando o mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL/UnB, bem como participando dos encontros semanais do GECRIA, fui trabalhando, cada vez mais, os fazeres manuais, mais especificamente a colagem analógica, atrelada à produção de textos literários e, também, acadêmicos.

No GECRIA, partimos da concepção dos Estudos Críticos do Discurso (FAIRCLOUGH, 1989, 1995, 2001, 2003a; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), que reconhecem a linguagem como parte indissociável da vida social. É importante pontuar que este trabalho se vincula à vertente relacional-dialética, também conhecida como Análise de Discurso Crítica (ADC) faircloughiana que, por sua vez, estabelece particularidades dialógicas entre teoria social crítica e linguística (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001, 2003).

Para Resende e Vieira, a Análise de Discurso Crítica, “em um sentido amplo, refere-se a um conjunto de abordagens científicas interdisciplinares para estudos críticos da linguagem como prática social” (RESENDE; VIEIRA, 2016, p. 14). Neste sentido, Fairclough apresenta-nos o discurso “como uma prática não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92). Segundo Resende e Vieira, tal concepção do discurso evidencia a linguagem como parte da vida social, pressupondo uma relação dialética e interna entre sociedade e linguagem. Afirmam ainda que “o termo ‘Análise de Discurso Crítica’, como campo de investigação do discurso em práticas contextualizadas, é heterogênea, instável e aberta.” (RESENDE e VIEIRA, 2016).

Para Fairclough (2001), a Teoria Social do Discurso atribui à linguagem um lugar mais central na vida social, tornando-se inovadora ao passo que estende suas preocupações também às possibilidades de transformação social, não se limitando ao papel da linguagem na reprodução das práticas sociais. O autor afirma a necessidade de uma visão crítica acerca do papel da linguagem na organização e manutenção da hegemonia de determinados grupos sociais em detrimento de outros (FAIRCLOUGH, 2001).

A ADC possui características peculiares, dentre as quais se destaca a transdisciplinaridade, que consiste no “diálogo entre várias teorias, especialmente daquelas teorias sociais por um lado e teorias linguísticas por outro.” (CHOULIARAKI;

FAIRCLOUGH, 1999). Nesse sentido, Dias destaca que “o caráter transdisciplinar da ADC advém do ‘rompimento de fronteiras epistemológicas’ com teorias sociais, por meio do qual constrói sua própria abordagem sociodiscursiva assim como subsidia os estudos discursivos no bojo das pesquisas sociais” (DIAS, 2011, p. 215).

Sobre o engajamento social da ADC, para Resende e Vieira (2016), “as diferentes vertentes dos estudos críticos devem manter explícitos os seus posicionamentos.” Nesse sentido, Fairclough destaca:

Essa é uma razão para se defender uma modalidade de educação linguística que enfatize a consciência crítica dos processos ideológicos do discurso, para que as pessoas possam tornar-se mais conscientes de suas próprias práticas e mais críticas dos discursos investidos ideologicamente a que são submetidas (FAIRCLOUGH, 1992, p. 120).

Para Dias (2015, p 19), “a escolha teórica não pode ser vista como neutra, uma vez que pressupõe crenças, objetivos, ideologias, bem como interações específicas que ocorreram ao longo da realização da pesquisa, o que em seu conjunto, pressupõe toda uma prática teórica.” Vale dizer que, como analistas do discurso, tratamos o texto levando em consideração a sua diversidade semiótica, abarcando, assim, as artes e linguagens não-verbais as artes e linguagens não-verbais. Para Resende e Vieira (2016, p. 23):

Assim, temos que o suporte científico oferecido pela ADC, para questionamentos de problemas parcialmente discursivos relacionados a poder, envolve o trabalho com textos, em qualquer modalidade – orais, sonoros, escritos, visuais – e sob qualquer forma – entrevistas, reportagens, publicidades, narrativas de vida, filmes e assim por diante.

Ainda segundo as autoras, o principal objetivo da ADC consiste na investigação dos usos da linguagem nas organizações, instituições e relações sociais, bem como das conexões atinentes ao poder, hegemonia e ideologia. Nesse sentido, é importante fazer algumas considerações acerca dessas categorias.

Para a ADC, o poder encontra-se intimamente relacionado ao conceito de dominação, concentrando-se, mais a fundo no abuso de poder. Segundo Van Dijk (2015, p. 10), “[...] os ECD não estão meramente interessados em qualquer tipo de poder, mas especificamente se concentram no *abuso* de poder, isto é, nas formas de dominação que resultam em desigualdades e injustiça sociais”.

Outra questão importante é que, para a ADC, o poder é instável, ou seja, relações assimétricas podem ser alteradas, invertidas e superadas. Nesse sentido, Fairclough (2001, p. 127) define a hegemonia como sendo “o poder sobre a sociedade como um todo de uma das

classes economicamente definidas como fundamentais, em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável’”. Para o autor, a hegemonia se estabelece através da construção de alianças mediante concessões, a fim de alcançar o consentimento, viabilizando, assim, a assimetria do poder nas relações (FAIRCLOUGH, 2001). Nessas frestas de instabilidade é que se instalam as lutas pelo poder, o que caracteriza os processos hegemônicos como não estáticos, logo, onde há dominação, há resistência.

Quanto à ideologia, Fairclough (2001) parte de bases teóricas fornecidas por Althusser (1971), contudo, vai além. Em acordo com Thompson (1995), adota uma concepção que parte da caracterização das ideologias enquanto relações de dominação. Para Thompson (1995), existem duas concepções de ideologia: a primeira, que admite a neutralidade da ideologia, tratando-a como um aspecto da vida social, o que a desvincula de interesses de grupos particulares, não sendo, portanto, ilusória tampouco enganadora; a segunda concepção, denominada crítica, é aquela a partir da qual a ideologia possui um sentido negativo, eivado de engano e ilusão. Esta concepção é a adotada pela ADC, haja vista o seu interesse pela imbricação entre as formas simbólicas, sejam elas linguísticas ou não, e o poder.

Thompson (1995) apresenta-nos cinco modos gerais de operação ideológica, bem como algumas estratégias típicas de construção simbólica, conforme quadro abaixo. Vale dizer que o próprio autor considera não apenas a possibilidade de operação conjunta desses modos, mas também o fato de que a ideologia pode operar de outras formas.

Quadro 02 – Modos de operação da ideologia

Modos gerais	Algumas Estratégias Típicas de Construção Simbólica
<p>Legitimação: relações de poder são estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem representadas como legítimas.</p>	<p>Racionalização: construção de uma cadeia de raciocínio que pretende defender ou justificar um conjunto de relações e/ou instituições sociais, com finalidades persuasivas.</p> <p>Universalização: acordos institucionais que, na verdade, servem aos interesses de pequena parcela da população são apresentados como servindo aos interesses de todas as pessoas.</p> <p>Narrativização: inserção de exigências em histórias que contam o passado e tratam o presente como parte de uma tradição eterna e aceitável.</p>
<p>Dissimulação: relações de poder são estabelecidas e sustentadas em razão de serem negadas, ocultadas ou obscurecidas.</p>	<p>Deslocamento: conotações positivas ou negativas, referentes a determinado termo, são transferidas para outro objeto ou outra pessoa.</p>

	<p>Eufemização: ações, instituições ou relações sociais são descritas ou redescritas de modo a despertar uma valoração positiva.</p> <p>Tropo: sinédoque, metonímia e metáfora podem ser usadas para dissimular relações de poder.</p>
<p>Unificação: relações de poder são estabelecidas e mantidas através da construção, em nível simbólico, de uma suposta unidade que interliga pessoas em uma identidade coletiva.</p>	<p>Padronização: formas simbólicas adaptadas a um referencial padrão, que é proposto como um fundamento partilhado e aceitável de troca simbólica.</p> <p>Simbolização da unidade: construção de símbolos de unidade, de identidade e identificação coletivas, que são difundidas através de um grupo ou de vários grupos.</p>
<p>Fragmentação: relações de poder são estabelecidas e sustentadas através da segmentação de pessoas e de grupos.</p>	<p>Diferenciação: ênfase nas distinções, diferenças e divisões entre pessoas e grupos, apoiando as características que os desunem.</p> <p>Expurgo do outro: construção de um inimigo, seja ele interno ou externo, que é retratado como mau, perigoso e ameaçador.</p>
<p>Reificação: estabelecimento e manutenção de relações de poder através da retratação de uma situação transitória como se ela fosse permanente, natural, atemporal</p>	<p>Naturalização: criações sociais e históricas são tratadas como acontecimentos naturais ou como resultados de características naturais.</p> <p>Eternalização: fenômenos sócio-históricos são esvaziados de seu caráter histórico ao serem apresentados como permanentes, imutáveis e recorrentes.</p> <p>Nominalização/passivização: na nominalização, sentenças ou parte delas são transformadas em nomes, enquanto na passivização, verbos são colocados na voz passiva, apagando atores e/ou ações.</p>

Fonte: Adaptado de Thompson (1995, p. 81-89).

Para Wodak (apud QUEIROZ, 2020, p. 99), “Considerando as diferentes manifestações da ideologia, a ADC possibilita a análise das relações de poder que sustentam desigualdades e aparecem como convenções sociais, apontando possibilidades de resistência”. Dessa forma, a análise discursiva crítica beneficia-se da possibilidade de identificação dos modos pelos quais opera a ideologia, haja vista a possibilidade de reconhecimento de operações estruturais e relações fundadas na assimetria de poder, capazes de inculcar discursos que desembocaram na construção e (re)produção de sentidos de mundo(s) das pessoas.

Entre outros e, também, por tais motivos, anoro este trabalho nos Estudos Críticos do Discurso que, por sua vez, se apresentam como uma ferramenta socialmente eficiente no combate à tentativa moderno-colonial de esvaziamento do pensamento crítico e da capacidade afetiva do ser humano.

3.2 Autoria criativa: colagem e escrita autoral

Através das comunidades criativas do GECRIA, conheci a autoria criativa (DIAS E OUTRAS, 2021), que se constitui como uma pedagogia da escrita criativa, de caráter transdisciplinar, sustentando-se na encruzilhada da ecologia dos saberes. Esta metodologia atravessa diversos caminhos, entre os quais a pedagogia crítica, os estudos críticos de discurso, a escrita criativa autoral, bem como o protagonismo dos textos e a estilística da Língua Portuguesa (DIAS, 2021). Desenvolve-se a partir de um ensino que, nas palavras de Dias (2021), caracteriza-se como prática de emancipação para ganho de autonomia na prática de escrita.

Partindo da fenomenologia da consciência humana (DIAS e outras, 2021), a autoria criativa enxerga o ser humano em sua integralidade, como ser autonomamente capaz de pensar, sentir e agir (STEINER, 2008). Senti-me, digamos, ‘epistemologicamente acolhida’ ao praticar uma escrita autoral que se preocupa, de forma sistêmica, com pensamento, sentimento e ação. Observação ativa, visão de sistemas, versatilidade de consciência, bem como a capacidade cognitiva como um modo de pensar vivo e criativo (DIAS e outras, 2021) estão entre os passos para a escrita verdadeiramente comprometida com a autoria criativa.

Segundo Bach Jr. (2017), a fenomenologia da consciência humana “é postura investigativa com o intuito de descobrir padrões típicos e tendências na existência humana, permitindo ao sujeito realizar um processo de autotransformação para a formação da própria identidade” (BACH JR., 2017, p. 233). Para tanto, é necessário um trabalho cujo percurso esteja alinhado com o desenvolvimento, de forma crítica, das consciências linguística, estilística e identitária, viabilizando, assim, através da escrita e demais formas de expressão artística, a capacidade de agência humana.

A autoria criativa compromete-se ainda com práticas autorais de resistência transgressiva, para além da crítica (DIAS; COROA; LIMA, 2018). Nesse sentido, Dias, Coroa e Lima (2018), apresentam-nos a diferenciação entre resistência reacionária e resistência transgressiva, sobretudo em práticas educacionais. Para as autoras, a resistência reacionária consiste em “ação política que atua para a conservação das desigualdades e injustiças sociais, mantendo privilégios de certos grupos sociais.” A resistência transgressiva, por sua vez, assinala “a intenção de transgredir, política e teoricamente, os limites do pensamento e da ação tradicionais, não somente entrando em território proibido, mas tentando pensar o que não deveria ser pensado, fazer o que não deveria ser feito” (2018, p. 34).

Resistir transgressivamente é, portanto, praticar uma desobediência com propósito, crítica, reflexiva e transgressiva. Nesse transgredir há compromisso com a mudança (HOOKS, 2013), com o afastamento dos pressupostos epistemológicos fundantes do sistema moderno-colonial. Os estudos críticos da linguagem, sob o viés da resistência transgressiva, priorizam o contato das pessoas com uma perspectiva autoral criativa, uma vez que a escrita não se fundamenta nas estruturas linguísticas rígidas, mas sim na compreensão do que constituem tais estruturas nas práticas sociais e na formação dos sujeitos participantes da relação educacional:

Encontramos aqui mais um entrecruzamento característico das reflexões atuais: a transcendência das descrições em direção a um agir autoral amado. Trata-se de desenvolver um amor à ação (HOOKS, 2013; STEINER, 2008 [1919]), de modo que ‘meu’ agir se movimenta através do ‘meu eu’ e não do ‘eu’ de um outrem externo a mim (COROA; DIAS; LIMA, 2018, p. 37).

No sentido de quebrar condutas baseadas na exclusão, bem como de fortalecer o avanço do debate acerca da teoria social da linguagem, a autoria criativa, em consonância com Magalhães (2017), compreende como protagonistas da relação não apenas os sujeitos, mas também os textos, em razão da agência que lhes é atribuída. Para a autora, os textos protagonistas possuem as seguintes características:

O poder de produzir significados e evocar lembranças; a portabilidade no tempo, no espaço e no contexto; a durabilidade; os efeitos causais, chamando atenção para determinados aspectos do mundo social e construindo identidades (WENGER, 1998; BARTON; HAMILTON, 2005; MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017) (MAGALHÃES, 2017, p. 585).

O meu encontro teórico com a autoria criativa nasceu simultaneamente a um outro (re)encontro: a prática da colagem. Assim foi que eu percebi a possibilidade de realizar trabalhos manuais atrelados aos ECD, portanto, engajados com a transformação social. À medida que as leituras teóricas iam me atravessando, fui criando concomitantemente textos e colagens analógicas. O devir criativo permitiu que texto e fazer-manual se emaranhassem desconsiderando qualquer hierarquia. A ruptura com conceitos/verdades cristalizadas faz nascer uma liberdade autoral que, para mim, traduziu-se na escrita para além de palavras, o que carinhosamente passei a chamar de ‘linguagens insurgentes’.

A travessia metodológica da autoria criativa encontra o seu fluxo através de três gestos, quais sejam impulso, intuição e pulsação, que por sua vez, também conversam diretamente com a prática manual da colagem enquanto instrumento reflexivo. Para Dias (2021), o gesto do impulso traduz o desbloqueio:

Neste gesto é preciso identificar as ‘vozes’ internas que colocam nossa identidade escritora para ‘baixo’ e esboçar, em forma de diário de bordo (registros escritos sistemáticos e completamente livres), o que cada mensagem nos diz e em que

momento fundante essa mensagem se instaurou no nosso ethos autoral. Muitas vezes, ao localizar as raízes desses bloqueios já estamos suficientemente prontos para liberá-los (2021, p. 31).

Esse gesto apresenta íntima ligação com a prática cotidiana da colagem. Isso porque ele prevê a ruptura com o paradigma estrutural de que o ato de escrever, e nesse caso, o de colar, consiste em uma tarefa inalcançável, restrita aos detentores de algum dom especial. Nesse ponto, acho interessante abordar o viés democrático apresentado pela autoria criativa. Para a escrita convencional, necessitamos da palavra. Ela é nossa matéria prima. Para a colagem, papéis e/ou objetos outros resolvem bem. Na ausência de instrumento cortante, transformamos nossas próprias mãos em tesouras habilmente capacitadas. Rasgamos papéis, palavras e, simultaneamente, velhos dogmas, crenças cristalizadas.

Sobre o gesto da intuição, Dias (2021, p. 31) nos ensina que se trata do trabalho com a linguagem:

Chamamos esta etapa de jornada da linguagem, com foco na estilística, na construção das frases e dos parágrafos, bem como nas escolhas das palavras. Exploramos a reescrita como caminho da autoria criativa e da consciência estilística. Estudamos a polifonia, a diferença entre ‘dizer’ e ‘mostrar’, filtros narrativos, binômios fantásticos etc. Tomamos como caminho metodológico muitas práticas de reescritas e de leituras atentas (análises estilísticas de textos conhecidos e de textos produzidos pela própria turma).

Da mesma forma, esse gesto conversa diretamente com a colagem, sobretudo no que diz respeito ao primeiro momento da prática, apresentada no capítulo anterior, qual seja ‘escolhendo’, bem como ao segundo (que será mais à frente apresentado), qual seja ‘recortando’. Isso porque, através desses momentos, e a partir dos diálogos reflexivos construídos em comunidade, as autoras são convidadas a escolher e a recortar as palavras e/ou imagens para a composição de sua produção criativa. Trata-se de um amplo convite para exercitarmos a torção de nossos olhares (QUIJANO, 2005). Convida à reflexão acerca da possibilidade de perspectivas outras, para além daquelas previstas em discursos que nos são impostos. É um momento que faz nascer a autonomia em nossa autoria. É também um convite para que a escolha e o recorte, de forma consciente, sejam levados para a nossa vida cotidiana.

Acerca do gesto da pulsação, Dias defende que consiste no ápice da presença (2021, p. 31):

A escrita passa a fazer parte da vida, de cada momento, de cada encontro. Não há mais separação entre quem escreve e sobre o que se escreve. É quando dizemos ‘sim’ a vida com tudo o que a vida tem e quando assumimos nossa autoria e nosso protagonismo, bem como consideramos nossos textos como protagonistas no mundo; como atos de resistência contra uma visão da vida como uma massa cinzenta, sem presença de seres humanos reais, sem fluxos criativos e insurgentes; é uma resistência crítica da autoria. A isso chamamos de autoria criativa.

Por sua vez, esse gesto dialoga profundamente com os dois últimos momentos da prática da colagem, os quais apresento nos capítulos seguintes. No quarto capítulo: *'acolhendo o acaso'*, onde tecemos reflexões acerca do encantamento cotidiano, postura crítica transgressiva, como instrumento de resistência cotidiana. No quinto capítulo: *'(des)Colando'*, onde refletimos sobre as possibilidades de (micro)transformações sociais no seio da prática da autoria criativa. Oportunamente, discorrerei de maneira mais aprofundada no tocante aos momentos aqui descritos.

Assim, diante de um emaranhado de possibilidades teóricas e práticas, eu me vi parindo textos e trabalhos manuais fecundados em um processo de autorreflexividade crítica. Das minhas mãos transbordavam textos e, ao mesmo tempo, colagens (com materiais diversos, inclusive objetos afetivos) capazes de traduzir o que as reflexões acadêmicas faziam nascer em mim. Desde então, venho vivenciando uma potente conexão entre coração, mãos e cérebro. Eu estava diante do *"sentipensar"* (TORRE, 2001). Para Torre, trata-se do *"processo mediante o qual colocamos para trabalhar conjuntamente o pensamento e o sentimento [...], é a fusão de duas formas de interpretar a realidade, a partir da reflexão e do impacto emocional, até convergir num mesmo ato de conhecimento a ação de sentir e pensar"* (2001, p. 01).

A possibilidade de criar colagens que expressassem minhas inquietações acerca do mundo, a partir de discussões teóricas que me foram apresentadas durante as aulas junto ao PPGL/UnB, fez nascer em mim um olhar amplificado no que tange à potência agenciadora que decorre do fazer manual. Senti-me instigada à proposição de oficinas para a promoção da construção coletiva de conhecimentos, comprometida com a tecitura de firmes, porém flexíveis, tramas entre razão e emoção. Reconectei-me com a decisão anteriormente mencionada de *'nunca mais deixar de me emocionar'*.

Nesse sentido, Arias nos ensina sobre a necessidade de trazermos para a academia uma composição de conhecimento que rompa com a classificação de pensar e sentir como sendo categorias separadas. É o que o autor denomina de *"Corazonar: uma antropologia comprometida com a vida"*. Para ele, tal perspectiva *"constitui uma resposta política insurgente contra a colonialidade, pois desloca a hegemonia da razão e mostra que nossa humanidade se constitui na inter-relação entre afetividade e razão"* (ARIAS, 2010, s/p).

É importante situar que as práticas de escrita autoral e colagem, as quais constituem a estrutura das oficinas propostas nessa pesquisa, encontram-se dentro da margem teórico-metodológica apresentada pela autoria criativa.

Praticando a colagem e a escrita autoral cotidianamente, deparei-me com uma obra inspiradora: “A collage como trajetória amorosa”, de Fernando Freitas Fuão. Nela, o autor nos apresenta uma teoria de criação da *collage*, a partir das etapas que ele denomina Recorte; Fragmentos ou Figuras; e Encontros. Apesar de discordar em alguns pontos, como veremos abaixo, esse livro me abriu os horizontes acerca das possibilidades de levar a colagem para a seara acadêmica, ainda que dentro de um programa de linguística.

Passo agora a algumas considerações acerca do motivo pelo qual entendo chamar a desobediência manual aqui proposta de “colagem” e não de “collage”, como convencionam muitos artistas praticantes da técnica, os quais muito admiro e respeito. O meu propósito, nem de longe, é tecer oposições. Caminho melhor com a conjunção “e”. Para tanto, inicio com um trecho da obra “Casca”, de G. Didi- Huberman:

Julguei então por bem transformar essa genérica timidez diante das coisas, essa vontade de fugir ou de permanecer numa perpétua atenção flutuante, em observação de tudo que está embaixo: as primeiras coisas a serem vistas, as coisas que temos “debaixo do nariz”, as coisas chãs. Como se me curvar para ver me ajudasse a pensar melhor o que vejo (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 28).

Creio que o meu encantamento pelas *coisas chãs* tenha nascido da desobediência em olhar, insistentemente, para o asfalto, apesar da minha estatura e estrutura corporal me afastarem do chão. Por outro lado, e talvez, por obediência às flores do campo, eu tenha me chamado Paula – do latim – pequena. Assim, Paulinha, caminho a apanhar ninharias, estiradas pelo chão.

Para Fuão (2011, p. 10), “etimologicamente, a palavra collage é um derivado do verbo francês coller, que significa literalmente colar.” Por sua vez, o termo “colagem”, segundo o *Oxford Languages*, carrega consigo o seguinte significado: “ato ou efeito de colar.” De antemão, percebe-se que ambos os termos possuem raízes no verbo “colar”.

Sou admiradora do trabalho de Sérgio Lima, mas respeitosamente, discordo de sua concepção acerca da diferenciação entre os termos. Para Lima (1984, p. 22), “colagem”, ao contrário da “collage”, traduz um termo genérico cuja ênfase recai no tratamento do material e não em uma linguagem. Com humildade, discordo ainda de Max Ernst, quando afirma que “Collage é a transfiguração de todas as coisas e seres, em uma mudança de significados”

(FUÃO, 2011, p. 9). A “colagem”, em sua suposta simplicidade, não carrega consigo essa possibilidade de mudança? Ou ainda, reformulando a reflexão, essa potência transformadora não estaria dentro de cada ser humano que se propõe a criar e/ou que se sente tocado com o trabalho? Entendo, pois, que a pessoa mais capaz para responder acerca da potência transformadora de seu ato criativo seja aquela que, com suas mãos, mente e coração, se expressou através da colagem ou collage, como cada uma prefira.

A pesquisa aqui desenvolvida parte do cotidiano, um lugar comum, corriqueiro. Parte das *coisas chãs*, da centelha diária, insurgentemente possível. Eu falo do que nos é mais próximo e, ainda que eu falhe – e eu falho – todos os dias, pretendo que o meu norte seja o sul. O caráter genérico atribuído ao termo “colagem” não é capaz de minar o potencial reflexivo, agenciador e ‘sentipensante’ produzido enquanto nos expressamos através desse movimento transgressivamente banal.

A natureza transformadora está à disposição daquele ser que se propõe a criar, bem como daquele que se sente tocado pelo movimento criativo. Assim, entendo a ‘colagem’, como sendo, sim, uma linguagem que possibilita ao ser humano agir no mundo das mais variadas formas, a produzir agências outras, fazendo nascer resistência em lugares socialmente desacreditados. Há muita potência no ordinário, no comum, naquilo que não se aparta de nós. E, na tentativa de me afastar da racionalidade que prevê, quase sempre, o que nos é distante como sendo algo melhor, convenciono chamar essa pequena grande possibilidade de r-existir (PORTO-GONÇALVES, 2008): colagem. Enquanto sorvo, vagorosamente, o líquido precioso que, neste momento, inunda a minha xícara, cerro as pálpebras e peço perdão às pessoas que, com maestria teórica, defendem “collage”, mas eu sou das ninharias.

3.3 Cotidiano e (micro)r-existências

Para Certeau (1994, p. 31), o cotidiano “é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente.” E continua:

Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velados. [...]. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres.

Oliveira e Sgarbi (2008) apontam-nos a necessidade urgente de pensarmos epistemologicamente e politicamente o cotidiano, em consonância com o pensamento de Santos (2002, p. 273), segundo o qual “a justiça social global não é possível sem uma justiça cognitiva global”. No Brasil, o sistema educacional funda-se na ideia da sobreposição de um saber formal em detrimento de outros saberes, o que acarreta a mercantilização da superação da cultura popular (como algo de valor irrisório) com vistas ao alcance de uma cultura supostamente superior, revelando, nas palavras de Oliveira e Sgarbi (2008, p. 94), uma estrutura educacional que universaliza particularismos, desembocando, assim, na inferiorização do diferente.

Por outro lado, e segundo as mesmas autoras, pensar o cotidiano de forma política e epistemológica, auxilia na compreensão de que escalas hegemonicamente dominantes como o saber formal, o tempo linear e a cultura eurocêntrica não estão sós. Para elas, “A vida cotidiana tem seus modos próprios de acontecer, e nela estão presentes outros conhecimentos, tempos, escalas e culturas” (OLIVEIRA; SGARBI, 2009, p. 94).

Pensar o/com o cotidiano requer uma disposição atenta para que sejamos capazes de perceber a potência de se reinventar as formas de estar no mundo. Por exemplo, as táticas são, para Certeau (1994), alternativas de ação, perseverando em espaços onde a mínima forma de autonomia é tida como elemento inatingível. De forma quase invisível, as (micro)r-existências operam de forma insurgente face a um sistema que se pretende hegemônico. De acordo com Oliveira e Sgarbi (2008, p. 96),

“[...] na realidade cotidiana, há sempre locais e situações onde táticas (Certeau, 1994) e alternativas são postas em prática de modo a minimizar os problemas vinculados às normas, o que permite afirmar a permanência de certo espaço de exercício de autonomia dos sujeitos sociais no interior das normas estruturais.

Quijano (2005) propõe a noção de reoriginalização do mundo, que traduz a não aceitação ao lugar de subalternidade conferido à Abya Yala ao mesmo tempo em que reivindica o protagonismo da região. Segundo Reis (2022, p. 47), Quijano propõe o reposicionamento da região na História, revelando a faceta do sistema colonial na modernidade, restituindo, assim, a agência epistêmica, histórica e política dos sujeitos subalternizados. Para a autora, “É por meio dessa agência – potência criadora de *re-originação do mundo* – que os povos afroindígenas têm resistido à captura, ao solapamento e ao bloqueio impetrados pelo projeto hegemônico de poder e pela sociedade e identidade imaginadas do Estado-nação” (2022, p. 47).

Escrita autoral e colagem constituem instrumentos a serviço da luta contra-hegemônica, que nasce no micro (mas não por isso menos coletiva), dentro de cada uma, para reverberar no

macrossocial, ainda que em pequenas doses diárias. Para Pennicook (2010 apud PINTO; FABRÍCIO, 2013, p. 13):

[...] todo poder engendra resistência; e todo micropoder engendra microrresistências que, localizadas, não em um ponto único, mas em espaços tissulares, podem vir a movimentar o que é percebido como estrutura inerte, pré-configurada, e ‘sempre lá.

Assim, recontextualizando as perspectivas acima mencionadas para o cotidiano e para as suas agentes, chamo para o diálogo Porto-Gonçalves (2005) e o que o autor denominou “R-Existência”. Para ele (2005, p. 51):

Mas essa moderno-colonialidade não se inscreveu num espaço vazio de significação, mas sim em territórios (natureza+cultura) onde foram conformados padrões cognitivos próprios (MIGNOLO, 2003: 2 15). Por isso, mais do que resistência, o que se tem é R-Existência posto que não se reage, simplesmente a ação alheia, mas, sim, que algo pré-existe e é a partir dessa existência que se R-Existe. Existo, logo resisto. R-Existo.

A noção de ‘*R-Existência*’, dialoga diretamente com a proposta de ruptura com o paradigma moderno-colonial que dissocia o cotidiano não apenas da produção de saberes legítimos, mas também da visão de campo fecundo para transformações insurgentes, capazes de contribuir para a emancipação social.

É a partir desse diálogo que construo, para esta pesquisa, a perspectiva de (micro)r-existências cotidianas, para que sejamos capazes de (re)conhecer e praticar a potência insurgente, portanto, socialmente transformadora que emerge do cotidiano e de dentro de suas agentes, exímias *re-originadoras de mundo* (REIS, 2022).

Com base nessa lente é que foram construídas as oficinas de colagem e escrita autoral. A partir do cotidiano enquanto sala de aula, onde as agentes escolhendo, recortando, acolhendo o acaso e (des)colando praticam possibilidades diárias de autoatualização (HOOKS, 2013), ao passo que esse processo formativo, nunca completo, transmuta-se em uma infinita colagem. Segundo hooks (2013),

Todos nós, na academia e na cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais – e a sociedade – de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade (HOOKS, 2013, p. 50).

Neste sentido, as comunidades de colagem e escrita criativa devem ser abraçadas como potenciais capazes de promover a mudança social. Caminhando com uma pedagogia dialogicamente comprometida é possível que exerçamos empatia com a outra, fortalecendo,

assim, o elo comunitário. As oficinas traduziram-se em comunidades de mudança (DIAS; RIBEIRO, 2021) e de aprendizagem (HOOKS, 2020). Para hooks,

Nosso propósito deve ser o de criar *juntos*, embora por pouco tempo, uma comunidade de aprendizagem. Isso me posiciona como discente, como alguém que aprende [...] não afirmo que não vou mais ter poder. [...] Estou tentando dizer que aqui somos todos iguais na medida em que estamos igualmente comprometidos com a criação de um contexto de aprendizado (HOOKS, 2020, p. 204-205).

Nesse sentido, Dias e Ribeiro (2021, p. 87):

É preciso a criação de centros, comunidades, contextos em que as pessoas possam falar de seus medos, possam trazer os atravessamentos biográficos, abrir espaços de intimidade, criar vínculos de confiança e trocar sobre o que estão fazendo em suas lutas de engajamento com a mudança e como estão fazendo. (p. 87).

Trabalhar a agência humana a partir de (micro)r-existências cotidianas requer uma abordagem horizontalizada. Acredito, com sinceridade, que aí esteja a essência de (micro)r-existir: enxergar a potência transformadora, re-originadora (QUIJANO, 2005; REIS, 2022) do que é socialmente visto como resto, refugio, silêncio.

Assim, passaremos agora aos diálogos teórico-práticos construídos no contexto do segundo momento das oficinas propostas.

3.4 Recortando: a nossa relação com o (des)tempo (algumas reflexões teórico-práticas acerca do tempo e da colonialidade do poder)

Meados de 2020

O meu avô era barbeiro e o meu pai herdou-lhe o ofício. Assim, eu fui uma criança rodeada de tesouras, navalhas e objetos cortantes. Eu temia, constantemente, que o meu pai se cortasse durante o expediente. Eu não seria capaz de descrever a precisão da alinhada navalha em suas mãos. A tesoura era, pois, em minha fantasiosa imaginação, a mais cruel das ferramentas. Como podia o meu pai, fonte inesgotável de amor, usar, com tamanha maestria, aquela arma letal? Como um objeto profundamente cortante era capaz de manter aquecidos e bem alimentados os nossos estômagos?

Foi assim que, em meio aos restos alheios de cabelo, eu descobri que a tesoura é uma exímia produtora de ausências. Corta, tira pedaços, dilacera. Mas ela é, também, capaz de fazer nascer vida. Com uma gentil colherada, dá de comer, com prontidão, à escancarada boca das ressignificações.

(Paulinha)

Neste momento da oficina, os temas abordados referem-se, em sua maioria, à nossa relação com o (des)tempo. Trata-se do momento de recortar os sentipensares, as palavras, as imagens, anteriormente escolhidas, para que, através delas, possamos acessar intervalos diários,

penetrando frestas capazes de combater a colonialidade do poder. O tempo foi a macrocategoria sociodiscursiva que mais se manifestou neste momento. O que pretendo nesta seção e em suas respectivas subseções é tecer diálogos a respeito do impacto causado por algumas facetas da colonialidade do poder em nossas relações cotidianas com o (des)tempo, refletindo sobre possíveis maneiras de ressignificar esses vínculos através da autoria criativa, materializada nas práticas da colagem e da escrita autoral.

De antemão, preciso explicar que o uso dos vocábulos *tempo* e *(des)tempo* foi uma tentativa de resistência discursiva a fim de diferenciar o ‘tempo linear’, proposto pelo sistema moderno-colonial do ‘tempo que foge a esta lógica’, frestas (des)temporais, intervalos de ócio, criatividade, lazer. Confesso que, por receio de causar confusões às leitoras, mantive os parênteses.

Conforme vimos no capítulo anterior, Quijano (2005) nos apresentou a constituição de um novo padrão de poder mundial, que se deu através da invasão da América, defendendo ainda que tal configuração foi construída a partir de dois eixos: a ideia de raça; e o controle do trabalho com base nesta ideia. Na seção anterior conversamos um pouco sobre essa ideia de raça e o impacto causado em nossas subjetividades. Nesta seção, refletiremos acerca da articulação do controle do trabalho e algumas consequências que atravessam a nossa relação com o (des)tempo. Quijano desenvolve a relação constitutiva e retroalimentar entre colonialidade e capitalismo mundial.

Segato (2021, p. 44) entende a colonialidade do poder como uma ruptura de grande impacto no pensamento crítico no que tange aos campos da História, Filosofia e Ciências Sociais na América Latina e, simultaneamente, uma nova inspiração para a reorientação dos movimentos sociais e de luta política, pontuando que essa teoria se estende ao conjunto de poder globalmente hegemônico, não se referindo exclusivamente à América Latina. Após essa breve noção, passemos a algumas tecituras.

3.4.1 Distorções temporais e seus impactos na constituição das subjetividades

Uma das características cruciais para a manutenção do sistema moderno-colonial consiste na aplicação de um modelo empresarial em todos os campos sociais, impactando as relações, que passam a ser pautadas de acordo com essa nova subjetividade (DARDOT; LAVAL, 2020). Tem-se a implantação da concorrência em esferas da vida que se encontram fora do mercado. Aos indivíduos que não se encaixam no parâmetro da produtividade

exacerbada, resta o estigma da improdutividade, do fracasso profissional e, por conseguinte, pessoal.

Esse modelo de “empreendimento pessoal” nasce da legitimação, que atua através da universalização de discursos que pretendem mercantilizar a necessidade humana de pertencimento. A culpa, por sua vez, é cotidianamente utilizada como instrumento a serviço da meritocracia. Criam-se, pois, alternativas vendáveis para que o indivíduo alimente a grande roda capitalista. Vende-se felicidade, estabilidade financeira, sucesso profissional e pessoal, estilos de vida, entre outros. Viver não é mais o projeto de vida, mas sim, atingir os paradigmas propostos por uma racionalidade que prevê o descarte para aquilo que não lhe seja rentável. Esta sistemática propõe a ideia de que a vida é um jogo pautado em um binarismo genuinamente limitador, qual seja, ganhadores e perdedores, logo, *“você não vai querer ser o responsável pelo seu próprio fracasso, então lute, porque o seu sucesso só depende de você.”* E, assim, o discurso meritocrata vai ganhando força, seguindo fantasiado de autonomia.

E é a partir disso que passamos de uma sociedade disciplinar para, de acordo com Han (2010, p. 22), uma sociedade de desempenho, cuja veia principal é a autoexploração. Em outras palavras, o indivíduo passa a cobrar de si um nível inalcançável de desempenho, em todos os aspectos da vida, o que acarreta um cansaço insuperável.

De acordo com Han (2010, p. 24), a sociedade do desempenho está cada vez mais desvinculada da negatividade. A imposição dessa positividade violenta, mascarada de autonomia, traduz, na verdade, o que Santos (2021, p. 162) denominou de privação ontológica, ou seja, a recusa em reconhecer a humanidade integral da outra. Nesse modelo social há uma espécie de reconfiguração dos mecanismos de vigilância. Diferentemente da sociedade disciplinar apresentada por Foucault (2014), na sociedade do desempenho, a vigilância parte do interior de cada pessoa. Trata-se de uma autovigilância supostamente voluntária, proporcionando, assim, a autoculpabilização, o que incide também na colonialidade do ser. Inexistindo o algoz vigilante da sociedade disciplinar, contra quem deverei me rebelar? Contra mim mesma por não atingir as expectativas que acredito serem apenas minhas?

É interessante tratar desse aspecto a partir do modo de operação ideológico denominado fragmentação (vide quadro p. 38-39). A ótica do desempenho apresenta uma reconfiguração da estratégia do expurgo do outro. A instrumentalização da culpa, a serviço da meritocracia, transforma-nos em algozes de nós mesmas. Eu diria que estamos diante do autoexpurgo. Construimo-nos como autoinimigas, o que reforça a manutenção de relações assimétricas de

poder baseadas na colonialidade do ser. Sendo eu o meu próprio desafio, como poderei me autossuperar?

Um dos fundamentos desse mecanismo consiste no perverso remanejamento das nossas relações com o (des)tempo: vivemos o medo diário do fracasso em razão de uma ininterrupta ansiedade pelo futuro. Vende-se, de forma inescrupulosa, a ilusão discursiva de que nós é que temos controle sobre o nosso próprio tempo, afinal, tudo depende apenas de nós mesmas. Esse discurso anda de mãos dadas com a unificação (vide quadro, p. 38-39), amiga íntima do sistema moderno-colonial, uma vez que tenta apagar as interseccionalidades atinentes à realidade social de cada pessoa.

A busca incansável pela produtividade, que já vinha assolando a sociedade ocidental, se apresenta agora, no cenário pandêmico e “pós-pandêmico”, de forma ainda mais acentuada, seja pela necessidade de transformação de nossos lares em espaços de trabalho (quando possível), seja pelo conseqüente aumento da jornada de trabalho, seja pela aquisição de uma profunda intimidade, quase vital, para com nossos celulares, seja pela tentativa cotidiana de objetificação humana daqueles que sequer puderam se recolher no período da quarentena, o fato é que a nossa relação com o tempo vem se modificando ao longo dos anos.

Cansaço extremo, sensação de insuficiência que se estende a todos os campos da vida, desembocando em uma infelicidade que é produzida uma espécie de falha no desempenho esperado. Mas esse desempenho, na verdade, é esperado por quem? A favor de quem esse discurso que nos tentam inculcar diariamente está operando?

3.4.2 A obsessão pelo novo: exímia cronófaga

O sistema moderno-colonial, devorador faminto de tempo, expandiu suas tentativas coloniais não apenas sobre o horário de trabalho, mas sobretudo sobre o nosso (des)tempo. Para Scaffidi (2020, s/p.):

Diferente do que ocorria no tempo de Lafargue, Marx e Engels, o apetite “cronófago” do capital não investe tanto sobre o horário de trabalho, mas também (e sobretudo) sobre a esfera do tempo livre, objeto de uma campanha de colonização cada vez mais agressiva. Em consequência, se um pensador como Lafargue podia conceder-se o 'luxo' de focalizar apenas o que ocorria no interior das fábricas, uma análise crítica das dinâmicas atuais do capitalismo tardio exige projetar o olhar também ao que sucede além dos locais de trabalho.

A todo tempo somos bombardeadas com informações, exigências performáticas diante das tecnologias, que disseminam uma necessidade enganosa de consumo. Crary (2017) nos alerta sobre uma espécie de narcose informacional ocasionada, sobretudo, pelas tecnologias e a respectiva dissolução dos limites entre o público e o privado, promovendo a captação exaustiva de nossos olhares com a consequente desmobilização para agir, gerando assim a impotência política. Outro ponto interessante trazido pelo autor é o sequestro da paciência e o impacto dessa lógica em nossa experiência de contemplação, portanto, de (des)tempo, reforçando o que Porto-Gonçalves (2005) denominou “*obsessão pelo novo*”.

Porto-Gonçalves (2005) tece um importante paralelo acerca do posicionamento da Europa enquanto centro do mundo, o que só foi possível através da colonização, e o consequente desencadear de uma obsessão pelo novo. De acordo com o autor (2005, p. 03),

[...] a Europa só se coloca como centro do Mundo a partir da descoberta da América posto que, até ali, só uma parte marginal da atual Europa, Norte da Itália e seus financistas, se integravam no centro dinâmico comercial do mundo e que os turcos, em 1453, haviam politicamente controlado quebrando aqueles circuitos. Até ali, ir no caminho certo era se orientar! No Oriente, se encontravam as chamadas grandes civilizações, inclusive, com suas religiões tradicionais e o peso da tradição era ali tão forte que, talvez, nos ajude a compreender o porquê da verdadeira obsessão pelo novo que caracterizará o eurocentrismo e suas sucessivas fugas para a frente. Ao fundamentalismo tradicionalista, o fundamentalismo do novo!

Essa configuração de procura obsessiva pelo novo, pela velocidade, carrega consigo o binarismo limitante que prevê a dicotomia entre aquilo/quem é considerado atrasado e aquilo/quem é considerado desenvolvido. Para Porto-Gonçalves (2002, p. 217):

Considere-se, ainda, a velocidade, essa verdadeira obsessão do capitalismo moderno-colonial, e lá veremos, também, a busca, a todo custo, da supressão do espaço pelo tempo. Afinal, se é tanto mais veloz quanto mais espaço percorremos na mesma unidade de tempo –quilômetro/hora, metro/segundo. É nesse contexto de significações que faz sentido chamar alguém, desqualificando-o, de atrasado ou lento.

Entendo que essa obsessão pelo novo se encontra atrelada à dificuldade moderna de lidar com o vazio, o ócio, a penumbra, para o sistema, improdutivos. Nesse sentido, Ingold (2021) nos apresenta a diferenciação entre a surpresa e o espanto, o que, a meu ver, dialoga com essa busca pelo novo caracterizadora do sistema moderno-colonial, bem como com a necessidade moderna de controle apontada, de forma mais profunda, no próximo capítulo. Para Ingold (2021), enquanto a surpresa possui íntima ligação com a quebra de expectativas daquilo que é esperado, portanto contraintuitivo, o espanto encontra-se atrelado à valorização de cada momento. Segundo Ingold,

“Há uma diferença, aqui, entre ser surpreendido pelas coisas e ser espantado por elas. A surpresa é a moeda de especialistas que comerciam planos e previsões. Somos

surpreendidos quando as coisas não saem como previstas, ou quando seus valores – como especialistas estão inclinados a dizer – afastam-se ‘do que se pensava anteriormente’. Somente quando um resultado é surpreendente, ou talvez contraintuitivo, supostamente nos damos conta. O que não é surpreendente é considerado desprovido de interesse ou importância histórica. Assim, a própria história torna-se um registro de falhas de previsão [...]. Em um mundo em devir, no entanto, até mesmo o comum, o mundano ou o intuitivo causam espanto – o tipo de espanto que advém da valorização de cada momento, como se, naquele momento, estivéssemos encontrado o mundo pela primeira vez, sentindo seu pulso, maravilhando-nos com a sua beleza e nos perguntando como um mundo assim é possível (INGOLD, 2021, p. 112).

Um ponto importante é o atravessamento de gênero com relação ao tempo e, também, ao (des)tempo, sobretudo no que tange ao processo criativo das mulheres. Para hooks (1995), o devaneio feminino, que também deveria ser entendido como tempo de trabalho, é visto como perda de tempo. Isso me faz lembrar da crueldade relativa à brancura dos panos domésticos, bem como quanta imposição de avessos perfeitos nos bordados feitos por nossas mães, nossas avós. Para hooks (1995), o devaneio feminino só é possível através de grandes sacrifícios, visto que a devoção feminina é vista como suspeita. Novamente estamos diante da culpa, dessa vez como dispositivo que alimenta a dificuldade do processo criativo da mulher. Nesse sentido, hooks (1995, p. 241) nos ensina:

Não podemos esperar pelas circunstâncias ideais para encontrar tempo e só então fazer o trabalho que é nossa vocação; temos de criar na oposição, trabalhar contra o fluxo. Cada uma de nós deve inventar estratégias e alternativas que nos permitam desviar ou ultrapassar as barreiras que se colocam em nosso caminho.

O ato criativo é, portanto, uma grande insurgência cotidiana. Achinte (2017) apresenta-nos o ato criativo como uma pedagogia crítica decolonial (2017, p. 74), capaz de romper com a política ocidental da produção de não-existência daquilo que não seja abarcado pelas epistemologias eurocentradas. É a tradução do ato criativo em instrumento de luta contra o apagamento histórico promovido pela modernidade/colonialidade. Segundo o autor,

O ato criativo deve enfrentar os silêncios históricos e as estratégias de esquecimento a que fomos submetidos para construir verdades a partir das mentiras mais bem elaboradas, bem como reconsiderar as representações que se fizeram de nós, bem como as autorrepresentações. - representações que estamos fazendo (ACHINTE, 2017, p. 74).

O autor aborda ainda o potencial agentivo do ato criativo, na medida em que a sua prática faz nascer, no ser humano, a possibilidade de reflexão crítica acerca da realidade e de seus problemas:

Se assumirmos que o ato criativo significa a possibilidade de refletir criticamente sobre a realidade e os problemas que a constituem, tal atitude nos confronta com necessariamente ter que revelar todos aqueles aspectos que configuraram em nossas subjetividades as condições de negação, discriminação, realização e a manutenção de estruturas hierárquicas e autoritárias de poder, que nos imobilizam na capacidade de pensar a sociedade e enfrentar com decisão as desigualdades em todas as ordens da vida cotidiana (ACHINTE, 2011, p. 73-74).

Assim, entendendo a configuração da temporalidade linear enquanto instrumento mantenedor das relações assimétricas de poder, proponho a ressignificação da nossa relação com o (des)tempo. Existe um aforismo iorubá que diz: “Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje”. Esse ensinamento me remete a uma esperança freireana, que não se contenta em esperar pelo amanhã. Uma esperança ativa, que se localiza; portanto, age no presente, em nome de possíveis mudanças que atravessaram e atravessarão o tempo.

Lopes e Simas (2022) nos ensinam acerca da importância do resgate de nossa ancestralidade enquanto elo dinamizador entre passado, presente e futuro, possibilitando, assim, uma espécie de (re)configuração espaço-temporal capaz de romper com a linearidade moderno-colonial, abrindo *grietas* (WALSH, 2013), pequenas frestas de tempo restauradas, como Antônio Cândido (2006) chamou ‘*universo de realização própria*’.

Neste momento paro novamente e sorvo outro gole de café: tamanha a potência do intervalo! Esse pedaço diário de profunda respiração do qual eu, munida de coragens, ainda que diminutas, arranco-lhe os parênteses, chamando-o, agora, destempo.

Vamos recortar?

CAPÍTULO 4

ACOLHENDO O ACASO: METODOLOGIA

*“Quando nada acontece, há um grande milagre
acontecendo que não estamos vendo”.*
(Guimarães Rosa)

*“As coisas não querem mais ser vistas por pessoas
razoáveis: Elas desejam ser olhadas de azul –
Que nem uma criança que você olha de ave”.*
(Manoel de Barros, p. 302)



Colagem 6 – “Afetar-se”.

Colagem analógica, fio, tinta e subjetividade sobre papel.

Este capítulo trata das travessias metodológicas pelas quais venho me enveredando, assim mesmo, gerundivamente (seções 4.1; 4.2; 4.3; 4.4 e 4.5). Apresenta ainda o terceiro momento da prática de colagem e escrita autoral (seção 4.6). Esse caminhar constitui-se em seis seções: a primeira e suas respectivas subseções tratam da base metodológica sobre a qual se sustenta o trabalho: pesquisa qualitativa com abordagem etnográfico-discursiva crítica; na segunda apresento o desenho da pesquisa; na terceira seção discorro acerca das técnicas utilizadas para a geração dos dados; a quarta seção reflete algumas inspirações (auto)etnográficas trazidas no bojo do trabalho; na quinta seção apresento o mapa de coerência

da pesquisa; a sexta e suas subseções tratam do terceiro momento prático das oficinas, *acolhendo o acaso: encantamento e resistência*, onde apresento algumas reflexões teórico-práticas acerca do encantamento como prática de resistência frente a alguns aspectos do sistema-mundo colonial-moderno, que contribuem para a manutenção da colonialidade do saber.

4.1 E pode a metodologia acolher o acaso?

O primeiro pensamento que vinha à minha cabeça, ao ouvir sobre metodologia de pesquisa, era acerca do quanto eu deveria ‘formatar’ minhas ideias em ‘caixas pré-estabelecidas. Acredito que esse fato cultive profunda relação com o modelo eurocêntrico responsável pela legitimação do que, há séculos, entendemos por conhecimento científico. O meu intuito aqui não é afastar os modos de produção científica apresentados pelo norte global, mas, sim, apontar possibilidades outras frente à propagação de um modelo exclusivo de produção e avaliação de saberes. Dessa forma, precisamos trazer para o debate a urgência de práticas decoloniais no que tange ao nosso fazer-pesquisa.

A metodologia de pesquisa consiste, também, em ordenar o caminho a ser percorrido pela pesquisadora, de forma sistemática. Para Gerhardt e Souza (2009, p. 12)

Para Fonseca (2002), *metodos* significa organização, e *logos*, estudo sistemático, pesquisa, investigação; ou seja, metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência. Etimologicamente, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica.

Ainda que esteja a cargo da metodologia a orientação quanto aos instrumentos “utilizados para fazer uma pesquisa científica”, é necessário estar atenta ao fato de que os parâmetros indicativos do sentido do que seja validado como científico ou não estão vinculados às relações assimétricas de poder, cujas origens descendem do primeiro dia em que o colonizador se fez presente em Abya Yala. Essa configuração contribui para a manutenção da referência dicotômica entre pesquisadora e objeto de pesquisa.

Edgardo Lander (2000) traz à tona o fato de que a organização eurocêntrica desencadeia tanto uma escala de prestígio através da qual os saberes passam a reger-se, quanto uma estruturação do saber disciplinar sobre a sociedade a partir da relação hierarquicamente sustentada pela dicotomia observadora *versus* objeto naturalizado.

Macedo, Galeffi e Pimentel (2009) apresentam-nos a possibilidade da construção de pesquisas qualitativas não vinculadas a racionalidades redutoras, sem, contudo, que haja o afastamento do rigor acadêmico. Para Galeffi (2009, p. 15),

Trata-se de se procurar elucidar a natureza rigorosa da pesquisa qualitativa, a partir da atitude existencial e epistemológica do pesquisador em seu contexto de vida, segundo seus diversos níveis de constituição e de realidade, percebidos e elucidados na autocompreensão e na compreensão compartilhada de sua condição histórica – sua gênese como indivíduo, sociedade e espécie – seu ser-aí como dado e seu ser-outro como acontecimento volátil aberto no tempo instantâneo.

O autor enfatiza ainda a possibilidade de se praticar uma pesquisa ancorada no esforço do pensamento humano de conexão com a totalidade do vivido e do vivente, com vistas à autocondução responsável e consequente da vida de relação presente (GALEFFI, 2009, p. 15).

Infelizmente – ou não – indisponho de resposta definitiva, completa, para o questionamento que dá título a esta seção. Contudo, a ausência de uma resposta definitiva não me afasta a crença na urgência de que a metodologia possa, sim, acolher o acaso. Precisamos colocar em prática insurgências cotidianas dentro da academia, pois, ainda que pareçam demasiadamente banais, são capazes de nos fazer desaprender, como nos ensina Anzaldúa (2000, p. 229), as “tolices esotéricas e pseudo-intelectualizadas” academicamente produzidas. Pequenas formas de vivenciar (micro)r-existências em ambientes normalmente engessados. A próxima subseção apresentará o método aplicado ao presente trabalho.

4.1.1 Pesquisa qualitativa de cunho etnográfico-crítico e discursivo

Eu confesso que o caminhar metodológico não foi nada fácil. Escrever acerca dos métodos de desenvolvimento da pesquisa exigiu de mim uma movimentação no sentido de olhar para além de conceitos e hipóteses pré-definidas, de engessamentos teóricos que pretendem coadunar com ideias profundamente positivistas. Nesse sentido, entre tantos outros, foi para mim também uma (micro)r-existência. Nesta seção apresento os motivos pelos quais escolhi trabalhar uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico-crítico e discursivo.

De acordo com Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa “[...] envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17). Esse caráter não engessado da pesquisa qualitativa garante a possibilidade de trabalho junto a uma ampla gama de material empírico (DENZIN; LINCOLN, 2006), o que chamou a minha

atenção, uma vez que as oficinas, como veremos adiante, deram origem a diversos tipos de dados com os quais trabalharei no capítulo analítico.

Angrosino (2009) defende que, na pesquisa qualitativa, os métodos e a teoria precisam ser adequadas ao que se pretende investigar, argumentando ainda que esta modalidade de pesquisa leva a sério o contexto e os casos para entender uma questão em estudo. Segundo o autor, a pesquisa qualitativa abstém-se de formular hipóteses pré-definidas para que ao final sejam testadas. Para ele, “Em vez disso, os conceitos (ou as hipóteses, se forem usadas) são desenvolvidos e refinados no processo de pesquisa” (ANGROSINO, 2009, p. 9).

Pesce e Abreu (2013, p. 20) promovem a noção da concepção de conhecimento como construção histórica, defendendo, ainda, a incoerência de ancorarmos nossas práticas de pesquisas em ideias positivistas, pensando-se em validade, em confiabilidade, em testar hipóteses, em provar verdades universais. No seio da Análise de Discurso Crítica, a observação vivida do social possibilita o contato com pesquisas-vida, transformando, assim, o que antes eram hipóteses em questões, perguntas, problemas a serem investigados.

Em diálogo, vale ressaltar que a pesquisa qualitativa se caracteriza, também, pela possibilidade de exame de diversos aspectos do processo social. Para Magalhães, Martins e Resende (2017, p. 30), são exemplos desses aspectos o tecido social da vida diária, o significado das experiências e do imaginário das participantes da pesquisa, bem como a forma de articulação dessas para com os processos sociais, as instituições, os discursos e as relações sociais, e os significados que produzem.

Trazendo o foco para a pesquisa em ADC, precisamos ser cautelosas a fim de não reduzir a análise textual à mera descrição dos textos, devendo os elementos textuais ser entendidos como argumentos capazes de viabilizar a interpretação da prática social (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017). Desse modo, não se trata de uma análise puramente conteudista, tampouco de uma análise meramente textual baseada nos estudos linguísticos de caráter mais formalista.

Enquanto pesquisadora crítica, procurei excluir predefinições rigidamente calculadas, uma vez que a concepção prévia das ideias costuma se filiar a dicotomias classificatórias, tratando os dados a partir de um enfoque extremamente objetivista e positivista. A comprovação de teorias não é o fim da pesquisa qualitativa; um de seus compromissos vitais é a interpretação do contexto social.

A abordagem etnográfica com foco discursivo se dá pelo fato de que a pesquisa se desenvolveu junto à vivência de oficinas de colagem e escrita autoral, nas quais restou explícita a relação entre texto e prática social. Magalhães, Martins e Resende (2017, p.117) afirmam que “a grande vantagem da pesquisa etnográfica é relacionar o estudo de textos às práticas sociais”. Em se tratando de pesquisas qualitativas, associadas à ADC, elas defendem a abordagem etnográfico-discursiva que associa métodos etnográficos ao discurso como dimensão da prática social. E continuam:

A metodologia etnográfico-discursiva é um processo reflexivo baseado em observações e registros escritos (diários de pesquisadores ou pesquisadoras e de participantes, notas de campo), em dados gerados em entrevistas e em artefatos (textos e outros objetos) coletados no local de pesquisa. Porém, não se limita aos dados. Como se trata de um processo, os dados da pesquisa etnográfico-discursiva relacionam-se com a curiosidade e a motivação de pesquisadores e pesquisadoras e, também, com conceitos da literatura pertinente (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017, p.117).

A ADC está comprometida com agendas sociais que lidam diretamente com o sofrimento, seja através de questões grupais ou individuais. Acredito que um dos grandes desafios atinentes à pesquisadora crítica seja olhar para o coletivo, sem perder de vista o caráter humano, individual que envolve toda a sociedade.

A natureza crítica, aplicada à etnografia, viabiliza a interação entre cultura, conhecimentos e ações, inclusive, aquelas que não podem ser executadas, haja vista processos de cerceamento, invisibilização e silenciamento, decorrentes da manutenção das relações assimétricas de poder. Assim, faz-se necessário pontuar a adoção de uma postura relacional entre ‘sujeita pesquisadora’ e ‘pesquisadas’. Em consonância com Cameron *et al* (1992) e Thomas (1993), assumimos o compromisso de que o trabalho desenvolvido nesta pesquisa não seja sobre as sujeitas pesquisadas, mas para, sobre e com essas sujeitas.

Em uma pesquisa linguística-crítica, as escolhas lexicais não constituem trivialidades. Dessa forma, ancorada também em Flick (2009, p. 23) que nos mostra a importância da perspectiva das participantes e suas diversidades, bem como em outras colegas do PPGL/UnB e dos demais programas, escolho dialogar com as participantes desta pesquisa, chamando-lhes co-pesquisadoras.

Para Thomas (1993), diferentemente da etnografia tradicional, a etnografia crítica traduz uma espécie de reflexão que expande nossa capacidade experiencial para ver, ouvir e sentir. Segundo o autor, esse alargamento de horizontes contribui para o compromisso ético da

pesquisa para com as agendas políticas engajadas com a emancipação social. Para Thomas (1993), a

Etnografia crítica é mais do que apenas, obviamente, estudos de oprimidos ou grupos socialmente marginais, porque pesquisadores julgam que todos os membros culturais experimentam repressões desnecessárias em alguma extensão. Etnógrafos críticos usam seu trabalho para auxiliar metas emancipatórias ou para negar influências repressivas que conduzem para uma dominação social desnecessária de todos os grupos (THOMAS, 1993).

Entendo ser a etnografia crítica uma abordagem adequada para a presente pesquisa, pois, para além de descrever o que é, ela questiona o que poderia ser. Ademais, como veremos adiante, a geração dos dados nasce, em sua maioria, nas oficinas ministradas, não havendo como dissociar a experiência e prática-teórica.

Enquanto pesquisadora, essa escolha, além de proporcionar que eu me enverede por caminhos que comungam com a tríade pensar-sentir-agir, faz com que eu corra menos risco de flertar com uma pesquisa cuja proposta encontre apoio junto a discursos salvacionistas, mitigadores exímios da autonomia das co-pesquisadoras.

Assim, por entender que a presente pesquisa se ancora também em questões identitárias, sustentando-se entre outras, nas práticas sociais e discursivas das co-pesquisadoras, levando em consideração o contexto histórico e sociocultural nos quais estão inseridas, decidi mergulhar os meus pés-pesquisadores na abordagem qualitativa de cunho etnográfico-crítico e discursivo.

4.1.2 Revisitando arcabouço teórico-metodológico da ADC

Como informado anteriormente, este trabalho filia-se à Análise de Discurso Crítica. Chouliaraki e Fairclough (1999) apresentam-nos um arcabouço teórico-metodológico a fim de conduzir as análises a serem realizadas, mas não apenas. Esse arcabouço pretende possibilitar, através de uma crítica explanatória, a contribuição das análises para o desnude e a compreensão das relações baseadas na assimetria do poder, bem como as respectivas ideologias que as compõe, a partir de investigações discursivas.

Segundo Fairclough (2003), a relação entre a microanálise textual e a macroanálise das relações de poder e de suas formas de atuação nas práticas e nas estruturas é fundamental para a percepção dos efeitos ideológicos textualmente apresentados. Assim, ao propor o arcabouço mencionado, Chouliaraki e Fairclough (1999) desenvolvem-no em cinco etapas:

Quadro 03 - Arcabouço teórico-metodológico da ADC

Enquadre
1. Um problema (atividade, reflexão) – questão motivadora
2. Obstáculos a serem resolvidos <ul style="list-style-type: none"> a) Análise da conjuntura b) Análise da prática particular <ul style="list-style-type: none"> a) Práticas relevantes? b) Relação do discurso com os outros momentos? <ul style="list-style-type: none"> - Discurso como parte da atividade material - Discurso e reflexividade - Análise e reflexividade c) Análise do discurso: <ul style="list-style-type: none"> a) Análise estrutural e ordem de discurso; b) Análise interacional
3. Investigação da função do problema na prática
4. Possíveis formas de ultrapassar os obstáculos
5. Reflexão na análise

Fonte: Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60)

A primeira etapa refere-se à definição do problema sobre o qual incide a pesquisa. A segunda etapa cuida do processo de identificação dos obstáculos a serem superados e se dá através de três análises: análise da conjuntura e análise da prática particular, sendo que o objetivo de ambas é investigar as redes práticas nas quais se localiza a questão problematizadora a fim de promover a contextualização da análise discursiva. Passamos então à análise discursiva, na qual textos serão analisados como parte dos processos sociais (Chouliaraki e Fairclough, 1999). As duas etapas seguintes são responsáveis pela investigação acerca das funções do problema na prática, bem como pela busca de formas de superar os obstáculos anteriormente apresentados. A última etapa refere-se à construção de uma reflexão acerca das análises realizadas e sua contribuição no que tange à emancipação social.

Ao me enveredar pelas análises, percebi que, na prática, as etapas do arcabouço não ficaram linearmente separadas como na proposta inicial de Chouliaraki e Fairclough (1999), de modo que ao longo da pesquisa necessitei, por diversas vezes, tecer uma espécie de costura ao revés, ficando perceptível a integração de conjuntura, prática e discurso em todos os capítulos do trabalho. Outra peculiaridade é que teoria, metodologia e prática, contextualmente situadas,

se emaranharam profundamente em cada capítulo, de modo que questões mais amplas e contextos particulares se apresentaram indissolúveis. A reflexividade foi outro ponto que se manteve presente ao longo de todos os capítulos. A maneira com a qual pude enxergar melhor os (des)rumos tomados pela pesquisa foi a partir de uma colagem analógica nascida através de reflexividades sentintes que abarcam a totalidade do trabalho desenvolvido.

Assim, ante o caráter essencialmente transdisciplinar e não estático da ADC, bem como dada a flexibilidade do modelo de análise apresentado pelos autores (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), com fundamento no que Dias (2011) denominou “recontextualização do arcabouço analítico da ADC”, lanço mão da resignificação do referido esquema face à realidade do campo de pesquisa percorrido. Assim, apresento a colagem abaixo:



Colagem 07 - Revisitando o arcabouço teórico-metodológico da ADC

Fonte: própria

No capítulo 1, lançando-me ao mar desconhecido, apresentei as questões motivadoras da pesquisa. No capítulo 2, reconhecendo-me navegante, escolhi percorrer mares cotidianos, apresentando-lhes a conjuntura do trabalho, bem como o primeiro momento teórico-prático vivenciado nas oficinas, qual seja, *‘escolhendo: por olhares outros’*. No capítulo 3, identificando-me híbrida, habitei tempo e destempo mostrando-lhes um recorte das teorias pelas

quais o barco vem navegando, bem como o segundo momento teórico-prático das oficinas, a saber, *‘Recortando: a nossa relação com o destempo’*. No capítulo 4, encantando-me com as flores improvavelmente crescidas, decidi permanecer embarcada. E, ainda que sob severas tempestades e desanimadores soles, apresento-lhes a metodologia da pesquisa, bem como o terceiro momento teórico-prático das oficinas, qual seja, *‘Acolhendo o acaso: encantamento e resistência’*. No capítulo 5, com as mãos cheias de cola, descolei-me de certezas para, em comunidade, (micro)r-existir. E tentando lançar o anzol foi que compreendi: tantas mãos outras já o haviam lançado antes mesmo de que eu me dispusesse mar adentro. Nunca estive sozinha nesse barco. E não senti fome: abundante pesca. Dessa forma, na próxima seção apresento o desenho da pesquisa.

4.2 Desenho da pesquisa: um nascimento contínuo

Quando me propus a pesquisar tive receio de fazer algo que se limitasse a páginas e mais páginas de construções teóricas, afastando-se, naturalmente, de práticas socialmente engajadas. Então, desde o início, a minha lente de pesquisa se virou para a tentativa de um estudo teórico-prático e, por vezes, prático-teórico-prático. Assim, num emaranhado de linhas não lineares, esse trabalho (re)nasce de nascimentos contínuos (INGOLD, 2021). Também (re)nasço eu.

Algo muito interessante, que vem me ocorrendo, é o fato de que nada do que proponho está definitivamente completo. É tudo um fluxo contínuo de experiências, vivências que vão se constituindo em infundáveis movimentos. E, ainda que a vontade primeira a me fazer pesquisadora tenha partido de um ponto, ou melhor, de uma linha, linhas outras já haviam – e continuam - se cruzado a essa inicialmente proposta por mim. Para tanto, revisito algumas proposições, a partir das quais procurei tecer, ao longo do trabalho, diálogos teórico-práticos:

a) Memória e colonialidade do ser: de que maneiras a colonialidade do ser contribui para a construção de narrativas que pretendem aniquilar a possibilidade de produção de sentidos de mundo(s)? De que maneiras podemos combater esse cenário? É possível que a resignificação da memória se traduza em um instrumento de combate à colonialidade do ser? Como diálogo teórico-prático propus o momento *“escolhendo: por olhares outros”*;

b) Tempo e colonialidade do poder: de que maneiras a colonialidade do poder impacta nossa relação com o destempo? De que maneiras podemos resignificar a nossa relação

com o destempo? Como diálogo prático-teórico-prático, propus o momento do recorte, o qual chamo *“recortando: a nossa relação com o destempo”*;

c) Encantamento, resistência e colonialidade do saber: Como a redução da nossa capacidade de encantamento contribui para a manutenção da colonialidade do saber? De que maneiras podemos combater esse cenário? Como diálogo prático-teórico-prático propus o momento *‘acolhendo o acaso: encantamento e resistência’*.

d) Práticas sociais discursivo-identitárias de (micro)r-existência: As práticas sociais discursivo-identitárias, construídas no seio das comunidades de colagem e escrita autoral, são capazes de contribuir para a tomada de posturas crítico-transgressivas frente a discursos hegemonicamente produzidos e distribuídos pelo sistema moderno-colonial? É possível que (micro)transformações nascidas no íntimo das co-pesquisadoras reverberem no campo macrossocial, coletivo? Como diálogo prático-teórico-prático propus o momento *“(des)Colando: abraçar a mudança através do cotidiano”*.

É importante dizer que o meu querer-pesquisadora fez nascer, junto ao olhar generoso da Professora Juliana Dias, bem como a gentileza das pesquisadoras do GECRIA – que me acolheram com tanto afeto, algumas comunidades de aprendizagem e mudança, através das práticas de colagem e escrita autoral. Nesse ponto, não posso deixar de agradecer às queridas Fabíola Saraiva⁸ e Ellys⁹ Alves, que compartilharam comigo a realização das duas primeiras oficinas.

O desenho da pesquisa delinea-se a partir da construção de quatro oficinas, tratando-se, pois de um diálogo sem início exato, e, também, sem pretensões conclusivas. A seguir, apresento uma breve contextualização de cada uma delas.

1) Oficina 1 – “Colagem e escrita criativa: microrresistências – um olhar atento para o cotidiano”

- a) Contextualização: oficina realizada durante o evento “Diálogos criativos com gosto de futuro”, realizado pelo GECRIA, ocorrido em março de 2022;
- b) Formato: online;
- c) Data: 21 e 22/03/22;
- d) Duração: aproximadamente três horas, sendo uma hora e meia em cada dia;
- e) Apuração: gravação de áudio total de 1h:41m; 23 páginas de transcrição;

⁸ Professora da SEEDF e contadora de histórias.

⁹ Filha de Ione e Antônio, mãe desde os dezesseis anos de idade. Psicoterapeuta e pós-graduanda em Psicossomática Junguiana.

- f) Quantidade de participantes: 25 no total, sendo 24 mulheres e 1 homem;
 - g) Confeção de colagens/textos reflexivos e autorais: foram apresentadas três colagens/textos.
- 2) *Oficina 2 – “Colando os cacos, remendando lembranças (colagem e escrita terapêutica)”*
- a) Contextualização: oficina realizada durante o evento “Rodas de escrita curativa e criativa para mulheres: constelando maternidades”, ocorrido entre os dias 02 e 06/05/22.
 - b) Formato: online;
 - c) Data: 04/05/22; 19:00h às 21:30h;
 - d) Duração: aproximadamente duas horas e meia;
 - e) Apuração: gravação de áudio e vídeo total de 2h:18m; ainda não procedi à transcrição;
 - f) Quantidade de participantes: 14 no total, sendo todas mulheres;
 - g) Confeção de colagens/textos reflexivos e autorais: foram apresentadas cinco colagens/textos
- 3) *Oficina 3 – “Microrresistências cotidianas: colagem e escrita criativa como formas insurgentemente poéticas de habitar o mundo”*
- a) Contextualização: oficina realizada durante o evento “III Narrativas interculturais, decoloniais e antirracistas em educação: práticas e saberes para o bem comum e para a boa vida”, ocorrido entre os dias 05 e 07/12/22.
 - b) Formato: presencial;
 - c) Data: 05/05/22 às 08:30h;
 - d) Duração: aproximadamente quatro horas;
 - e) Apuração: não houve gravação;
 - f) Quantidade de participantes: 26 no total, sendo 21 mulheres e 5 homens;
 - g) Confeção de colagens/textos reflexivos e autorais: foram apresentadas vinte e seis colagens/textos;
- 4) *Oficina 4 - “Microrresistências cotidianas: colagem e escrita criativa como formas insurgentemente poéticas de habitar o mundo”*
- a) Contextualização: Oficina realizada em uma das aulas de estágio docente, na disciplina de Introdução à Análise de discurso, destinada às cursistas de graduação da UnB. Havia alunas de vários cursos.
 - b) Formato: híbrido;
 - c) Data: 13/01/2023;
 - d) Duração: 3h:4m

- e) Quantidade de participantes: 36 alunas, sendo 28 mulheres e 8 homens.
- f) Confeção de colagens/textos reflexivos e autorais: foram apresentados dezenove colagens/textos.

Conforme apresentado no segundo capítulo (seção 2.2), a releitura do texto “A importância do ato de ler” (FREIRE, 1989) despertou em mim o seguinte questionamento: **“como podemos conservar a capacidade de ler o mundo depois de lermos, quase perfeitamente, as palavras?”** E foi a partir desse questionamento que nasceu em mim, de forma mais objetiva, a vontade de construir comunidades de colagem e de escrita autoral.

O objetivo maior das oficinas traduziu-se na abordagem de perspectivas outras de estar no mundo e de percebê-lo, social e discursivamente, junto às práticas de autoria criativa e de seus gestos fundamentais, quais sejam impulso, intuição e pulsação (DIAS, 2021). Assim, a primeira dinâmica proposta foi que as co-pesquisadoras, após a leitura do texto de Paulo Freire, escrevessem, sem parar, por sete minutos, procurando refletir sobre a questão: **“Qual é a sua palavramundo?”**

Construímos diálogos fundados no potencial transformador do cotidiano e das pessoas nele inseridas. Nesse momento inicial, trabalhamos o primeiro gesto da autoria criativa, qual seja o impulso, conforme apresentado no terceiro capítulo. Após esta dinâmica, pedimos que cada uma guardasse a(s) sua(s) palavramundo(s). A partir daqui, as oficinas ganharam corpo através de quatro momentos, que são parte de movimentações práticas e teórico-metodológicas do trabalho, as quais intitulam os capítulos da presente pesquisa. São eles: *Escolhendo: por olhares outros; Recortando: a nossa relação com o destempo; Acolhendo o acaso: encantamento e resistência; e (Des)colando: abraçar a mudança através do cotidiano*. Os verbos-momentos referem-se tanto à colagem, como à escrita autoral, servindo de base para a tecitura de reflexões sentipensantes, bem como para a metodologia desenvolvida nas oficinas, conforme fui apresentando em cada capítulo.

a) Escolhendo: por olhares outros

É o momento de escolha dos materiais através dos quais nascerão colagens e/ou escritas autorais. Escolhemos palavras, imagens, sentipensares levando em consideração aquilo o que experienciamos. E essa experiência de vida é constantemente atravessada por discursos. Nesse sentido, é possível que a nossa memória seja também colonizada? Qual o impacto disso em nossas escolhas diárias? A memória foi a macrocategoria que mais se manifestou. Aqui, trabalhamos a autonomia de nossas escolhas diárias, bem como as possibilidades de resistência

à colonialidade do ser através da resignificação de nossas memórias. As co-participantes foram convidadas a escolher as palavras e/ou imagens com base nos questionamentos levantados. Neste momento trabalhamos o segundo gesto da autoria criativa, qual seja a intuição, conforme descrito no terceiro capítulo.

b) Recortando: a nossa relação com o destempo

Refere-se ao momento em que recortamos sentipensares, palavras, imagens, anteriormente escolhidas. Recortar possibilitou-nos o acesso a um pequeno intervalo de tempo, que nos é cotidianamente negado por um sistema calcado nas diversas facetas da colonialidade do poder. Podemos penetrar frestas destemporais capazes de (re)configurar a nossa relação com o tempo? Em que medida intervalos diários são capazes de nos auxiliar no combate cotidiano à colonialidade do poder? O tempo foi a macrocategoria sociodiscursiva que mais se manifestou. As co-participantes foram convidadas a recortar as palavras e/ou imagens com base nas questões levantadas. Neste momento também trabalhamos o segundo gesto da autoria criativa.

c) Acolhendo o acaso: encantamento e resistência

Trata-se do momento em que acolhemos o acaso a partir das palavras, saberes, sentipensares, imagens que vão se encontrando conosco cotidianamente. Refletimos acerca do potencial insurgente contido no ato de se encantar, bem como de que formas esse encantamento seria capaz de combater algumas facetas da colonialidade do saber. Encantamento e resistência foram as macrocategorias mais presentes. As co-participantes foram convidadas a acolher as palavras e/ou imagens, trazidas pelo acaso, com base nos questionamentos levantados. Neste momento trabalhamos o terceiro gesto da autoria criativa, isto é, a pulsação, o fluxo criativo, conforme descrito no terceiro capítulo.

d) (des)Colando: abraçando a mudança através do cotidiano

Nesse momento, construímos diálogos atravessados pela importância de construções coletivas, comunitárias, bem como o atravessamento de possíveis (micro)r-existências cotidianas através dessa junção. Como o íntimo é capaz de incidir junto ao coletivo? E de que forma práticas sociais discursivo-identitárias são capazes de contribuir para a tomada de postura crítico-transgressivas frente a discursos hegemonicamente produzidos e distribuídos pelo sistema moderno-colonial? As práticas construídas nas comunidades de colagem e escrita autoral podem contribuir para o enfrentamento, a partir de (micro)r-existências cotidianas, às facetas da colonialidade do poder, do saber e do ser? Esse momento se caracterizou pela

dinâmica e fluidez dos três gestos da autoria criativa anteriormente mencionados: desbloqueio, intuição e pulsação.

Esse foi um breve panorama do que construímos nas comunidades desenvolvidas no seio desta pesquisa. Os momentos teórico-práticos e metodológicos foram detalhados nos respectivos capítulos. Dessa forma, passemos à próxima seção, que trata da geração dos dados e de suas respectivas técnicas utilizadas.

4.3 Geração de dados

Primeiramente, é importante mencionar que esta pesquisa se encontra amparada pelo parecer de nº. 5.519.093, aprovado pelo CEP – Comitê de Ética em Pesquisa, em 28 de abril de 2022, conforme documento anexado ao presente trabalho.

A geração de dados teve como ponto de partida as práticas de colagem e escrita autoral, vivenciadas nas comunidades de aprendizagem e mudança junto ao GECRIA.

A geração do material de análise se deu, principalmente, através das produções autorais das co-pesquisadoras (textos e colagens reflexivas), bem como de suas manifestações orais ao longo das rodas de conversa em comunidade. Deu-se também a partir de relatos reflexivos e (auto)etnográficos tecidos em meu diário-vida.

Em acordo com Angrosino (2009), escolhi trabalhar a geração de dados a partir da perspectiva da triangulação, uma vez que o uso de mais de uma técnica é capaz de me proporcionar condições para o enriquecimento da pesquisa, bem como segurança no que tange às análises a serem elaboradas. Segundo o autor, a realização de uma boa etnografia depende da perspectiva.

Com relação à constituição do corpus de pesquisa, realizei várias leituras e pré-análises dos dados, organizando-os a partir das macrocategorias sociodiscursivas do trabalho: memória, tempo, encantamento e resistência. Inicialmente, cheguei ao número total de 53 excertos, contudo, diante do prazo restante, seria impossível viabilizar análises mais profundas em uma quantidade tão elevada de excertos. Reli novamente os dados, chegando ao número de 20 excertos. Entretanto, levando-se em consideração que muitos dos excertos englobam textos autorais, manifestações orais e colagens das co-pesquisadoras, compreendi que esse número de excertos, se analisados, ainda deixariam o trabalho muito extenso. Dessa forma, realizei uma nova seleção e dentre esses 20, cheguei a 10 excertos que foram analisados e discutidos no capítulo analítico, conforme o quadro abaixo:

Quadro 04 – Apresentação do *corpus* de pesquisa

Macrocategorias sociodiscursivas	Rodas de conversa em comunidade de colagem e escrita autoral	Colagens e textos reflexivos e autorais das co-pesquisadoras participantes das oficinas	Notas reflexivas e (auto)etnográficas da pesquisadora	Codínomes das co-pesquisadoras
Memória	2 excertos	2 excertos	Diluídas ao longo de todo o texto.	Violeta e Samambaia
Tempo		2 excertos	Diluídas ao longo de todo o texto.	Hortelã e Camomila
Encantamento e resistência		2 excertos	Diluídas ao longo de todo o texto.	Bromélia, Tinhorão e Begônia
(Micro)r-existências		2 excertos	Diluídas ao longo de todo o texto.	Girassol e Espada de São Jorge

Fonte: elaboração própria

A fim de manter preservadas as identidades das co-pesquisadoras, substituí os seus nomes reais por codínomes baseados em plantas e ervas medicinais que encontramos, cotidianamente, nos quintais de nossas mães, de nossas avós.

4.3.1 Rodas de conversa em comunidade de colagem e escrita autoral (manifestações orais das co-pesquisadoras)

As oficinas apresentadas na seção 4.2 foram organizadas, conforme pontuado anteriormente, dentro de comunidades de aprendizagem e de mudança, prezando, assim, pela dialogicidade dos encontros. Em vários momentos, as co-pesquisadoras manifestaram-se oralmente, sendo algumas dessas contribuições reflexivas trazidas para a composição do corpus de pesquisa, através de transcrições das gravações de áudio/vídeo.

4.3.2 Colagens e textos reflexivos e autorais das co-pesquisadoras participantes das oficinas

As co-pesquisadoras produziram textos e colagens autorais, às quais obtive acesso, na maioria das vezes, através de um arquivo coletivo de partilha (Google Drive) criado para esse fim específico. Outra forma de acesso se deu através da disponibilização física das criações no momento da realização presencial de uma das oficinas.

4.3.3 Notas reflexivas e (auto)etnográficas da pesquisadora

No segundo semestre de 2021, eu havia separado um caderno para a construção de um diário de pesquisa, contudo, ao longo dos meses, esse diário foi se incorporando, inevitavelmente, ao meu diário pessoal. Assim, passei a lhe chamar diário de pesquisa-vida. Nele registrei não apenas notas objetivas oriundas da construção e da participação nas oficinas, mas também como isso me impactava, intimamente falando. Dessa forma, além de anotações descritivas, teci também textos mais pessoais que dialogam com o campo social, bem como fiz colagens. Essas notas (tanto escritas como em colagem) foram inseridas ao longo de todo o texto da pesquisa, de forma assinalada, conforme disse na introdução. Na próxima seção apresento algumas inspirações (auto)etnográficas.

4.4 Inspirações (auto)etnográficas

07 de abril de 2023

Eu me (re)descobri pesquisadora enquanto passei a me emocionar durante os encontros com as 'referência-diálogos'. Hoje é um dia desses. Esse encantamento não surge da necessidade de sustentação epistemológica acerca do que pretendo escrever. Ele nasce de um ímpeto genuíno de habitar, de pertencer, em fluxos contínuos. É vida-malha. Eu me sinto pertencente a algo maior, muito maior. Eu me sinto integrante. Eu-miúda. Já não sou parte fragmentariamente alocada. Pertença. Incompleta, pois, sou eu eterna colagem intimamente coletiva. E, ainda que com pequenas colheradas, insisto em alimentar a pulsão viva de descontentamento que nos faz nascer continuamente. Gratidão, Quijano, Porto-Gonçalves, Ingold, Reis, Dias e tantas outras! Porque nessa pequena fatia, R-Existo.

Paulinha.

Essa dissertação não se propõe autoetnográfica, contudo, inspirei-me nas autoetnografias narrativa e performática (DENZIN, 2018; RAIMONDI et al, 2020), uma vez que ela, a Didi¹⁰, nasceu de inquietações íntimas, mas por isso não menos coletivas. Segundo Raimondi et al (2020, p. 01), “A autoetnografia performática é uma metodologia de pesquisa qualitativa que busca problematizar as resistências entre o “eu” (auto) e o coletivo (etno) no ato de escrever (grafia)”. E continuam:

Lionnet 3 sugere que a autoetnografia é a problematização das resistências entre o “eu” (auto) e o coletivo (etno) no ato de escrever (grafia). Considerando os pressupostos dos estudos de performance, que compreendem o corpo e suas performances como um local privilegiado para a produção de conhecimento, a autoetnografia performática, um dos tipos possíveis de autoetnografia, apresenta-se como uma estratégia “método+lógica” que promove a quebra de silêncios individuais-

¹⁰ ‘Didi’ foi o modo carinhoso pelo qual passei a chamar esta dissertação.

coletivos relacionados a sistemas de relações e produção de conhecimento hegemônicos 5, eurocêntricos, brancos, patriarcais, machistas e cis-heterossexistas (RAIMOND et al 2020, p. 02).

Dessa forma, fiz uso da “escrita de si” como ferramenta de inserção do meu “eu” na pesquisa. Essas ora escritas, ora colagens, compõem o meu diário de pesquisa, que foi se misturando junto ao meu diário pessoal, e foi assim que convencionei chamá-lo ‘diário de pesquisa-vida’. Além das colagens que abrem os capítulos, bem como os eventuais textos autorais por mim escritos, abaixo segue a entrada diarística que trata do impacto causado em mim enquanto ministrante da primeira oficina de colagem e escrita autoral. Esse encantamento seguiu-me ao longo de toda a pesquisa. Dessa forma, eu sigo acreditando que parte da (micro)r-existência cotidiana está em crer na indissociabilidade entre íntimo e coletivo.

04 de abril de 2022

Foi muito melhor do que eu poderia imaginar! As pessoas estavam dispostas. Eu senti medo de estar falando coisas óbvias demais. Com o passar do tempo percebi que não há nada tão óbvio que não possa ser instrumento de transformação. As pessoas começaram a dividir experiências e anseios. Eu senti que encontrei o meu lugarzinho no mundo. Foi muito emocionante ver a minha mãe participando da oficina, entendendo mais o que pesquiso, se interessando. Ela percebeu que, genuinamente, também resiste. Não há resistência menos ou mais valiosa. Estamos todos tentando sobreviver.

Eu sinto que a oficina foi como um fio precioso que amarrou (com laços flexíveis) os meus anseios e a base teórico-afetiva da qual eu preciso. Durante a preparação dos encontros eu senti que há campo, sim, na Linguística, para a minha/nossa pesquisa. O trabalho de pesquisa é como a carpintaria. A gente vai aparando, lixando, moldando a madeira (que até então parecia dura, sem maleabilidade qualquer). Eu sinto, de verdade, que não me apartarei jamais da pesquisa. Ver as pessoas encontrando sentido (não apenas racionalmente) no diálogo proposto; ver a minha mão se aproximando do que eu pesquiso foi mágico! Ministar a oficina foi também um conforto epistêmico! A Fabíola foi uma companheira maravilhosa com quem tenho aprendido diariamente!! Não fazemos nada sozinhas. Tudo é coletivo. Eu desejo seguir pesquisando e destravando diálogos mundo à fora... para que eu me torne, cada dia mais, gente... demasiadamente gente.

Paulinha.

Como essa entrada, eu poderia ter trazido tantas outras. Acredito, com sinceridade, que as reflexões nela apresentadas sulearam a construção das oficinas que vieram depois e me instigaram a permanecer desenvolvendo uma pesquisa que parte uma rede tecida entre micro e macrossocial. Dessa forma, passemos à próxima seção, que trata do mapa de coerência da pesquisa.

4.5 Mapa de coerência da pesquisa

A seguir, apresento o mapa de coerência da pesquisa. O quadro demonstra relações entre os objetivos, as estratégias de geração de dados e os campos dimensionais da pesquisa, auxiliando na orientação quanto à escolha das categorias de análise, com veremos no próximo capítulo.

Quadro 05 - Mapa de coerência

OBJETIVOS	METODOLOGIA/ESTRATÉGIAS DE GERAÇÃO DE DADOS	CATEGORIAS E CAMPOS (dimensão situada da pesquisa)
<p>Analisar as práticas discursivo-identitárias geradas em oficinas de colagem e de escrita autoral com foco nas transformações críticas dos significados representacionais e identificacionais relacionados às microrresistências cotidianas diante das três grandes facetas do sistema colonial, quais sejam, a colonização do ser, do saber e do poder.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Rodas de conversa em comunidade de colagem e escrita autoral; • Colagens e textos reflexivos das co-pesquisadoras; • Notas reflexivas e (auto)etnográficas da pesquisadora. 	<p>Significado representacional (potência imaginativa):</p> <ul style="list-style-type: none"> - Agentes e processos verbais; intertextualidade e polifonia; lexicalização; metáforas e recursos expressivos; criação de palavras; significado das palavras; efeitos ideológicos e políticos do discurso (relações sociais).
<p>Analisar as identidades pessoal, social e de agente de mudança das participantes/colaboradoras, com base no estímulo de pensamentos crítico-transgressivos e imaginativos construídos pela prática da autoria criativa, materializada através da colagem e da escrita autoral como extensão da expressão das emoções diante de um cenário que pretende a</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Rodas de conversa em comunidade de colagem e escrita autoral; • Colagens e textos reflexivos das co-pesquisadoras; • Notas reflexivas e (auto)etnográficas da pesquisadora. 	<p>Significado identificacional (quem é você nesse processo?):</p> <ul style="list-style-type: none"> - Avaliação; modalização; metáfora; criação de palavras; pressuposição; lexicalização; representação de atores sociais; polidez; ethos; efeitos ideológicos e

aniquilação da produção de sentidos de mundo;		políticos do discurso (sistemas de conhecimento e crença e Identidades sociais 'eu').
Compreender as limitações e as possibilidades de um trabalho com colagem e escrita autoral frente a processos sociais de reificação e de congelamento da agência dos seres humanos, em contextos de distribuição e consumo de discursos produzidos pelo sistema moderno-colonial, com foco em práticas cotidianas de (micro)r-existência, visando a emancipação sentipensante do ser.	<ul style="list-style-type: none"> • Rodas de conversa em comunidade de colagem e escrita autoral; • Colagens e textos reflexivos das co-pesquisadoras; • Notas reflexivas e (auto)etnográficas da pesquisadora. 	<p>Significado acional (o fazer sentipensante: colagem + escrita autoral):</p> <p>- Gêneros textuais moventes criados nas oficinas e relação dessas criações com ações (e novos modos de ver e ser) do cotidiano, da vida; modos de operação e estratégias típicas de construção simbólicas combatidas.</p>

Fonte própria

4.6 Acolhendo o acaso: encantamento e resistência (algumas reflexões teórico práticas acerca do encantamento, da resistência e da colonialidade do saber)

Meados de 2022,

O meu pai tem uma relação diferente com o tempo. Talvez seja da natureza de seu trabalho. Ele espera pacientemente que o cliente entre pela porta de sua barbearia. E nessa espera não há resignação, porque o meu pai sorri para o passante, cumprimenta o padeiro, toca o violão, passa o café. E como num ritual, ele acolhe: a capa é abotoada ao redor do pescoço daquele que se senta para ver correr, chão afora, os cabelos crescidos pelo tempo. O meu pai não sabe se naquele dia alguém se sentará na sua antiga cadeira, mas a bancada está sempre com as ferramentas postas, esperando, pela próxima cabeleira farta, pela próxima barba a ser aparada.

(Paulinha)

É chegado o terceiro momento da prática de colagem e escrita autoral. Nele dialogamos acerca da relação entre encantamento e resistência. Refletimos sobre o quão insurgente se faz esse acolhimento perante a colonialidade do saber, executora voraz do encanticídio, como veremos mais à frente. Tomadas pela memória e munidas de preciosos intervalos, beijamos,

com ternura, o acaso. Acolhemos objetos, palavras, imagens que nos são oferecidas pelo cotidiano. Tudo mais o que nos afeta se transmuta em generoso olhar para o que nos escapa, diariamente, entre os dedos. Acolhimento e acaso materializam-se no encontro com sentipensares que nos convidam a compor mundos de maneiras insurgentemente poéticas. Segundo Fuão (2011, p. 52),

O encontrar-se caracteriza o estado aberto e receptivo de todas as figuras. Seu conhecimento poético é também dado por um outro encontrar-se, por uma identificação com o objeto, uma conversa fenomenológica entre o sujeito e os materiais que a compõe (tesoura, cola, fragmentos).

Para além do encontro identificacional entre sujeita, figuras e objetos, proponho o acolhimento do acaso: lentes de acesso às diversas camadas do cotidiano que, em função dos assaltos temporais a que somos diariamente submetidas, são negligenciadas, esquecidas. Esse acolhimento não tem a ver com resignação, mas, sim, com uma disposição para o encantamento com o que nos cerca. Nesse ânimo para o “encantar-se” é onde reside a genuína subversão de se acolher o acaso.

Esse acolhimento exige-nos uma postura insubmissa diante da eterna busca pela utilidade das coisas, das relações, das pessoas, da própria vida em si. Esse viés utilitarista é companheiro de processos socialmente objetificantes, estatizadores, que se alimentam da valoração positiva atribuída à utilidade de todos os seres: dissimulação colonialmente orientada para nos esvaziar da poética cotidiana.

Inspirada em Krenak (2020), convido vocês para que, desobedientemente, pratiquemos o acolhimento do acaso a partir da inutilidade da vida, contudo, não se trata de lhe imputar desvalor. Pelo contrário, esse ‘acolher’, comprometido com a desutilidade, tem a ver com a subversão da lógica moderno-colonial que pretende a total racionalização da vida, desde os seus objetos até os seus seres. Nesse sentido, Krenak (2022, p. 95) nos ensina que “Quando atuamos no sentido de incidir sobre o design original de um ser, seja ele humano ou não, e formatá-lo para que tenha alguma utilidade, estamos incorrendo em uma violência sobre o percurso que ele já está habilitado a percorrer aqui na terra”. Demasiada necessidade de conveniência seria, na verdade, uma ligeira dificuldade em lidar com a ausência de elaboradas explicações? Uma sutil (ou nem tanto assim) nostalgia da servidão? Descarta-se aquilo/quem não é útil. Mas a serviço de quem tais discursos são disseminados?

Davidoff e Kaplan nos apresentam o que chamam de *mágica ordinária*. Para os autores (2014, p. 21), “A observação simples, porém rigorosa, é um exemplo de ‘mágica ordinária’.

Não há nada de esotérico nisso, mas ainda assim mergulhamos em um mundo vivido cuja profundidade e vida transformam o ordinário em magia, sem que, contudo, ela seja menos ordinária”. É importante entender a “mágica” não como algo que vem de presente, sem que haja empecilho qualquer. Pelo contrário, ela é mágica, pois é extraída de lugares improváveis, como por exemplo, do cotidiano, repetitivo por natureza, na maioria das vezes, exaustivo, mas onde ainda é possível o encantamento.

A prática cotidiana da colagem e da escrita autoral carrega consigo uma mágica ordinária: criar. E esse ato, para transmutar-se em fluxo contínuo, precisa antes acolher o acaso. Criar exige-nos a capacidade de habitar o mundo, conduta verdadeiramente ativa e com a qual partilhamos intimidade desde os primórdios de nossa existência: habitamos o corpo de nossa mãe, de nossas avós e de tantas outras ancestrais que vieram antes de nós. Habitar fronteiras entre objetos, imagens, palavras, sentipensares. Com apenas três sílabas, ‘habitar’ convida-nos à improvisação diária, nos ensinando que o total autocontrole de nossas vidas é uma ilusão discursiva manejada pelo sistema colonial-moderno. Nesse sentido, Oliveira e Sgarbi (2008, p. 97):

Considerar essa imprevisibilidade e incontrolabilidade da vida cotidiana é, também, fundamental para que possamos estar preparados para encontrar o inesperado, para perceber o invisibilizado, para tecer novos e melhores entendimentos sobre as diferentes realidades escolares e com elas dialogar, em busca da formulação de mais e melhores práticas emancipatórias, entendendo as diferentes realidades como imersas em redes de saberes e de práticas que, situados para além dos muros da escola, se fazem presentes nos cotidianos escolares, por meio dos sujeitos neles presentes.

O acaso é, pois, matéria prima para a autoria criativa. Seja com a escrita, seja com a colagem, criar, sob a palma do encantamento é acolher ativamente. É romper com a necessidade moderna de controle. Acolher o acaso traduz o terceiro gesto da autoria criativa, qual seja a pulsação. Nas palavras de Dias (2021, p. 31), esse gesto representa o ápice da presença. Para a autora (p. 31-32), “A escrita passa a fazer parte da vida, de cada momento, de cada encontro. Não há mais separação entre quem escreve e sobre o que se escreve”. Acolher o acaso para habitar criativamente o mundo, pertencendo, assim, em fluxo contínuo, à malha da vida (INGOLD, 2021).

4.6.1 O encantamento cotidiano enquanto prática de resistência

Neste capítulo, apresentamos as possibilidades de resistência por meio de uma vivência sentipensante em pesquisa discursiva crítica. Realizo minha jornada pesquisadora através do encantamento, enquanto postura crítico-transgressiva, frente a inúmeras tentativas de

manutenção da colonialidade do saber, que, fundamentada na racionalidade eurocêntrica da produção de conhecimento, propaga discursos essencialmente dualistas.

A partir de experiências acadêmicas anteriores, bem como após estar inserida, conforme disse na introdução, em uma sistemática de trabalho que impedia o desenvolvimento pleno de minhas subjetividades, eu passei a me questionar se nós, enquanto sociedade, estaríamos diante de uma tentativa moderno-colonial de assassinar nossas possibilidades de encantamento com o mundo.

Com o passar do tempo, as vivências e leituras atentas de diversas autoras (Quijano, Mignolo, Lander, Rufino e Simas, Walsh, Reis e outras) fizeram com que esse questionamento fosse crescendo e se transformando em perguntas outras tais como: **o quanto de colonialidade existe nessa nefasta tentativa de dessubjetivação?**

Assim, a partir de diálogos proporcionados pela prática da autoria criativa, através da colagem e da escrita autoral, experienciados nas oficinas promovidas pelo GECRIA, **procuro compreender se essa tentativa diária de assassinar nosso encantamento contribui para a manutenção, em nossa sociedade, de algumas dimensões da colonialidade do saber, bem como se o acolhimento do acaso é capaz de combater tal lógica.**

Mas de qual encantamento estou falando? Segundo o Dicionário Online de Português, “*encantar*”, verbo transitivo direto e pronominal, significa “*envolver ou ser envolvido por algo sedutor; maravilhar(-se)*”. Mas foi em uma de minhas leituras cotidianas que me deparei com um abraço epistemológico: o ato de encantamento enquanto postura crítico-transgressiva. Segundo Rufino e Simas (2020, p. 04),

Para a maioria dos seres que não experimentam o mundo a partir dos alpendres da Casa Grande, das sacadas dos sobrados imperiais e das salas de reunião de edifícios de grandes corporações, cabe entender o encantamento como ato de desobediência, transgressão, invenção e reconexão: afirmação da vida, em suma.

É preciso cuidado, pois existe uma tentativa moderno-colonial de apropriação da ideia de encantamento. Com a chancela moderno-colonial, institui-se o ato de se encantar como uma espécie de romantização, a todo custo, da vida. Trata-se de uma espécie de alienação social baseada no afastamento da realidade cotidiana da grande maioria da população. Esse discurso conota a fantasia de que a solução das questões se encontra em “*enxergar a vida com outros olhos*”. Mais uma vez, discursos neoliberais apregoam o vazio argumento de que tudo “*só depende de você*”.

A disseminação dessa ideia contribui para a manutenção e intensificação de alguns dos modos de operação da ideologia e suas respectivas estratégias de construção simbólica, como, por exemplo, a fragmentação (THOMPSON, 1995). Esse afastamento da realidade social por parte de uma camada que via de regra é economicamente privilegiada opera no sentido da diferença como instrumento de exclusão, bem como da produção de ausências, trazendo para si uma perigosa aliada: a crença na inexistência de alternativas possíveis ao que está socialmente dado, tentando minar, assim, a potência subversiva contida na esperança ativa e na imaginação política.

Neste trabalho, o encantamento do qual eu falo não comunga com essa ideia, hegemonicamente preparada, de afastamento do outro – *que é diferente de mim, pois não consegue enxergar a vida com ‘bons olhos’*, que rechaça as interseccionalidades, que pretende reduzir a complexidade social à realidade de uns poucos. Muito pelo contrário, o encantamento aqui proposto é aquele que se constrói enquanto postura de vida, que, em acordo com os estudos críticos do discurso e com sua perspectiva dialética entre linguagem e sociedade, nos exige um comportamento reflexivo acerca, não apenas de constatações sobre a existência de mazelas sociais, mas também quanto às possibilidades de (micro)transformações frente a tais demandas.

Para Fairclough (2001), conforme já dito, a Teoria Social do Discurso concede à linguagem uma espécie de protagonismo na vida social. Trata-se de uma posição inovadora, pois examina, com profundidade, o seu papel na reprodução das práticas sociais, bem como no que tange à transformação social. Essa impossibilidade de dissociação entre linguagem e sociedade é um dos motivos que me faz crer no potencial transformador existente no cotidiano quando nos dispomos a olhá-lo como campo de semeadura para a prática da resistência crítico-transgressiva proposta pela autoria criativa (DIAS; COROA; LIMA, 2018).

Nesse ponto, inspirada no que Santos (2008) denominou *epistemicídio*, componho o que chamo de ‘*encanticídio*’, qual seja o engajamento colonial-patriarcal-moderno-capitalista-neoliberal para com a tentativa de assassinato da capacidade humana de produzir sentidos de mundo(s) a partir do *encantamento*, da possibilidade de imaginar formas outras de estar no mundo e não sobre o mundo. Trata-se de uma exaustiva diligência que pretende, mas não consegue por completo, exterminar a esperança, a imaginação política, em suma, o *encanto* enquanto instrumento de insurgência, de R-Existência cotidiana.

Entendo, pois, que o *encantamento*, enquanto postura crítico-transgressiva, constitui-se na possibilidade de experiência de percursos identitários do ser-sujeito, na conexão com os

sentimentos, com o pensamento crítico-transgressivo, e com uma reflexividade sentinte. Sujeita capaz de se encantar. Sujeita de vida.

4.6.2 A manutenção de categorias duais enquanto ferramenta encantida

A partir da teoria da colonialidade do poder, Quijano (2005) define o eurocentrismo como uma perspectiva de conhecimento cuja elaboração sistemática teve origem na Europa Ocidental. Contudo, o próprio autor nos alerta para o fato de que esse horizonte não possui limites temporais tampouco geográficos. Em suas palavras, o eurocentrismo refere-se “a uma específica racionalidade ou perspectiva de conhecimento que se torna mundialmente hegemônica colonizando e sobrepondo-se a todas as demais, prévias ou diferentes, e a seus respectivos saberes concretos, tanto na Europa como no resto do mundo” (2005, p. 115).

Quijano apresenta-nos ainda a dualidade caracterizante do padrão mundial de poder, responsável pelo modelo de produção de conhecimentos eurocentricamente programados (QUIJANO, 2005, p. 115):

A elaboração intelectual do processo de modernidade produziu uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que demonstram o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado. Essa perspectiva e modo concreto de produzir conhecimento se reconhecem como eurocentrismo.

Conforme já dito nos capítulos anteriores, a construção mental que classifica a população mundial de acordo com a ideia de raça foi o que tornou possível a dominação colonial a partir da divisão do trabalho. Dividiu-se entre trabalho braçal, que deveria ser realizado pelo colonizado (povos originários e povos africanos) e trabalho não-braçal, a ser realizado pelo branco, que seria futuramente conhecido como europeu.

Partindo do conflito entre a experiência histórica e a perspectiva eurocêntrica de conhecimento, Quijano aponta, como um dos elementos vitais dessa lógica reducionista “uma articulação peculiar entre um dualismo (pré-capital-capital, não europeu-europeu, primitivo-civilizado, tradicional-moderno, etc.) e um evolucionismo linear, unidirecional, de algum estado de natureza à sociedade moderna européia” (2005, p. 116). A relação entre essa dualidade e um evolucionismo linearmente projetado para a Europa enquanto modelo civilizatório e centro do mundo, desemboca em uma sociedade exímia, e, descaradamente, produtora de exclusões.

Mais adiante, Quijano expõe a ideia de um novo dualismo, a partir do qual se dicotomiza as relações entre o corpo e o não-corpo. Nas palavras do autor (2005, p. 117):

A idéia de diferenciação entre “corpo” e “não-corpo” na experiência humana é virtualmente universal à história da humanidade, comum a todas as “culturas” ou “civilizações” historicamente conhecidas. Mas é também comum a todas – até o aparecimento do eurocentrismo – a permanente co-presença dos dois elementos como duas dimensões não separáveis do ser humano, em qualquer aspecto, instância ou comportamento.

Originada no pensamento cristão e fundamentada na primazia da “alma” sobre o “corpo”, tal ideia foi mantida por Descartes, ainda que sob a sua conversão naquilo que Quijano (2005) denomina uma radical separação entre “razão/sujeito” e “corpo”. Tal construto contribui para que o “corpo” seja relegado a uma entidade incapaz de produzir conhecimento “racional”, restando, assim, uma posição dita superior à categoria “razão/sujeito”. Esse argumento, mantido e praticado ao longo dos séculos, evidencia a manutenção de ideologias baseadas na legitimação, bem como na reificação das relações (vide quadro, p. 37-38), uma vez que inculca no imaginário social a naturalização da mortandade de corpos supostamente inferiores, incapazes de gerar conhecimentos válidos.

Nesse sentido, Castro-Gómez (2005), teoriza acerca da retórica eurocêntrica, que se pretende neutra e externa ao mundo, e que se mune de uma suposta capacidade para a produção e a avaliação de saberes. Tal construção apresenta um viés duplamente apagador, pois, primeiro, exclui os saberes supostamente não neutros e internalizados no mundo; segundo e, nas palavras de Lander (2005), naturaliza a relação hierárquica do observador soberano sobre seu objeto naturalizado.

Esse sustentáculo binário, e desumanizador por excelência, constitui-se como um dos pilares para o eurocentrismo enquanto perspectiva de produção de conhecimento, reiterando-se diariamente através da produção, distribuição e consumo de textos compactuados com discursos colonial-modernamente engendrados. Essa propagação naturaliza e legitima a criação de categorizações essencialmente duais, que se estendem a tudo o que seja capaz de contribuir para a construção de nossas subjetividades, inclusive, sobre nossas possibilidades de encantamento enquanto prática de insurgência.

Essa dualidade reificante estende-se à partição sujeita/objeto, responsável pela hierarquização de coisas, experiências e tudo mais que envolva processos de subjetivação. Magalhães (2017) nos apresenta importante teoria capaz de contribuir para a ruptura da díade humano/não humano, no campo discursivo. Trata-se da teoria do protagonismo da linguagem, na qual se reconhece o caráter de protagonismo não apenas das sujeitas, mas, também dos textos, dado o potencial agentivo que lhes é atribuído. Segundo a autora, “Para o protagonismo

da linguagem, é fundamental que os textos sejam entendidos em relação às práticas sociais e aos discursos específicos em que se situam, pois é aí que podem atuar” (2017, p. 584).

Uma das faces do encantícidio apresenta-se através do que tomei por liberdade chamar ‘política das obviedades’, que nada mais é do que a prática colonialmente orientada para, com base na busca por verdades incontestáveis, repelir a possibilidade de produção de dúvidas, o que impacta a capacidade essencialmente humana de questionamento acerca daquilo que está posto como patente. Trata-se da tentativa de redução das complexidades da vida a axiomas manifestamente irrefutáveis. Dessa forma, tudo o que não se encontrar sob o véu dessa suposta incontestabilidade traduz algo que não merece atenção.

Conforme já disposto no segundo capítulo, Porto-Gonçalves (2005) nos apresenta uma característica presente na constituição da sistemática moderno-colonial, qual seja, a obsessão pelo novo. A meu ver, tal obsessão possui estreita relação com a política das obviedades, e em consequência, com o encantícidio, uma vez que todos esses aspectos são atravessados pela busca ininterrupta por algo a ser ‘descoberto’, por algo que está ainda por vir. A incontestabilidade, caracterizadora da política das obviedades não admite ressignificações, tampouco olhadelas em direções outras que não a fronteira, representante suprema do ideal eurocêntrico de desenvolvimento. Dessa forma, tudo aquilo que não comungue com esta perspectiva unidirecional, ou seja, que não esteja à frente do presente, daquilo que já foi ‘descoberto’, carrega em sua essência o atraso. Portanto, o que já foi ‘descoberto’ perde o seu valor.

Um dos meus encantos pelo cotidiano é que ele não nos apresenta respostas definitivas, tampouco completas. Cotidianear-se verdadeiramente nos exige humildade epistemológica e, para além e, sobretudo, como o pequeno Diego, de Galeano, é preciso estarmos ontologicamente dispostos a olhares outros. Essa despreensão materializa-se em pequenas doses, vertidas - paradoxalmente – por nossas gargantas pretensiosamente sedentas pelo encanto. Dia após dia, o eterno frasco goteja. E o valioso líquido nunca se esgota. É preciso estar no mundo e não sobre o mundo. E essa presença sincera passa por atos cotidianos de desobediência consciente, pautados na resistência transgressiva (DIAS; COROA; LIMA, 2018).

Rufino (2021) apresenta-nos a emergência de desaprender o cânone. Contudo, esse ideal não constitui qualquer relação com a negação da importância dos conhecimentos científicos,

tampouco pretende a ruptura com aqueles eurocentricamente produzidos. Para ele, “Desaprender do cânone é um passa-pé na política que investiu massivamente na captura de sentidos, linguagens, memórias e dignidade existencial, produzindo o esquecimento da diversidade de vivências para fazer vigorar um modelo único de ser e saber” (RUFINO, 2021, p. 15). A proposta do autor constitui uma postura crítico-transgressiva de tamanha insurgência, partindo do reconhecimento da existência e da real importância de saberes outros, sem, contudo, operar a máquina exclusiva:

Uma das tarefas que aposto, de uma educação que se faz como descolonização, passa pela emergência de desaprender o cânone. Essa desaprendizagem não perpassa pela negação de determinadas presenças e saberes, mas pelo destronamento. [...] A desaprendizagem como ato político e pedagógico se insere na capacidade de recuperação de sonhos e no alargamento de subjetividades que foram e são assombradas pelo desencanto (RUFINO, 2021, p. 17).

Para se acolher o acaso, é necessário que seja mantida a chama de encantamento enquanto postura crítico-transgressiva, o que somente se faz possível quando estamos (des)preparadas para receber, na mesma proporção, a centelha diária oferecida pelos saberes outros que não os canonizados, sem, contudo, romper com estes. Trata-se de um manejo dialógico, inclusivo, capaz de solapar as hierarquias do conhecimento colonialmente orientadas, capaz de romper com a raiz dualmente limitadora que promove como legítimo apenas os conhecimentos originados na lógica eurocêntrica de produção.

Neste sentido, Reis (2022) nos ensina que, para tanto, é necessária a assunção de um compromisso ético-político a fim de reconhecer, valorizar e visibilizar positivamente as sujeitas historicamente racializadas, bem como suas elaborações. Para a autora,

Esse compromisso pode ser empreendido por meio do do que Walter Mignolo (2020) denomina corpo-geopolítica do conhecimento, que envolve o exame, a denúncia e o enfrentamento das formas pelas quais a modernidade/colonialidade e suas instituições (escola, universidade, ciência, Estado) seguem, na atualidade, produzindo os povos e os saberes não eurocêtricos como ausências, não-ser e não-saber” (REIS, 2022, p. 49).

Quando ampliamos nossas lentes de mundo para o que está além da sala de aula (e que também deveria estar nela), exercemos uma insurgência capaz de dismantelar, pedaço por pedaço a lógica que pretende excluir saberes outros. Novamente, eis o cotidiano e sua potência transformadora: ampliar nossos olhares para além. Segundo Reis, “É justamente nas fendas do que sobreviveu ao domínio injusto que emergem as intelectualidades e epistemes de fronteira, modos de sentipensar não eurocêtricos que friccionam, tensionam e dialogam com a razão ocidental hegemônica” (2022, p. 48). Vamos acolher o acaso?

CAPÍTULO 5

(DES)COLANDO: ABRAÇAR A MUDANÇA ATRAVÉS DO COTIDIANO

*“Cambia, todo cambia”
(Mercedes Sosa)*



Colagem 08 – “Metamorphose”

Colagem analógica, autoatualização e transformação sobre papel

Este capítulo trata do quarto momento da prática de colagem e escrita autoral: *(des)colando: abraçar a mudança através do cotidiano*. Aborda também das categorias de análise que serão utilizadas, bem como dos dados gerados. Diferentemente dos outros capítulos, neste, antes da estrutura formal, nesse caso, a análise dos dados, apresento os diálogos tecidos a partir da comunidade de colagem e escrita autoral. Este capítulo divide-se em três seções: na primeira, procuro costurar diálogos teórico-práticos, formulados em comunidade, buscando reflexões junto às possibilidades de transformação social, construídas através da autoria criativa, materializada na colagem e na escrita autoral. A segunda seção é iniciada por um panorama geral acerca das análises dos dados, ou melhor, dos tesouros gerados nas oficinas. Essa seção possui cinco subseções responsáveis por apresentar as categorias sob as quais se fundamentam as análises desenvolvidas, bem como as análises realizadas a partir dos temas

abordados ao longo da pesquisa. Na terceira seção, apresento algumas considerações sentipensantes para com as produções autorais das co-pesquisadoras.

5.1 Viver é também uma colagem?

Chegamos ao quarto momento da autoria criativa, através da prática de colagem e escrita autoral, a hora de colar, de fazer a união dos fragmentos – já não fragmentados, sejam eles palavras, imagens, objetos, pensamentos, sentimentos, experiências e tudo mais o que nos afete. Trata-se de uma brecha, *las grietas* (WALSH, 2016) que carregam a força das comunidades de aprendizagem (HOOKS, 2013) e de mudança (DIAS; RIBEIRO, 2021). A escolha do material, o recorte, o acolhimento do acaso são aqui reunidos a fim de corporificar as memórias, o tempo vivido, o encantamento, a resistência e, sobretudo, a experiência coletiva, comunitária, grande possibilitadora de mudanças sociais. Materializamos, aqui, indignações, anseios, mas também (micro)transformações, pequenas resistências diárias, (micro)R-existências. Em consonância com Walsh (2016), gritamos, rachamos, semeamos e caminhamos.

O momento da colagem trouxe à tona a fluidez e a dinamicidade dos três gestos da autoria criativa, tratados no terceiro capítulo. Nas palavras de Dias (2021, p. 32), eles “são fluidos e dinâmicos, as técnicas são aplicadas no ir e vir dessa trimemoração, em conformidade com as necessidades de cada momento”. Impulso, intuição e pulsação transmutam-se, corriqueiramente, em práticas sociais poeticamente transgressoras: através do cotidiano, abraçamos a mudança.

Ao mesmo tempo em que os trabalhos das co-pesquisadoras traduzem anseios, crenças e valores ligados à intimidade de quem os produziu, o caráter coletivo desta comunidade ficou bastante explícito ante o engajamento das participantes, possibilitando, assim, o nascimento de textos e colagens cuja agência fez emergir a potência socialmente transformadora decorrente da reunião de pessoas que desejam criar. Para Fuão (2011, p. 79), “seria mais interessante remeter à origem da palavra collage não a cola, mas sim ao sentido de collegare, colligare que em latim significa colegas, aqueles que andam juntos, aquelas figuras que andam lado a lado”.

Viver não seria também uma colagem? Eu sempre me pergunto. E, entre palavras, imagens e toda disposição para o afeto, sinto prazer em concordar com o querido Manoel de Barros, quando nos lembra que “A maior riqueza do homem é a sua incompletude” (2010, p. 374). Incompletas, seguimos carecendo de (re)conhecer a potência agentiva, transformadora e, nas palavras de Quijano (2005), re-originadora, das outras pessoas, dos demais seres, dos

objetos, dos lugares socialmente desacreditados. E essa incompletude tem a ver com o agora, com o que nos é cotidianamente possível.

Nesse sentido, entendo essa incompletude como o que Freire chamou de inacabamento do ser que se sabe inacabado. Para o autor, a inconclusão do ser é própria da experiência vital (2016, p. 53). E acredito, sinceramente, que seja essa a essência das comunidades de aprendizagem e de mudança. Esse movimento, que nasce íntimo, mas que logo se constitui coletivo, intima-nos à vocação ontológica de intervir no mundo:

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história (FREIRE, 2016, p. 53).

Ouso dizer, pois, que a nossa inserção no mundo somente se torna possível à medida que praticamos a capacidade de sulearmos, para a dialogicidade, as nossas relações cotidianas. Esse diálogo constante nos desafia ao sincero despertar para interações afetuosas, mas não menos críticas por isso. Para hooks (2013, p. 175), “Se realmente queremos criar uma atmosfera cultural em que os preconceitos possam ser questionados e modificados, todos os atos de cruzar fronteiras devem ser vistos como válidos e legítimos”. Nesse sentido, a autora nos alerta para a importância da prática dialógica:

A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ser ou não erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças (hooks, 2013, p. 174).

É comum que, na manutenção de comunidades criativas, sobretudo em contexto acadêmico, a tentativa de afastamento do modo de operação ideológico conhecido como fragmentação faça com que o grupo acabe se aproximando de outro modo, qual seja a unificação e suas respectivas estratégias de construção simbólica (vide quadro p. 37-38). Escapar de tal armadilha é possível através da construção de um devir sensível, capaz de aumentar a consciência acerca das ideologias operantes, a que Borges denomina “sentir crítico”. Para a autora,

Esse “sentir crítico” é [...] um devir de sensibilidade que instiga a empatia e é despertado não por conta da imposição de uma agenda politicamente correta, institucionalmente pensada, estanque e coercitiva, mas devido ao aumento da consciência a respeito dos vieses ideológicos que nos restringem e moldam e do entendimento de que os parâmetros e valores contra os quais medimos as pessoas são construídos sociopoliticamente em nossas interações cotidianas (BORGES, 2017, p. 9).

A construção de comunidades de aprendizagem e de mudanças constitui uma ferramenta hábil para o cultivo e o exercício de (micro)r-existências cotidianas, uma vez que elas se comprometem, sobretudo, com a desconstrução de binarismos sustentados na dualidade “eu x a outra”, sem, contudo, flertar com a imposição de um apagamento que se mascara sob o signo da igualdade, em sua essência, opressora. Krenak denomina essa possibilidade de “alianças afetivas”. Para o autor, as alianças afetivas pressupõem

[...] afetos entre mundos não iguais. Esse movimento não reclama por igualdade, ao contrário, reconhece uma intrínseca alteridade em cada pessoa, em cada ser, introduz uma desigualdade radical diante da qual a gente se obriga a uma pausa antes de entrar: tem que tirar as sandálias, não se pode entrar calçado (KRENAK, 2022, p. 82).

Na esteira da nossa consciente incompletude, bem como da possibilidade de diálogo enquanto mecanismo de resistência face à tentativa diária de fragmentação de nossas relações, evoco, na contramão da estaticidade moderno-colonial, o que Bakhtin (2017) chamou “palavras alheias” e sua importância na construção de nossa própria autoria criativa. Para ele,

As influências "extratextuais" têm um significado particularmente importante nas etapas de evolução do homem. Tais influências estão plasmadas nas palavras (ou em outros signos), e essas palavras são palavras de outras pessoas, antes de tudo palavras da mãe. Depois, essas "palavras alheias" são reelaboradas dialogicamente em "palavras minhas-alheias" com auxílio de outras palavras alheias (não ouvidas anteriormente) e em seguida nas minhas palavras (por assim dizer, com a perda das aspas), já de índole criadora (BAKHTIN, 2017, p. 68-69).

Essa noção dialógica permeou todo o curso das oficinas propostas, bem como a escrita e a execução desta pesquisa. Dessa forma, é como se, dada a hora das análises, essas vozes várias e outras, transmutassem-se na cola que pretende unir os fragmentos, respeitando, contudo, as interseccionalidades, as particularidades de cada discurso, de cada pessoa que se propôs à partilha criativa. Essa colagem, pois, não se pretende unificante tampouco definitiva, mas sim, construção infinda.

É nesse movimento, que se propõe em emaranhados de fluxos, em nascimentos contínuos (INGOLD, 2021), que apresento as análises, ou melhor, os diálogos sentipensantes que não se pretendem acabados. A cada (re)leitura surgem percepções outras diante de experiências outras vivenciadas por esta pesquisadora. É também nesse sentido que enxergo este trabalho como uma colagem, mas não apenas. Os diálogos tecidos neste capítulo me recordam, também, uma costura ao revés, pois o viés construcionista da pesquisa nos leva para caminhos que não se limitam ao apontamento das problemáticas abordadas. Para além das questões sociais, e, em acordo com a *re-originação* do mundo, proposta por Quijano (2005), encontra-se a reivindicação do protagonismo das subjetividades próprias das co-pesquisadoras

(e, também, da minha), bem como o rechaçamento da subalternidade muitas vezes atribuída ao cotidiano.

Nesse sentido, a fim de compor esta roda dialógica, na qual a linguagem se instaura como um processo de contínuo nascimento, portanto, contínua r-existência (PORTO-GONÇALVES, 2020), chamo novamente Bakhtin e, inspirada em Quijano (2005) e Reis (2022), evoco a potência re-originadora da contrapalavra. Para Bakhtin (1974, P. 405-406),

[...] essas palavras que carregamos multiplicam as possibilidades de compreensões do texto (e do mundo) porque são palavras que, sendo nossas, são de outros, e estão dispostas a receber, hospedar e modificar-se face às novas palavras que o texto nos traz. E estas se tornam por sua vez novas contrapalavras, nesse processo contínuo de constituição da singularidade de cada sujeito, pela encarnação da palavra alheia que se torna nossa pelo nosso esquecimento de sua origem.

Assim, na pretensão de tecer respostas, inacabadamente gerundivas, à nefasta tentativa moderno-colonial de apagamento da possibilidade de se produzir sentidos outros de mundo(s), ofereço, pois, contrapalavras que ressoaram em mim ao longo da construção dos diálogos sentipensantes gerados junto à análise desses preciosos tesouros, aqui chamados dados de pesquisa. Tal investida somente se torna concebível a partir de leituras construídas pela união das vozes várias que constituem essa pesquisa: contrafragmentação; contradissimulação, contraunificação; contrarreificação e contralegitimação, todas elas faíscas desse encontro infinito de palavras, de sentipensares. Mais à frente, essa oferta nomeará algumas das categorias analíticas propostas.

5.2 Sentipensando com os dados

A divisão das subseções que seguem se deu em razão dos temas que mais se sobressaíram quando da análise dos dados. Os elementos *memória*, *tempo*, *encantamento e resistência*, bem como *(micro)transformações sociais* estão conectados com os diálogos teórico-práticos propostos nos capítulos anteriores, e também neste, por isso, os nomeamos macrocategorias sociodiscursivas.

Durante as análises, pude perceber a relação íntima entre os momentos da colagem/escrita autoral, propostos ao longo dos capítulos, e a abordagem morfogenética de Archer (2004). Archer, diferentemente de outros autores, trata a agente humana como “alguém que é parcialmente formado por sua socialidade (*sociality*), mas que também tem a capacidade de transformar parcialmente sua sociedade” (ARCHER, 2004, p. 52). Dessa forma, a autora

rompe com propostas anteriores que, por sua vez, restringem a agente a uma *fazedora autossuficiente da sociedade*, ou a um *produto social passivo*. Archer, através da perspectiva do realismo social, tece sua abordagem atribuindo às agentes “(I) prioridade temporal, (II) autonomia relativa e (III) eficácia causal em relação aos seres sociais que eles se tornam e aos poderes de reflexão transformativa que eles trazem aos seus contextos sociais” (2004, p. 52).

Archer denomina sua teoria dando especial relevância para “a criatividade da práxis parcialmente independente e autônoma, via potencial humano para criar novas e diferentes ordens” (1996, p. 82), entendendo, assim, a possibilidade de transformação como um elemento intransitivo, desenvolvendo um profundo estudo acerca da agência e de sua relação junto à reprodução e à transformação da estrutura. Nesse sentido, ARCHER (apud QUEIROZ, 2020, p.118):

Archer (2004) desenvolve um retrato sequencial da constituição das identidades, que coloca em proeminência a primazia das práticas. A partir da experiência natural, prática e social, o sujeito desenvolve o sentido do *self* (corpo mais a autoconsciência), a identidade social e a identidade pessoal. A identidade pessoal é uma propriedade que depende da emergência prévia do *self*, porque este último deve garantir o fato de que todas as três ordens da realidade sejam consideradas pelo agente na sua constituição como ator social. A identidade pessoal só emerge, de fato, quando o eu reflexivo considera as três ordens completas da realidade (natural, prática e social e social) e, então, determina onde estão suas preocupações e como os outros devem ser acomodados a elas (ARCHER, 2004).

O enquadre analítico fornecido pela abordagem morfogenética pode ser resumido nas seguintes proposições (ARCHER, 1996, p. 106):

- (i) Existem relações lógicas entre os componentes do Sistema Cultural (relações lógicas dentro do sistema);
- (ii) Existem influências causais exercidas pelo Sistema Cultural sobre o nível Sociocultural (relações entre dois sistemas empiricamente separados);
- (iii) Existem relações causais entre grupos e sujeitos no nível Sociocultural (relações lógicas entre dois subsistemas);
- (iv) Há elaboração do Sistema Cultural devido ao nível Sociocultural modificar relações lógicas atuais e introduzir novas (relações lógicas entre um subsistema e um ambiente ideacional).

Para ARCHER (apud QUEIROZ, 2020, p. 128), “Tais proposições compõem um ciclo morfogenético de condicionamento (interação cultural e elaboração cultural), com ciclos contínuos: o produto final de (iv) constitui então o novo ciclo (i) e se inicia, assim, outro ciclo de mudança cultural”. Para o autor, Archer “coloca em relevo a noção de reflexividade, processo social que está no coração da relação entre estrutura e agência” (QUEIROZ, 2020, p. 130). Archer, por sua vez, entende a reflexividade como o “exercício regular da capacidade mental, compartilhada por todas as pessoas, para considerar-se em relação aos seus contextos

(sociais) e vice-versa” (2007, p. 4). Nesse sentido, a autora nos apresenta, um caminho para que as sujeitas, entrando em contato com a estrutura, possam também agir para modificá-la, de maneira não-dual, mas, sim, através de ciclos. Trata-se de um fluxo mórfico discursivo do agenciamento e da reflexividade que se constitui a partir do que Archer denominou perguntas íntimas, deliberações reflexivas e preocupações últimas.

Na tentativa de traduzir o ciclo morfogenético em consonância com os significados do discurso, apresentados por Fairclough (2003), temos o seguinte quadro:

Quadro 06 - Ciclo morfogenético e significados do discurso

Caminhos do ciclo morfogenético	Significados do discurso (Fairclough, 2003)	Questões a serem levadas em consideração	Relação com a prática de colagem
Perguntas íntimas	Representacional	Como os discursos reverberam em nossa potência imaginativa, criativa?	Os vários discursos são como fragmentos que irão compor as nossas representações de mundo que, por sua vez, fazem parte do processo contínuo de (auto)produção das perguntas íntimas ao longo de nossas vidas, como em uma colagem infinita de (auto)questionamentos.
Deliberações reflexivas	Identificacional	Quem somos nós nesse processo?	Deliberações reflexivas que vão sendo escolhidas, recortadas, acolhidas, (des/re)coladas, ao longo da vida de cada uma de nós, levando-se

			em consideração as nossas representações de mundo, as nossas perguntas íntimas, que desembocaram em nossa constituição como seres humanos, em nossas identidade pessoal, social e de agente de mudança.
Preocupações últimas	Acional	Compromissos que nos constituem e estão atrelados às três ordens da realidade: natural, prática e social.	O fazer sentipensante (colagem + escrita autoral); de que maneiras esse fazer pode dialogar com o social?

Fonte: elaboração própria

Ao buscar entrar em contato com as camadas subjacentes dos textos gerados nas comunidades, penetro em um exercício interpretativo explanatório que me auxilia a ver os textos em seu potencial agenciador (ARCHER, 2004). Nesse exercício analítico, vou me implicando como pesquisadora e sentipensando minhas percepções e trajetórias identitárias tecidas no encontro com as subjetividades sentipensantes das co-pesquisadoras. Nesse fluxo discursivo de encontros, busco compreender os modos como os discursos, conforme os fragmentos de uma colagem, vão sendo escolhidos, recortados, acolhidos e (des/re)colados, de forma intersubjetiva, gerando impactos que se engajam na intensificação da própria agência de quem os lê/contempla/escreve/(des/re)cola.

Por isso, *memória, tempo, encantamento, resistência e (micro)r-existências* são muito mais do que meros assuntos trazidos nas produções criativas das co-pesquisadoras: são eixos

estruturantes do olhar que se propõe entender os processos discursivos de mudanças identitárias e representacionais nessas pessoas como agentes sentipensantes. As categorias linguísticas e as categorias sociodiscursivas, aqui chamadas de macrocategorias, são construídas a partir desse lugar não-hegemônico de se colocar na vida, de apreciá-la enquanto movimento insurgentemente poético de habitar o(s) mundo(s), promovendo, assim, a produção e a circulação de olhares outros, a partir da possibilidade de (re)configuração da relação da sujeita consigo mesma, com a outra, com a realidade social, traduzindo, pois, o que Queiroz denominou alteridades questionantes (2020, p. 88).

Os dados gerados, conforme veremos a seguir, apresentam resistência ao foco dual-colonial da relação entre sujeito e mundo, produzido pela propagação de discursos que comungam com diversas facetas da colonialidade (do poder, do saber e do ser), evidenciando o potencial agentivo/transformador das agentes e de suas práticas cotidianas, promovendo um diálogo frutífero entre a abordagem morfogenética de Archer e esta pesquisa. Assim, procurei analisar as produções a partir de uma lente ‘colagista’, enxergando o texto como um papel no qual serão colados os recortes cujas escolhas foram feitas através do acolhimento do acaso, mas também através do (auto)contato com as histórias de vida, das memórias, da ancestralidade, do tempo vivido, bem como dos sentipensamentos que cada uma das co-pesquisadoras acessou durante os encontros.

Outro ponto a ser destacado é que as contrapalavras, ofertadas na primeira seção deste capítulo (contrafragmentação, contradissimulação, contraunificação, contrarreificação e contralegitimação) também sulearam as análises propostas, haja vista a resistência discursiva praticada pelas autoras aos modos de operação da ideologia, bem como às suas respectivas estratégias de construção simbólica (vide quadro p. 37-38). Como veremos, ficou evidente o potencial desobedientemente subversivo dos trabalhos autorais frente aos discursos hegemonicamente preparados pelo sistema moderno-colonial. Passemos às categorias de análise.

5.2.1 Categorias da Análise de Discurso Crítica

As categorias de análise são “formas e significados textuais associados a maneiras particulares de representar (inter) agir e de identificar (-se) em práticas sociais situadas” (VIEIRA; RESENDE, 2016, p. 114). Constituem afiadas agulhas, hábeis à realização de uma minuciosa costura entre os aspectos discursivos e sociais abordados nas questões que

suscitaram o nascimento e o desenvolvimento desta pesquisa. Para Vieira e Resende (2016, p. 113),

O texto é o principal material empírico de pesquisa do/a analista crítico/a do discurso, seja uma entrevista de natureza etnográfica, uma imagem, uma reportagem e assim por diante. É a partir desse material linguístico que buscamos conexões dialéticas entre discurso e aspectos sociais problemáticos, como reforço para ajudar a superá-los.

Importante dizer que as categorias analíticas não foram selecionadas antes da análise. Elas tomaram forma a partir do processo de tratamento e sistematização dos próprios dados, sendo escolhidas de acordo com a respectiva relevância para a pesquisa proposta. Assim, na tentativa de promover a elucidação das pretensões analíticas e de suas relações com os objetivos propostos, apresento o quadro abaixo:

Quadro 07 – Categorias analíticas

Significados do discurso e fluxo morfogenético discursivo	Aspectos textuais/discursivos e sociais	Questões relevantes para a pesquisa
Significado representacional e a formulação de perguntas íntimas (campo do pensar).	1) Escolhas lexicais	Relação entre memória e a escolha dos vocábulos, imagens e materiais por parte das co-pesquisadoras para a composição do processo criativo;
	2) Intertextualidade	Vozes outras que aparecem no texto, na maioria das vezes relacionadas ao campo da memória; processos de resignificação;
Significado identificacional e deliberações reflexivas (campo do pensar).	3) Metáforas	Identificação das autoras com representações de mundo que passam a compor suas identidades pessoal, social e de agente de mudança;
	4) Modalidade	Comprometimento das agentes com suas manifestações, sobretudo no aspecto da (re)construção das

		relações subjetivas e coletivas;
	5) (re)configurações de tempo e espaço	Trânsito entre campo interno (subjetivo) e externo (coletivo);
	6) Intensificação de si através de verbos no gerúndio, pronomes etc.	Representação de agência a partir do uso do gerúndio, pronomes etc;
	7) Verbos de movimento para processos internos, relações de continuidade	(auto)reconhecimento como ser em inacabado, em processo, em (re)construção;
	8) Ethos de autoria	Aspectos que evidenciam, reforçam a (re)construção da autoria das co-participantes;
	9) Neologismo/(des)colagem para a criação de novas palavras	Criação de palavras a partir de outras existentes;
<p>Significado acional e preocupações últimas (campo do agir).</p> <p>Categorias socioideológicas no viés da contrapalavra</p> <p>- (micro) r-existências discursivas materializadas nas contraideologias construídas através da colagem e da escrita autoral,</p>	10) Contralegitimação	Aspectos textuais e imagéticos que correspondem a insurgências praticadas frente a discursos que favorecem a legitimação de relações assimétricas de poder;
	11) Contrafragmentação	Aspectos textuais e imagéticos correspondentes a atitudes insurgentes face a discursos baseados na separação de grupos, impactando diretamente a relação “eu x a outra”;
	12) Contraunificação	Aspectos textuais e imagéticos que traduzem resistência a discursos imputadores de identidades coletivas que não consideram as

		interseccionalidades apresentadas;
	13) Contradissimulação	Aspectos textuais e imagéticos que representam combate a discursos fundamentados na ocultação, negação ou encobrimento de relações de dominação;
	14) Contrarreificação	Aspectos textuais e imagéticos que se insurgem face a discursos que pretendem relativizar aspectos históricos a fim de manter relações assimétricas de poder;

Quadro feito a partir de quadro adaptado de Fairclough (2003) presente em Vieira e Resende (2016, p. 116 -118)

Uma observação importante é que as categorias apresentadas não se limitam aos significados aos quais foram atreladas no quadro acima, transitando entre os campos do pensar, sentipensar e sentipensar-agir. Representação, identificação e ação deixam seu rastro em todas as categorias, de forma que a relação entre elas se constitui muito mais em fluxo do que em pretensas divisões. O quadro foi uma tentativa de evidenciar, de maneira didática, a relação entre os significados mais aparentes as respectivas categorias. Dessa forma, passo à análise dos dados.

5.2.2 Resignificando memórias

Os dados apresentados nesta subseção conversam diretamente com o que foi proposto no segundo capítulo desse trabalho, no qual apresento o primeiro momento da prática proposta nas comunidades de colagem e escrita autoral: “Escolhendo: por olhares outros”.

Ali, tecemos diálogos teórico-práticos acerca do impacto causado pela propagação de discursos que comungam com o sistema-mundo colonial-moderno (QUIJANO; WALLERSTEIN, 1992), mais especificamente no que tange às diversas facetas da colonialidade no seio de nossas subjetividades. Como disposto no segundo capítulo, bem como veremos nos dados aqui apresentados, um dos temas recorrentes nesse momento foi o da

memória que, por sua vez, apresenta estreita relação com o convite para a reflexão acerca da palavravundo de cada uma das co-pesquisadoras.

A proposta, nesta subseção, é apresentar como o diálogo prático-teórico proposto no segundo capítulo ressoou nas produções. Para lembrar, deixo aqui uma das questões suleadoras nascidas no decorrer dos encontros: **É possível que a resignificação da memória se traduza em um instrumento de combate à colonialidade do ser?**

O primeiro excerto traduz uma das manifestações orais de Violeta produzida ao longo da oficina “Colagem e escrita criativa: microrresistências – um olhar atento para o cotidiano”. A primeira dinâmica do encontro se deu através da escrita espontânea, como tentativa de resposta à seguinte pergunta: **“Qual é a sua palavravundo?”**

A partir dessa questão disparadora, as co-pesquisadoras foram convidadas a escrever, por sete minutos sem parar, materializando, assim, o gesto do impulso/desbloqueio (DIAS e outras, 2021). Algumas autoras decidiram manifestar-se oralmente, dentre elas Violeta:

Excerto 1

“Tudo bem conectado nessas palavras que moram na gente, né?! E aí, buscando, a leitura tem um papel muito relevante na minha descoberta de mim mesma, na minha construção. E aí, fui lá na memória mais antiga e identifiquei a minha busca pela leitura, que sempre foi muito ativa, como forma de pertencer. E no desmembramento: conectar; ser e integrar. [...] crio para mim “Pernegrar”: pertencer, conectar e integrar. Esse é o papel da palavra na minha vida. É assim que ela me traz para o mundo e é assim que ela me integra no mundo e o mundo em mim. É um bom lugar.” (Violeta)

Podemos perceber, através da escolha dos pronomes, um processo de agência se constituindo ao longo de sua fala, uma espécie de intensificação de si através do uso de pronomes. Violeta inicia sua manifestação fazendo uso de ‘a gente’ anunciando um desejo de coletividade, depois ela mergulha em uma sequência de pronomes de primeira pessoa, especialmente o possessivo ‘minha’. Ela realça seu papel de agente ao se colocar na relação com a leitura representando este gesto com o uso dos vocábulos ‘descoberta’, ‘mim mesma’ e ‘construção’. Mais adiante, também utiliza ‘minha vida’. Nesse sentido, também podemos dizer que Violeta (re)configura o espaço, de modo que vai saindo de um coletivo e se adentrando em si mesma.

O verbo “*conectado*” aparece no particípio representando a ideia de algo consolidado, que efetivamente aconteceu. A afirmação demonstra alto grau de comprometimento, de segurança na fala de Violeta. É como se ela tivesse plena consciência de sua autoria, de que tudo está “*bem conectado*”. É como um (re)nascer de um *ethos* de autoria, que apresenta segurança daquilo que manifesta.

O uso do tempo presente em “*palavras que moram na gente*” representa a ideia de presença, de algo que está acontecendo no momento de sua manifestação. Nesse sentido, temos a ideia de um ser em constituição, um ser inacabado, que se reconhece em processo contínuo. O uso da metáfora evidencia a agência das palavras. A expressão “*na gente*” representa o “nós”, incluindo o coletivo, remetendo à comunidade, à aproximação entre as co-pesquisadoras. Nesse caso há, inclusive, uma subversão dos papéis sociais: Violeta se autorrepresentando como ‘casa’ (objeto supostamente inanimado) e, concomitantemente, representando a palavra como agente ativa, que pratica o ato de morar. Estamos diante da ruptura da dualidade entre humano e não-humano, tão presente nos modos eurocêntricos de produção do conhecimento. No campo linguístico, Magalhães (2017, p. 593) nos lembra que o protagonismo da linguagem não se limita aos sujeitos, mas alcança também os textos.

No trecho “*E aí, buscando, a leitura tem um papel muito relevante na minha descoberta de mim mesma, na minha construção.*”, o uso do verbo no gerúndio enfatiza processo, algo que está em curso. É interessante, pois a autora, ao longo de sua manifestação, demonstra um exercício de reflexividade acerca do passado, voltando às suas memórias, para mais à frente ressignificá-las. Esse caminhar entre passado, presente e futuro é discursivamente marcado com o uso do gerúndio, bem como do verbo “ter” no presente. Além disso, “*buscando*” traz uma ideia de mergulho interno, como se ela se colocasse em exercício reflexivo para poder responder, o que já indica o grau de envolvimento e de comprometimento profundo com o que vai ser dito a seguir. Estamos diante de uma atitude de agente protagonista, que é realçada pela frase que abre o excerto, quando Violeta anuncia, poeticamente, por meio da metáfora “*palavras que moram na gente*”, que está “*tudo bem conectado*”. Então, podemos nos perguntar: o que ela está antecipando nessa fala? O que é que está bem conectado? E aí, como numa colagem, Violeta vai compondo, colando e, para utilizarmos o mesmo verbo que ela escolheu, vai “*conectando*” palavras outras, que fogem do modo de representar o mundo com base em hegemonias dominantes.

A partir de uma “*memória mais antiga*”, ela escolhe e recorta, com base em sua autoria de vida e de texto, três palavras: *pertencer, conectar e integrar*. E, como se não bastasse seu grau de subjetivação e aprofundamento no seu próprio ‘eu’, ela cria o neologismo ‘*pernegar*’ como uma autocolagem, ou mesmo uma colagem da autoria criativa em si. A criação do neologismo conversa diretamente com o significado identificacional, mas também com o acional. Ela representa a ‘palavra’ em sua vida a partir de um mergulho identificacional em sua memória, e ela trabalha sobre sua palavravmundo, em suas palavras, a partir do “*desmembramento*”.

Em sua manifestação, fica evidente que a sua forma de estar e perceber o mundo parte de um caminho que se sustenta em um fluxo mórfico discursivo que se dá através de perguntas íntimas que vai criando para si, seguidas de deliberações reflexivas, até que atinge suas preocupações últimas.

Violeta faz uso do advérbio de intensidade “*muito*”, revelando alto grau de comprometimento com o que está falando. Em “*na minha descoberta de mim mesma, na minha construção*”, é possível perceber um caminhar para dentro de si, que por sua vez, não se pretende acabado. A partir dessa fala, podemos questionar: quais seriam as perguntas íntimas, nascidas em Violeta, responsáveis pelo tecer de deliberações reflexivas que desembocam nesse *caminhar para dentro de si*?

Ao utilizar “*minha construção*”, a autora apresenta-nos um processo que não se pretende completo. Essa marca discursiva remonta uma luta contra-hegemônica face aos discursos propagados pela colonialidade-modernidade, sobretudo no que tange ao neoliberalismo, com a ideia ilusória de que precisamos estar sempre prontos, completos. Essa aproximação da autora com ela mesma remonta ao combate face ao autoexpurgo, apresentado no terceiro capítulo, marca constante da colonização na seara do ser.

No trecho “*E aí, fui lá na memória mais antiga e identifiquei a minha busca pela leitura, que sempre foi muito ativa, como forma de pertencer*”, o verbo “*ir*”, assim como o verbo “*identificar*”, usados na primeira pessoa, representam alto grau de comprometimento da autora com sua própria fala. Representam ainda agência. A co-pesquisadora utiliza artigos bem definidos para se remeter à memória, como por exemplo no trecho “*E aí, fui lá na memória*”, o que demonstra segurança com relação à sua autoria, bem como alto grau de comprometimento com sua própria fala. Ainda nesse trecho, a partir do uso do dêitico “*ir*”, podemos pensar que

Violeta se coloca como em um espaço separado daquele que alcança ao buscar a sua palavramundo, no caso, esse outro lugar, diferente do aqui, seria a memória, dentro de si.

Por outro lado, a agência representada pela busca de sua própria palavramundo e a identificação de Violeta para com a palavra criada evidencia a intensidade de uma aproximação, entre os espaços exterior (aqui) e interior (memória), construída através da escolha e do recorte das palavras que fizeram nascer “*pernegrar*”. Essa aproximação espacialmente integradora configura a intensificação da agência, através, novamente, da reconfiguração de tempo e espaço. Esse caminhar entre tempos e espaços pode ser entendido como a (re)construção de um *ethos* de autoria transgressiva, haja vista a ruptura com lógicas temporais lineares propagadas pelo sistema moderno-colonial.

O vocábulo “*identifiquei*” transmite uma tomada de consciência acerca das reflexões sobre a sua busca pela leitura. Em “*a minha busca pela leitura, que sempre foi muito ativa, como forma de pertencer*”, a autora novamente usa o advérbio “muito” enfatizando a intensidade de sua busca. Essa busca ativa pela leitura possibilita a ação de pertencimento. Temos aqui um “pertencer” que não se propõe resignado, visto que é fruto de uma busca ativa, revelada pela autora.

Em “*crio para mim ‘Pernegrar’: pertencer, conectar e integrar. Esse é o papel da palavra na minha vida*”, percebemos criação da palavra “pernegrar”. Estamos diante da significação acional. Além de a palavra criada marcar identidade autoral, marca a criação de um verbo no infinitivo, ou seja, que demonstra intenção de ação. O neologismo “*pernegrar*” seria a ação conjunta dos três verbos que a compõe. “*Pertencer*”, no contexto apresentado, representa identidade. Em “*crio*”, o uso da primeira pessoa evidencia a representação da agência, mas não apenas. Violeta, com alto nível de comprometimento, cria para si algo que lhe significa muito, sua palavramundo. Nesse sentido, evidencia-se a ocorrência do processo de (micro)r-existência que vem sendo construído pela autora.

E continua: “*Esse é o papel da palavra na minha vida. É assim que ela me traz para o mundo e é assim que ela me integra no mundo e o mundo em mim. É um bom lugar.*” Nesse trecho vemos novamente a ruptura entre a dicotomia humano x não-humano, presente no sistema moderno-colonial. Há representação da agência da palavra que, numa relação de fluxo, é capaz de levá-la e integrá-la ao mundo e fazer com que o mundo se integre à Violeta. É como se a autora fosse um receptáculo (mas não de forma passiva) para o potencial agentivo das

palavras em sua vida. Em “*É um bom lugar*”, o verbo “ser” usado no presente representa que a autora permanece nesse lugar.

Outro ponto interessante é o uso do pronome de terceira pessoa “*ela*”, a fim de evocar a “leitura” da memória. Além de marcar a intertextualidade diante de vozes outras que vão compondo sua perspectiva de mundo, representa uma espécie de agenciamento da “leitura” por meio da linguagem (ela me traz) e, também por meio da identidade (ela me integra).

Violeta presenteou-nos também com uma colagem de imagens e objetos feita ali mesmo, no primeiro encontro. Sobre o processo de confecção, ela nos diz:

Excerto 2:

Cuidado, contém agulha. Eu sou bem assim. Eu sou um tanto de sutilezas, mas não se espante porque vai encontrar uma aresta, sabe?! (risos). Coloquei uma agulha porque o meu sonho é aprender a costurar, mas eu não sei se a minha vó era autodidata e eu descobri uma conexão muito forte com essa avó que eu não conheci. Então, são essas coisas da alma da gente, né?! Que aparecem a alma da gente pura, pura e é um caminho muito bonito e é uma prática, principalmente porque a gente vai se rasgando cada vez mais, né?! Se mostrando, quebrando os paradigmas que são nossos, né?! E, se percebendo. É maravilhoso! Pra mim é um presente muito grande estar aqui, viu?! Obrigada por essa oportunidade!”



No excerto acima, vemos, novamente uma relação de agência sendo construída a partir do uso dos pronomes, contudo, temos um deslocamento da seara íntima ‘*eu*’, ‘*meu*’, para a coletiva ‘*a gente*’, ‘*nossos*’, como em uma (re)configuração de espaço iniciada no excerto anterior e que se move num potente fluxo que caminha entre intimidade e coletividade.

O trecho “*Eu sou bem assim. Eu sou um tanto de sutilezas, mas não se espante porque vai encontrar uma aresta, sabe?! (risos)*”, evidencia a marca de identidade pessoal da autora. O uso das metáforas “sutilezas” e “uma aresta” apresentam camadas de sua personalidade, de como Violeta se enxerga, trazendo à tona seu *ethos* de autora, uma vez que ela está a explicar o uso da frase “*cuidado, contém agulha*” na colagem apresentada. O uso do vocábulo “*sabe*” ao final da frase remonta, novamente, a uma espécie de chamamento coletivo, mais do que um modalizador de baixo comprometimento.

Em “*Coloquei uma agulha porque o meu sonho é aprender a costurar*”, o uso do verbo “colocar” em primeira pessoa, bem como do verbo “ser” no presente demonstra, novamente, alto grau de comprometimento da autora com sua manifestação, com a (re)construção de sua subjetividade. No trabalho manual de colagem, Violeta traz uma agulha, objeto que foi capaz de despertar sua agência.

O trecho “*mas eu não sei a minha vó era autodidata e eu descobri uma conexão muito forte com essa avó que eu não conheci*” caracteriza-se pela presença de uma outra voz na constituição textual, qual seja a voz da avó de Violeta. Essa voz, capaz de fazer com que a autora reflita acerca de seu desejo de aprender a costurar, representa a constituição da intertextualidade e da polifonia enquanto mecanismos de construção identitária.

O operador textual (função fática) ‘né’ aparece três vezes neste excerto, representando uma tentativa de aproximação para com as demais co-pesquisadoras, participantes da oficina. É como se o “né?!” trouxesse à tona algo sabido em comunidade, todas ali sabem, compartilham dessa opinião, demonstrando, assim, a construção de uma modalidade colaborativa, aberta à comunidade.

Em “*a alma da gente pura é um caminho muito bonito e é uma prática*”, a autora lança mão do uso de uma metáfora para representar uma espécie de lugar de difícil chegada, porém que pode ser acessado através de caminhar para dentro de si, que também é uma prática. Percebe-se a tomada de consciência acerca da prática contínua da (micro)r-existência.

Em “*porque a gente vai se rasgando cada vez mais, né?! Se mostrando, quebrando os paradigmas que são nossos, né?! E, se percebendo*”, o uso de “a gente vai” mostra que estamos diante da representação de agência de mudança em coletividade, em comunidade. Essa ideia permanece diante da sequência de gerúndios em “*se mostrando*”, “*quebrando os paradigmas*”, “*se percebendo*”, que representa nascimento contínuo, processo. Além disso, temos movimentação que passa pela tríade pensar, sentir e agir. “*Se mostrando*” está ligado ao pensamento, às representações sociais; “*se percebendo*” evidencia relações de sentimento, de identificações pessoais. “*quebrando os paradigmas*”, por sua vez, representa ação oriunda dos gestos anteriores. Ainda nesse trecho, temos uso do gerúndio a serviço do momento recortar, uma vez que a autora escolheu as imagens e os discursos que representam suas facetas identitárias e, após, termina o excerto, pronta pra ‘colar’, marcando o seu agenciamento e a sua autoria. Violeta realça a importância do passado e do futuro fazendo o uso de um dêitico “*aqui*”,

representando mais uma vez a intensificação espacial de um lugar “*fora*” e de outro “*dentro de si*”.

No excerto seguinte, temos um texto autoral produzido por Violeta, juntamente com a colagem analógica.

Excerto 3:

*Não há ousadia maior que a de caminhar pelos
caminhos de dentro.*

Per.ne.grar

Pertencer, conectar e integrar.

É o meu caminho

No trecho “*não há ousadia maior do que a de caminhar pelos caminhos de dentro*”, o verbo “caminhar” indica a representação da agência, que se dá através de um processo interno que está sendo (re)construído, o que evidencia também uma tomada de consciência que rompe com os padrões coloniais, difundidos pelo sistema colonial-moderno, conforme veremos mais adiante.

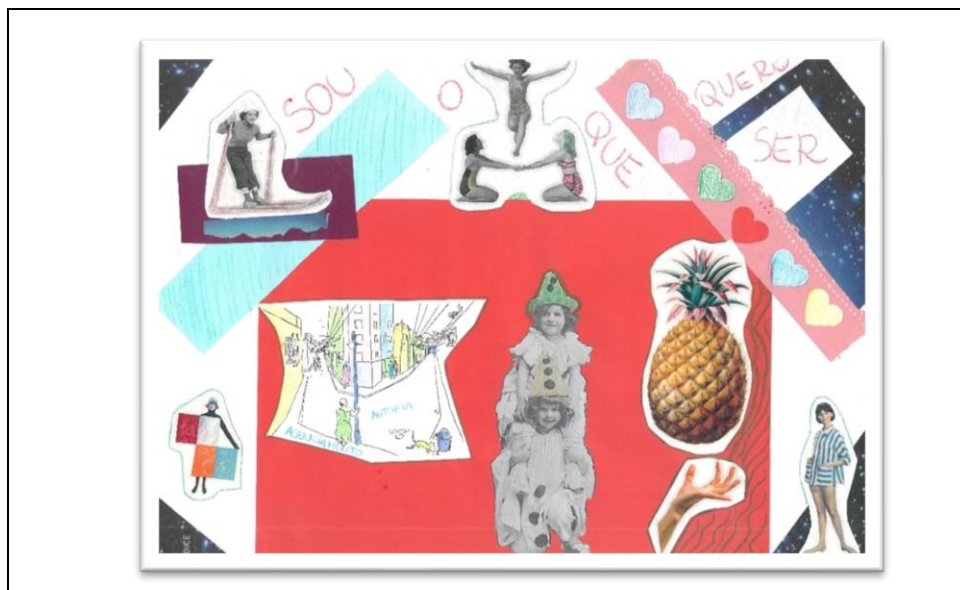
Como um todo, as manifestações e colagens (de textos, imagens e objetos) de Violeta remontam a um processo de confluência da tríade pensar-sentir-agir. A pergunta “*qual é a sua palavramundo?*” despertou, na co-pesquisadora, o campo do pensamento. Pensando, conectou-se a memórias que a levaram a sentimentos; identificando-se e agindo, criou para si o termo “pernegrar”. Dos fragmentos das palavras *pertencer*, *conectar* e *integrar*, Violeta fez uma colagem, surgindo, assim, *pernegrar*. Criou ainda uma colagem de imagens e objetos que foram ao encontro de suas memórias. Resignificou, portanto, memórias que normalmente são ligadas ao passado, mas, resignificando-as, as trouxe para o presente, o que representa uma maneira de quebra da linearidade temporal. Passado, presente e futuro reúnem-se quando da realização da prática de colagem e escrita autoral.

No trecho “*é o meu caminho*”, Violeta termina (sem concluir) com uma espécie de tomada de consciência e, também, um dever comprometido com sua subjetividade. Ainda que seja na seara íntima da participante, podemos perceber uma (micro)transformação. E como isso poderá reverberar no coletivo? Olhando de forma mais consciente, crítica e transgressiva para dentro de mim, poderei estender esse olhar ao outro?

Na esteira do campo acional, foi possível perceber práticas de contralegitimação e contrafragmentação ao longo de toda a manifestação de Violeta. O *caminhar* construído pelos caminhos de dentro constitui um movimento de desobediência a modos de operação da ideologia quando trazidos para um seio íntimo, mas não menos coletivo. É o caso da fragmentação e sua estratégia de construção simbólica, qual seja o expurgo do outro (vide quadro p. 38-39). Abordando essa estratégia do campo do ser, vemos como o discurso colonial pretende nos apartar da outra, que se torna inimiga por ser diferente do padrão que reproduzimos, seja esse padrão pertencente a qualquer seara (íntima, coletiva etc). Fazendo uma costura reversa, percebemos que antes da *outra*, muitas vezes, tratamos como inimigas nós mesmas. Violeta apresenta ainda a ruptura com discursos que legitimam narrativas estáticas, na medida em que passado, presente e futuro transmutam-se em um fluxo contínuo não linear, no sentido de ressignificar para resistir. Pertencer (ser-sentir), conectar (conexões - pensar), integrar (coletividade, comunidade – agir). A própria criação do léxico traz um processo capaz de sintetizar o surgimento de uma (micro)r-existência: A partir do sentir, Violeta criou conexões com o pensar, inclusive promovidas por vozes outras como a de sua avó. Posteriormente, trouxe o “integrar”, que muito tem a ver com a prática de colagem e escrita, uma vez que elementos anteriormente soltos, fragmentados, integram-se para o nascimento de algo novo. No caso de violeta, a colagem desembocou em texto, manifestação oral e em um trabalho visual carregado de memórias, tomada de consciência e, por conseguinte, autonomia de escolha, ressignificação. Estamos diante de uma grande (micro)R-Existência.

O próximo excerto consiste em um trabalho produzido pela co-pesquisadora Samambaia no contexto da comunidade de colagem e escrita autoral ocorrida no evento “III Narrativas interculturais, decoloniais e antirracistas em educação: práticas e saberes para o bem comum e a boa vida”.

Excerto 4



Na construção “*Sou o que quero ser*”, percebemos o uso do verbo “*ser*”, bem como do verbo “*querer*”, ambos na primeira pessoa, evidenciando alto grau de comprometimento da autora para com sua manifestação, o que evidencia a (re)construção de um *ethos* de autoria. A utilização do infinitivo na expressão “*quero ser*” representa a possibilidade do “tornar-se”, de “vir a ser”. É como se a autora entrasse em contato com um devir acerca da própria (auto)construção. Trata-se do reconhecimento sobre seu próprio inacabamento, vida enquanto processo. Estamos diante da representação da identidade pessoal. Essa frase, que nos salta aos olhos, extravasa o rompimento com a colonização subjetiva, do ser, representando a autonomia de ser o que se quer ser e, também, de ser o que se quer vir a ser.

No trabalho de colagem, percebemos figuras de mulheres de diferentes idades. Há uma mão que aparentemente pretende segurar um abacaxi, sendo esta fruta, normalmente, atrelada ao enfrentamento de problemas, devido ao dito popular “tenho um abacaxi para descascar”. No canto esquerdo da colagem, é possível identificar uma figura humana com dois caminhos em sua frente, sendo que em um deles Samambaia escreveu “*autoria*”. Perceba que a figura se encontra sobre a palavra “*agenciamento*”, o que representa uma iminente atitude a ser tomada. Podemos pensar ainda na representação de deliberações reflexivas que desembocarão em atitudes, traduzidas em preocupações últimas, que, no trabalho em questão abrange as três ordens da realidade (natural, prática e social).

O significado representacional fica evidenciado na possibilidade do “vir a ser”, nessa capacidade de imaginar possibilidades outras, enquanto o significado identificacional se revela ao longo de toda a frase, bem como dos elementos e vocábulos escolhidos para o trabalho visual

de colagem. O significado acional, por sua vez, vem à tona através da prática sentipensante da colagem, que se dá através tanto de palavras como de imagens.

Outro ponto interessante é acerca das possíveis perguntas íntimas que estão por trás da produção da autora. É comum que discursos da ordem moderno-colonial nos exijam uma espécie de encaixe naquilo que é socialmente esperado de acordo com as matrizes discursivas hegemônicas, quase sempre a serviço de normas sociais que operam a favor da colonialidade do poder, do saber e do ser. O texto trazido pela autora remonta uma possível resposta a uma possível pergunta íntima originada em discursos que pretendem limitar a possibilidade de produção de sentidos de mundos: *o que/quem você é?*

O trecho “sou o que quero ser”, central em seu trabalho, rompe com a escala determinista do sistema moderno-colonial-patriarcal-neoliberal. A produção da co-pesquisadora remonta à contrarreificação, uma vez que combate diretamente a ideia de naturalização dos papéis socialmente impostos à mulher. Apresenta ainda contradissimulação, ao passo que se insurge diante de discursos que preconizam valorações positivas quanto ao encaixe, sobretudo das mulheres, em papéis predeterminados. A contraunificação ficou evidente na medida em que subverte narrativas que pretendem a padronização das agentes.

5.2.3 A nossa relação com o destempo

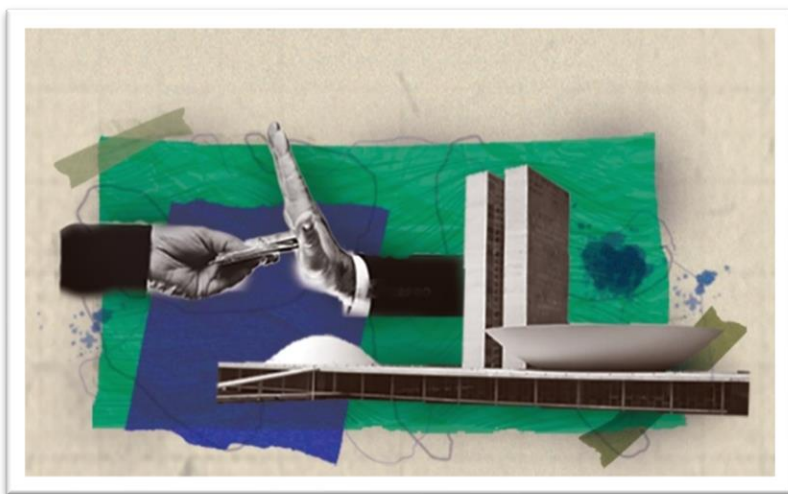
Os dados apresentados nesta subseção dialogam com as proposituras tecidas no terceiro capítulo, responsável por apresentar o segundo momento da prática da colagem e escrita autoral: “Recortando: a nossa relação com o destempo”.

A construção dialógica permeou discussões no sentido do impacto causado pela produção, distribuição e consumo de discursos aliados à manutenção das diversas facetas da colonialidade do poder, e o quanto esses discursos influenciam a nossa relação com o tempo. Contudo, os diálogos teórico-práticos não se limitam a essa temática. Como veremos nos dados aqui apresentados, um dos temas recorrentes nesse momento foi o do tempo, que também apresenta estreita relação com a memória. São entrecosturas que pretendem apresentar como o diálogo prático-teórico proposto no terceiro capítulo ressoou nas produções das co-pesquisadoras. Para lembrar, deixo aqui uma das questões suleadoras nascidas no decorrer dos encontros: **De que maneiras a colonialidade do poder impacta nossa relação com o tempo? De que maneiras podemos ressignificar a nossa relação com o tempo?**

O excerto de número 5 traduz uma das manifestações escritas por Hortelã, produzida após a realização da oficina, ocasião na qual ela confeccionou um trabalho de colagem inspirado nos diálogos teórico-práticos tecidos ao longo dos encontros. Em seu texto, a autora se manifesta sobre o processo de execução de uma colagem após os encontros e de que forma essa prática reverberou em seu cotidiano profissional.

Excerto 5:

“A oficina me inspirou a ser menos mecânica nas tarefas que executo como designer. A gente entra em uma rotina e vai fazendo, sem colocar uma real observação do que acontece e se afasta também do que é subjetivo. Trabalhar na política tem muito disso, é como se a gente tivesse que ter uma armadura, pois a qualquer momento alguém quer entrar em combate. A oficina foi legal pra me resgatar um pouco desse ‘campo de batalha’ e me colocar no que estou fazendo, de modo mais autoral mesmo. Então resolvi fazer algo mais autoral em um projeto que chama “Pacote Anticorrupção”. Um trio de



parlamentares entende que os elevados níveis de corrupção no país são um forte entrave para a eficiência do governo e para a qualidade da nossa democracia. Então eles apresentaram vários projetos de lei pra fortalecer o combate à corrupção. E eu resolvi dar uma cara de “colagem” e fragmentos a este pacote, pois ele tem que ser construído, apoiado, tem muitas camadas de mobilização e construção- social, política, institucional.” (Hortelã)

Em ‘A oficina me inspirou a ser menos mecânica nas tarefas que executo como designer’, Hortelã escolhe utilizar o vocábulo ‘mecânica’ para representar a maneira que se sente diante da rotina profissional. Esse termo, que também traduz uma metáfora, dialoga com o modo como a autora se identifica durante a realização de suas tarefas profissionais. Outro ponto interessante é a opção de usar a palavra ‘armadura’ para referir-se a uma necessidade cotidiana, dando ideia de se sentir em um campo de batalha.

Nesse mesmo sentido, ela usa a palavra ‘combate’. Essas escolhas lexicais conversam com pontos levantados nas reflexões do terceiro capítulo, sobretudo a respeito da ideia moderno-colonial de extensão da competitividade a todas as esferas da vida, inclusive no campo profissional. Trata-se da representação discursiva de um momento de guerra, combate, reforçando o sentido de existência de tensionamentos cotidianos acerca de identidades subjetivas e sociais de cada uma.

A representação do cotidiano profissional como “*um campo de batalha*” leva-nos a refletir sobre quais seriam as possíveis perguntas íntimas suscitadas na autora. Ela questiona essa relação de campo de batalha, nos levando à contrafragmentação: por que precisamos enxergar a outra como uma inimiga? Por que essa noção de “*campo de batalha*” é levada, além de outras, para a seara profissional? E podemos pensar: a serviço de quem está essa ideia de competição que, como sabemos, extrapola o âmbito profissional, pretendendo reger todas as esferas sociais?

Hortelã representa a intensificação de si a partir do uso pronominal. A autora tece uma espécie de gradação discursiva subjetiva, que se inicia com o uso de pronomes e locuções pronominais que indicam o coletivo, como ‘a gente’, ‘na gente’, e vai caminhando para a utilização de pronomes pessoais, como ‘me’, intensificando também a (re)configuração de um espaço exterior (coletivo) para um espaço interior (íntimo).

No trecho “*A oficina foi legal para me resgatar um pouco desse ‘campo de batalha’ e me colocar no que estou fazendo, de modo mais autoral mesmo*”, o uso dos verbos “resgatar” e “colocar” evidenciam ação, mas também identificação com um processo interno que foi sendo (re)construído a partir das reflexões tecidas na comunidade proposta. A presença do advérbio “então” no intervalo “*Então resolvi fazer algo mais autoral*”, demonstra a relação entre a decisão de “fazer algo mais autoral” e a participação da autora na oficina. O uso do verbo “resolver” na primeira pessoa, no decorrer do texto, representa alto grau de comprometimento com sua própria manifestação, evidenciando o fortalecimento de um *ethos* de autoria, pactuado com sua vontade.

O campo identificacional também ficou delineado através da forma “*mecanizada*” com que Hortelã se enxerga no decorrer de sua prática profissional. A partir dessa (auto)identificação, a co-pesquisadora, tecendo deliberações reflexivas compromete-se com a contrarreificação, pois questiona a universalidade de discursos que pretendem a naturalização da ideia de que é comum, aceitável trabalhar de forma mecânica, sem reflexividade.

A contralegitimação aparece ao passo que o questionamento dessa postura mecânica vai de encontro a discursos que impactam a nossa relação com o (des)tempo. Nesse sentido, podemos pensar na burocracia como ferramenta desumanizadora, ou mesmo na meritocracia e seu feroz apetite para com nosso tempo de descanso, de lazer, de ócio.

A contradissimulação apresenta-se na medida em que Hortelã, envolta em suas perguntas íntimas e deliberações reflexivas, se posiciona contra a eufemização de discursos que atribuem valoração positiva à realização não reflexiva do trabalho, que por vezes decorre da imposição de cargas exaustivas de trabalho. A serviço de quem estão esses discursos?

O campo acional também ficou evidenciado no trecho em que, segundo hortelã, “A oficina foi legal pra me resgatar um pouco desse ‘campo de batalha’ e me colocar no que estou fazendo, de modo mais autoral mesmo. Então resolvi fazer algo mais autoral em um projeto que chama “Pacote Anticorrupção”. Perguntas íntimas, deliberações reflexivas caminham para a constituição das preocupações últimas da co-pesquisadora que, desembocando em uma prática, em suas palavras, “mais autoral”.

O próximo excerto refere-se à produção autoral de Camomila, realizada após a sua participação na oficina “Colando os cacos, remendando lembranças: colagem e escrita terapêutica”. Contextualizando, a co-pesquisadora partilhou uma história familiar, contando que não sabia ter sido gerada antes do casamento de seus pais. Ela partilha que essa descoberta, ainda na sua adolescência, a fez acreditar ter sido motivo de vergonha para os seus pais, motivo pelo qual nutriu um profundo sentimento de rejeição ao longo de anos.

Excerto 6

Ao fazer esta colagem, mais exatamente quando deslizei a palavra “olhar” para aproximá-la de “metamorfose”, enxerguei AMOR, onde antes só via DOR. O amor era literalmente invisível dentro de metamorfose. O se é um sufixo nominal, de origem grega, que exprime a ideia de doença, estado mórbido. O amor faz a gente abandonar as nossas memórias confusas em malas velhas e carregá-las mundo afora. Na centralidade da colagem há um casal com uma menina no colo. Hoje enxergo os meus pais como jardins, com estações com cores diversas. A decisão deles foi me receber, do que jeito que eram capazes naquele momento. Fui tomada de amor. De uma outra



forma, eles esperaram por mim, como eu, tive que entender que preciso esperar por alguém, numa gestação de mais de 192 semanas. Não é o enredo que nos liga a mãe e ao pai que pensamos conhecer, é o cordão umbilical, é a porção mais visceral que permanece nos nutrindo, interligando ancestralidade e futuro, nos ofertando novas chaves a todo tempo.”
(Camomila)

Olhando atentamente para a produção visual de Camomila é possível perceber o campo representacional saltando aos olhos, haja vista as escolhas de elementos e vocábulos para a composição de seu trabalho. Na imagem, temos um fio de lã vermelha que liga a figura feminina, que pode ser entendida como mãe, às malas. Esse mesmo fio que liga as malas às memórias confusas traz consigo uma chave que a leva a uma gestação, de mais de 192 semanas. A espera provocada pela longa gestação possibilitou que a autora se colocasse no lugar de seus pais. A intertextualidade aparece na colagem de imagens que foram elaboradas por outras pessoas, bem como em objetos que despertaram na autora as memórias narradas.

No campo identificacional, Camomila manifesta o que sentia, nas seguintes palavras: ‘*antes só via DOR*’. Por outro lado, mais a frente, como num processo de intensificação de si, e de (re)configuração de seu espaço interior de *dor*, ela (re)visita um outro espaço, até então exterior: o do sentimento de seus pais. Nesse sentido, a autora manifesta um alto nível de comprometimento com sua subjetividade, mas não apenas, pois ela demonstra uma quebra de crenças cristalizadas ao se permitir acessar sentimentos outros. Essa (auto)permissão traduz o reforço de um *ethos* de autoria. Há compromisso com o ‘eu’, mas também com o coletivo, com a outra.

O uso do dêitico em ‘*Hoje enxergo os meus pais como jardins, com estações com cores diversas*’ representa a (re)configuração do tempo, pois Camomila faz uma espécie de costura capaz de ressignificar passado (*dor*), presente (reconstrução da imagem dos pais) e futuro (‘*novas chaves a todo tempo*’).

O trecho ‘*De uma outra forma, eles esperaram por mim, como eu, tive que entender que preciso esperar por alguém, numa gestação de mais de 192 semanas*’ traduz a construção de alteridade, por parte de Camomila, em relação aos seus pais. O uso do infinitivo em ‘entender’ e ‘esperar’ podem indicar ação, mas também um processo interno de contínua (re)construção, capaz de fazer (re)nascer a alteridade a partir de um olhar outro para com uma situação anterior.

Em ‘*A decisão deles foi me receber, do que jeito que eram capazes naquele momento. Fui tomada de amor*’, podemos tecer um paralelo com o amor enquanto ação (hooks, 2021) e sua capacidade de transformar nossas relações.

Caminhando para o campo acional, mas não apenas, tem-se que Camomila, em diversos momentos, procurou romper com crenças internas. A contralegitimação fica evidente ao passo que a autora se insurge frente a discursos aliados a narrativas defensoras da linearidade e unidirecionalidade temporal, resgatando suas relações ancestrais, caminhando reflexivamente e (re)construindo sua ancestralidade como elo dinamizador entre os tempos (LOPES; SIMAS, 2022, p. 25).

5.2.4 Encantamento e resistência

Os dados relativos a esta subseção pretendem dialogar com as reflexões tecidas no quarto capítulo, onde apresentei o terceiro momento da prática de colagem e escrita autoral: “*Acolhendo o acaso: encantamento e resistência*”.

Nele abordamos questões atinentes acerca do impacto causado pela propagação de discursos que comungam com o sistema colonial-moderno, mais especificamente no que tange a algumas facetas da colonialidade do saber. Como disposto no quarto capítulo, bem como veremos nos dados aqui apresentados, um dos temas recorrentes nesse momento foi o do encantamento enquanto postura crítica transgressiva que, por sua vez, também apresenta estreita relação com a memória e o tempo.

A proposta, nesta subseção, é apresentar como o diálogo prático-teórico proposto no quarto capítulo ressoou nas produções das co-pesquisadoras. Para lembrar, deixo aqui algumas questões suleadoras nascidas no decorrer dos encontros: **Como o encantiócio contribui para a manutenção da colonialidade do saber? De que maneiras podemos combatê-lo?**

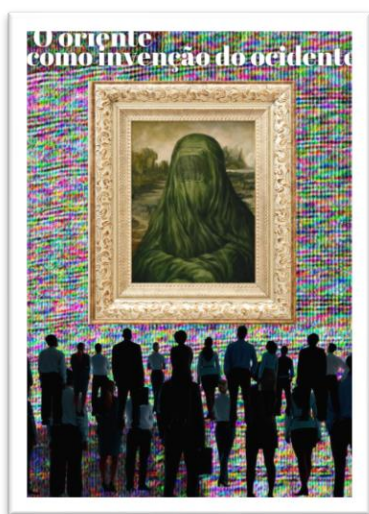
É importante pontuar que os dados apresentados nesta subseção foram produzidos como parte do trabalho final da disciplina de Introdução à Análise de Discurso. Às alunas foi solicitada a construção de uma colagem a partir da oficina ministrada em sala, bem como da escolha de um texto objeto de análise textualmente orientada realizada por elas.

A construção dos trabalhos finais da disciplina trouxe até a mim, enquanto pesquisadora e professora, a potência da ruptura entre dualidades limitantes, pois há uma enorme subversão de paradigmas no fato de a análise de um texto, cuja escolha foi motivada por questões pessoais

(livre escolha), possua tamanha reverberação social: individual e coletivo não se dissociam. Estamos, mais uma vez, diante de (micro)r-existências cotidianas.

O excerto de número 7 traduz parte de um texto autoral de Bromélia e da colagem por ela composta. A sua produção teve como inspiração o “Discurso Radial de Laura Bush à Nação”, proferido no ano de 2001, bem como as reflexões tecidas na oficina de colagem e escrita autoral, ministrada no contexto da disciplina de Introdução à Análise de Discurso.

Excerto 7:



Em vez de explorar questões históricas, contextuais, geográficas e políticas, que colocariam em foco as interconexões globais dos Estados Unidos com os países do Oriente Médio, a opção pela explicação cultural possibilitou que se reafirmasse uma diferença clara. Ou seja, existem nós, os salvadores superiores, e estamos diante de um problema: a ameaça dos muçulmanos, a ameaça do véu e da burca, a ameaça de que os nossos filhos não possam mais sair para brincar e que nós mulheres não possamos mais sair de casa para ir ao trabalho, ao mesmo tempo que, falsamente, cria uma identidade padronizada e símbolos de unidade, colocando as mulheres como uma só.

(Bromélia)

O uso do vocábulo ‘ameaça’, por três vezes seguidas, evidencia um paralelismo intencional que pretende representar a visão estereotipada do Ocidente para com o Oriente. A escolha lexical representa a inculcação de discursos contra os quais Bromélia se posiciona ao longo e seu texto. Palavras e expressões como ‘véu’, ‘burca’, ‘impossibilidade de nossos filhos saírem de casa’ traduzem representações de um oriente perigoso, inimigo, diferente.

Outro ponto interessante acerca das escolhas lexicais e imagéticas é a composição do trabalho visual. Os elementos construtivos da colagem retratam um Ocidente que, com sua visão limitada e salvacionista, observa o Oriente simbolizado na burca. Podemos refletir também acerca da estaticidade atribuída à mulher mulçumana que se encontra dentro de uma moldura dourada, sem qualquer indício de agenciamento, pronta para ser “objeto de apreciação e salvamento”. A colagem demonstra um caráter denunciativo que corrobora, visualmente, com a proposta do texto de Bromélia.

No campo identificacional, percebemos uma intensificação coletiva, uma vez que a pesquisadora inicia o texto com um tom impessoal como em ‘Em vez de explorar’, mas logo

caminha para uma espécie de intensificação de si coletiva, quando do uso pronominal inclusivo, como por exemplo ‘*nós*’, ‘*nossos*’. É como se houvesse uma (re)configuração espacial que vai de um ponto exterior (eles) para um ponto interior e coletivo (eu + eles = nós).

Bromélia, ao longo de sua produção criativa, nos suscita questionamentos acerca de suas próprias perguntas íntimas, que podem, inclusive, ser nossas também: *Por que não explorar questões históricas, contextuais, geográficas e políticas ao invés de optar pela reafirmação da diferença?*

As deliberações reflexivas evidenciam-se em vários momentos, inclusive durante o uso de ironia, no trecho ‘*Ou seja, existem nós, os salvadores superiores, e estamos diante de um problema: a ameaça dos muçulmanos [...]*’. A autora demonstra construções reflexivas logo no início do texto, quando diz que ‘*a opção pela explicação cultural possibilitou que se reafirmasse uma diferença clara*’. Ela apresenta conhecimento acerca da existência de outras possibilidades que não a escolha baseada em discursos desumanizantes. O uso do gerúndio em ‘*colocando as mulheres como uma só*’ traz à tona a atualidade da processos desumanizadores, ao passo que ainda está acontecendo.

No campo acional, Bromélia apresenta diálogos frutíferos com a contrarreificação, na medida em que se insurge contra a representações naturalizadas baseadas na suposta diferença, inferioridade das mulçumanas (os). A autora pratica também a contraunificação, uma vez que denuncia a simbolização da unidade perpetrada pelo uso da burca, bem como da generalização do Oriente, haja vista a inexistência de qualquer menção (no discurso de Laura Bush) a respeito das interseccionalidades do povo. A co-pesquisadora também reafirma seu compromisso com a contralegitimação, pois ela combate a racionalização de discursos que defendem a manutenção da assimetria de poder que favorece o Ocidente em detrimento do Oriente.

O próximo excerto foi criado por duas autoras, tratando-se de uma manifestação escrita no contexto do trabalho final da disciplina de Introdução à Análise de Discurso. Envolve também o trabalho visual produzido no mesmo contexto:

Excerto 8:

A contra-hegemonia não precisa estar estruturada em artigos e palavras concretas, pode-se argumentar, criticar, apontar e construir com tesoura, cola e papel. Com linha, agulha e fotografia.

(Tinhorão e Begônia)

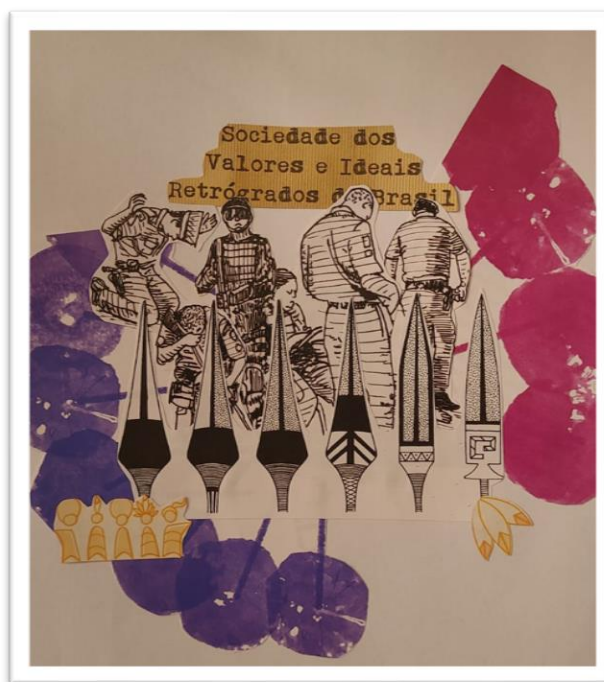
Logo no início as autoras pontuam uma tomada de consciência acerca da possibilidade de práticas outras de combate aos discursos hegemonicamente comprometidos com o sistema moderno-colonial. O vocábulo

“contra-hegemonia” apresenta sentido de resistência ao que está posto, ou melhor, ao que querem nos impor.

O uso do advérbio “não” em “*A contra-hegemonia não precisa estar estruturada em artigos e palavras concretas [...]*” demonstra alto grau de comprometimento das co-pesquisadoras com a própria manifestação. No trecho “*Pode-se argumentar, criticar, apontar e construir com tesoura, cola e papel. Com linha, agulha e fotografia*”, a sequência de verbos no infinitivo representa ações que podem ser desenvolvidas a partir das práticas propostas na oficina, bem como processos contínuos que podem ser desenvolvidos.

Percebe-se a atribuição de agência a objetos que não se limitam àqueles apontados pela estrutura eurocêntrica como, por exemplo, artigos e a palavra escrita. Tal constatação é possível a partir do afastamento de pensamentos puramente cartesianos que flertam diretamente com a política das obviedades, conforme demonstrado no capítulo quarto. Essa postura somente se apresenta possível diante de um olhar encantado, que acolhe o acaso com todas as suas possibilidades. A utilização de objetos outros como ferramentas para a expressão da contra-hegemonia representa ainda a democracia criativa presente na prática da colagem e da escrita autoral, conforme demonstrado no terceiro capítulo.

A frase central do trabalho visual, “*Sociedade dos Valores e Ideais Retrógrados do Brasil*”, apresenta tom denunciativo, em diálogo com a contralegitimação, uma vez que rompe com discursos que propõem a tradição da aceitação e a eternalização de narrativas que se



sustentam na assimetria de poder. Nesse sentido, o trabalho visual combate o caráter retrógrado de uma sociedade que narrativiza desumanizações. É possível verificar o uso de imagens que representam soldados, bem como pontas de lanças.

A produção das autoras apresenta-nos possíveis perguntas íntimas, como por exemplo: *É possível praticar a contra-hegemonia através de recursos outros que nos são cotidianamente disponibilizados? Que não possuam a chancela científica em acordo com o eurocentrismo?*

Assim, o ciclo morfogenético discursivo (ARCHER, 2004) vai se evidenciando através da construção de deliberações reflexivas que remontam à desconstrução da lógica de produção de conhecimento baseada na racionalidade eurocêntrica, dando espaço a preocupações últimas no sentido da possibilidade de (micro)r-existir.

5.2.5 Sobre práticas sociais discursivo-identitárias de (micro)R-Existência

Os dados aqui apresentados dialogam com o quarto momento da prática de colagem e escrita autoral, “(des)Colando: abraçar a mudança através do cotidiano”, que abriu o presente capítulo.

Os diálogos foram tecidos no sentido de investigar o potencial (micro)transformador das práticas propostas em comunidade. Esta subseção possui relação íntima com o objetivo geral de pesquisa: *investigar de que maneiras as práticas discursivo-identitárias construídas nas oficinas de colagem e escrita autoral, sob a égide da autoria criativa, podem contribuir para a ampliação de posturas crítico-transgressivas frente à tentativa de alienação emocional e intelectual produzida pela propagação de discursos hegemonicamente preparados pelo sistema colonial-moderno, com foco nas identidades pessoal, social e de agente de mudança.* Dessa forma, passo a algumas considerações acerca das propostas das oficinas e sua constituição enquanto prática social discursivo-identitária de (micro)r-existência.

De acordo com Fairclough (2016 [1992]), é importante entender a relação entre discurso e estrutura social de forma dialética. Consequentemente, essa dialeticidade estende-se às práticas discursivas e às respectivas relações com textos e práticas sociais, possibilitando, assim, a (inter)ação das pessoas no mundo. Para o autor, a prática discursiva constitui-se tanto convencionalmente quanto criativamente, o que possibilita a sua contribuição não apenas para a reprodução da sociedade, como também para a sua transformação.

Nesse sentido, ARCHER (apud QUEIROZ, 2020, p. 121) aponta a emergência e intensificação de agenciamentos em nível microssociológico e micropolítico através das práticas discursivo-identitárias:

As práticas discursivo-identitárias concorrem não somente para o fortalecimento identitário, mas também para a emergência e intensificação de agenciamentos em nível microssociológico e micropolítico, pois incidem na reflexividade e na remodelação de identidades sociais e pessoais de docentes e discentes, ampliando sua atuação na condição de agentes engajados. Atuações engajadas, por meio de ações coletivas, significam rearranjos sociais que geram novas organizações, dando às preocupações do sujeito o máximo de voz.

Ao longo da realização das oficinas ficou perceptível o entrelaçamento entre o campo discursivo e o social, de modo que as co-pesquisadoras traçaram caminhos não-lineares que iam do campo íntimo ao social e vice-versa. Nesse caso, a linguagem, tanto escrita como imagética transmutou-se em uma espécie de cola cujo objetivo traduz a união entre subjetivo e coletivo, para (micro)transformações capazes de criar, como apontou Archer (1996), novas e diferentes ordens daquelas que nos são cotidianamente impostas. As colagens (sejam de imagens e/ou palavras) constituíram (micro)r-existências cotidianas materializadas através de práticas sociais discursivo-identitárias construídas ao longo das oficinas.

Passemos, assim, à construção de diálogos sentipensantes relativos ao próximo excerto.

Excerto 9:



Além de despertar os sentidos para as escritas não-verbais, a roda de colagem e escrita criativa fomenta a observação zelosa das sutilezas cotidianas e de como elas interferem nas nossas formas de interagir e desenvolver relações com o mundo, nos reconhecendo parte e engrenagem das dinâmicas sociais. A roda fomenta o sentimento de liberdade de não ser mais do mesmo sem que deixemos de ser também tão tudo quanto todos são. Fomenta as reflexões sobre as entrelinhas e intersecções entre os afetos, vínculos, integração e identidade. Me lembro sempre que alguma sutileza do discurso falado ou imagético é desnudada na rotina. Estou me tornando escavadora de entrelinhas cotidianas.

(Girassol)

A escolha pelo uso do verbo ‘fomentar’, por três vezes ao longo do texto, realça a capacidade transformacional alcançada pela co-pesquisadora através de sua própria reflexividade em conjunto com as construções dialógicas tecidas nos encontros. Com relação

ao trabalho visual, a representação feminina que está ligada, por um fio vermelho, ao coração remonta ao campo identificacional. Junto ao órgão temos a palavra “coragem” e, junto à criança, bem acima de sua cabeça, temos a sinalização gráfica de uma(s) dúvida(s). Ao olhar para a colagem, podemos sentipensar e refletir com a autora: *é preciso coragem para ‘terrasser’?* Eu acredito que muita!

A intertextualidade manifesta-se na medida em que Girassol reconhece um sentimento de liberdade *‘de não ser mais do mesmo sem que deixemos de ser também tão tudo quanto todos são’*, evidenciando uma relação integradora entre ‘eu e a outra’. Podemos refletir: *Quanto das outras pessoas carregamos em nós?* Estamos diante da prática da contrafragmentação.

O uso de pronomes, primeiramente coletivos como, por exemplo, ‘nós’ e em seguida pessoal como em ‘me’, representa não apenas uma intensificação de si a partir da colocação pronominal, mas também uma espécie de (re)configuração espacial que emerge do coletivo para o íntimo e vice-versa. No trecho *‘nos reconhecendo parte e engrenagem das dinâmicas sociais’*, fica evidente a identificação da autora com processos de (auto)constituição, de um ser que se integra e não apenas se adequa ao meio. Da mesma forma, em *“Estou me tornando escavadora de entrelinhas cotidianas”*, na última linha do texto, a utilização do verbo “estar” na primeira pessoa evidencia o alto grau de comprometimento da autora com sua manifestação, trazendo à tona o *ethos* de autoria, engajado com suas perguntas íntimas, deliberações reflexivas e preocupações últimas. O uso do verbo “tornar” no gerúndio representa um processo de nascimento contínuo (INGOLD, 2021).

No trabalho visual, é possível perceber a criação do neologismo “*Terrasser*”, remontando à quebra de paradigmas eurocêtricos que propõe a manutenção da dicotomia homem x natureza, o que evidencia a contrafragmentação, ante à insurgência da autora face a discursos que se sustentam a partir de relações assimétricas de poder baseadas da exclusão pela diferenciação da outra. Trata-se de um olhar integrador entre pessoa e natureza.

O próximo excerto foi produzido pela co-pesquisadora Espada-de-São-Jorge.

Excerto 10:





“Pude perceber que a partir de uma identificação com determinadas imagens (formas, texturas e outras semioses) vai se criando uma narrativa por meio do encontro dessas imagens com aquelas que permeiam nosso inconsciente. É uma forma poética e profunda de transcrição do sentir para o agir.”

(Espada-de-São-Jorge)

No trabalho visual percebemos a escolha de um destaque especial para a palavra “amor”. Além de outro material, a autora optou por utilizar na grafia o vermelho. A partir da frase central da colagem, podemos pensar em possíveis perguntas íntimas: *Eu preciso caber onde não há amor? Por que eu caberia se não há amor?*

Ainda na colagem, a autora traz a imagem de duas crianças protegendo-se de uma tempestade. Contudo, do interior do guarda-chuva caem flores. É interessante verificar o fato de que tanto a chuva, quanto o guarda-chuva e as flores foram desenhados pela co-pesquisadora, demonstrando um potente *ethos* de autoria, que também é acessado quando Espada relata sua identificação com “*formas, texturas e outras semioses*”. Há também uma figura humana olhando pela porta, o que representa curiosidade, demonstrando uma espécie de acolhimento do acaso. A ave carrega um fio vermelho que se liga diretamente à cabeça, de flor, da figura humana. Podemos refletir: O que será que esse fio vermelho representa?

No texto escrito, mais especificamente em “*vai se criando uma narrativa por meio do encontro dessas imagens com aquelas que permeiam nosso inconsciente*”, Espada deixa evidente a presença da intertextualidade, ao passo que afirma sua criação a partir do encontro de imagens exteriores com aquelas que permeiam o seu inconsciente. Ainda nesse trecho, verifica-se um (re)configuração espacial através do uso de pronomes que vão do geral “*se*” para um coletivo no qual a autora se inclui “*nosso*”.

Percebe-se ainda um processo interno de intensificação de si, através das construções “pude perceber” e “vai se criando”, bem como pelo acesso dos campos do sentir e do agir, conforme relatado ao final do texto. No trecho “*É uma forma poética e profunda de transcrição*

do sentir para o agir”, a autora faz uso da metáfora aplicando uma materialidade discursiva no que tange à transcrição do processo interno de se transportar do campo do sentimento para o campo da ação.

Toda a produção criativa de Espada apresenta um profundo compromisso com o acolhimento do acaso. A autora rompe com a política das obviedades, marcando a prática da contrarreificação, bem como da contralegitimação, uma vez que a partir da criação de novas narrativas, se insurge diante de discursos pré-estabelecidos.

Dessa forma, passemos à construção das reflexões sentipensantes de encerramento das análises

5.3 Reflexões sentipensantes da pesquisadora: escolhendo, recortando, acolhendo o acaso e (des)colando

25 de maio de 2023

É tanta potência, tanta transformação, tanta r-existência que cabe (e por não caber, às vezes, transborda) na gente... eu nem sei o que dizer... essas análises, na verdade, não cabem em palavras. A gente vai se conduzindo linguisticamente, mas a sensação é que não estou colocando no papel nem um terço do que essas colagens/textos carregam consigo. É só uma pequena grande parte do que vão sendo as interações sociais.

(Paulinha)

É muito emocionante perceber, através da análise dos dados, o caminhar das co-pesquisadoras e o atravessamento das práticas propostas junto aos objetivos de pesquisa. A construção de (micro)r-existências cotidianas, discursivas, através da colagem e da escrita autoral, trouxe à tona a indissociabilidade entre linguagem e sociedade (FAIRCLOUGH, 2001).

Foi possível tecer uma costura ao revés a partir das produções das co-pesquisadoras. Quais são as ordens do discurso presentes ou que são combatidas? Em que matriz social do discurso se apoia a produção tecida através da colagem/texto? É possível perceber o (re)nascimento da contra-hegemonia a partir das produções? Crenças cristalizadas são quebradas? São (re)criadas, (re)construídas as identidades pessoais, sociais e de agente de mudança das co-pesquisadoras?

Vimos as autoras, em diálogo interno, fazer (re)nascer textos e colagens capazes de se insurgirem face a discursos ideologicamente conduzidos pelo sistema moderno colonial, baseados em relações assimétricas de poder. Produções criativas construídas a partir do que nos

afeta intimamente são capazes reverberar no coletivo, abrir fissuras, ponto de fugas através de contraideologias. Nesse sentido Pinto e Fabrício (2013, p. 13-14) nos ensinam:

Conceber que a malha discursiva que tecemos sobre o real e seus objetos (coisas, pessoas, fenômenos etc.) instaura a realidade sob descrição é admitir que o tecido social não é imóvel e sim modulável; é vislumbrar uma porosidade que permite deslizes, escapes e pontos de fuga; é, ainda, considerar possibilidades de resistência e agenciamento.

A (re)construção contínua do fluxo mórfico discursivo (ARCHER, 1996, 2004, 2007) a partir das práticas sociais discursivo-identitárias acessadas através da colagem e da escrita autoral, levando-se em consideração o potencial agentivo das co-pesquisadoras, bem como da incidência da memória, do destempo, do encantamento e da resistência enquanto instrumentos hábeis ao combate à colonialidade do poder, do saber e do ser, possibilitou a criação de novas e diferentes ordens. Para Queiroz (2020, p. 106),

As escolhas linguístico-discursivas constantes na produção de textos orais e escritos geram diferentes sentidos e significados que atravessam os processos de (re)constituição das identidades sociais e (re)modelam as relações sociais, os sistemas de conhecimento e os sistemas culturais. Tais processos de significação são possíveis porque a dimensão discursiva das práticas sociais não é unívoca. Deslizando entre diferentes formações discursivas, os discursos produzem distintos efeitos sociais sobre o mundo. Nesse sentido, as práticas sociais não são apenas modos de representar o mundo, mas também de agir e de identificar o mundo de modos particulares relativamente estáveis.

O fluxo mórfico-discursivo do agenciamento e da reflexividade que se constitui a partir das perguntas íntimas, das deliberações reflexivas e das preocupações últimas possibilitou não apenas o contato das agentes com as estruturas, mas também o desenvolvimento de ações capazes de modificá-las através de práticas sociais discursivo-identitárias construídas com a colagem e a escrita autoral.

As produções criativas (e aqui incluo não apenas os trabalhos imagéticos, mas também as manifestações orais, bem como os textos autorais) revelaram-se posturas manifestamente transgressivas (DIAS; COROA; LIMA, 2018). Gritos que atravessam as rachaduras de muros, antes, inultrapassáveis. Gritam, pois, e racham e semeiam (WALSH, 2016) enquanto (micro)r-existem. Eis o cotidiano e suas agentes.

(IN)CONCLUINDO

Onde há vida, há inacabamento.

(Freire, 2016)



Colagem 09 – “Travessa-me”

Colagem analógica e atravessamentos sobre tecido

Fevereiro de 2023

Pela manhã, mastigo as nuvens ruminadas na noite anterior. Há penumbra em minha boca. Estrelas habitando espaços biologicamente inabitáveis. Curvo-me diante de minúsculas sorveduras. Travessa-me a cata.

(Paulinha)

No final de fevereiro deste ano estive na Bahia e, mais uma vez, recorri ao pequeno Diego: novamente, precisei de ajuda para olhar. Foram dias nos quais eu me debrucei sobre a cata de conchas. Catá-las, para mim, é algo muito convidativo. Elas são também casas. É um infinito apanhar de moradas. E o que mais constitui as conchas e suas profundas ranhuras que o nácar? Foi me curvando para ver melhor que catei para a minha pesquisa-vida memória, destempo, encantamento, resistência, portanto, (micro)r-existências. Catar é uma vigília que nos permite sonhar. Ao pensar em voltar para a academia, estava certa de ter catado a literatura, contudo, a linguística também me catou.

Termino, pois, sem concluir esta pesquisa, muito diferente de como nela entrei. Jamais enxergarei as pessoas e as interações sociais da mesma maneira, tampouco a mim mesma. Creio ter sido travessada: travessa-me o farfalhar das árvores. Travessa-me o silencioso barulho do mar. Travessa-me o ‘bom dia’ da passante. Travessa-me o cheiro do café. Travessa-me a agulha nos dedos, a cola nas mãos. Travessa-me o medo e a coragem. Quanta coragem precisamos ter para fazer colagem? Substitui-se o ‘R’ pelo ‘L’? Ou as duas letras podem coexistir em harmonia? Deixem que convivam e que se atravessem: há que se ter coRagem, há que se ter coLagem.

Um dos sentimentos que muito presenciei nas comunidades de colagem e escrita autoral foi a coragem. A coragem das co-pesquisadoras em dividir suas alegrias, bem como suas angústias, de modo a compartilhar o íntimo para a construção do social, para (micro)r-existirem. E foi nessa coragem toda que eu pude ser testemunha da transformação do silêncio em linguagem e ação:

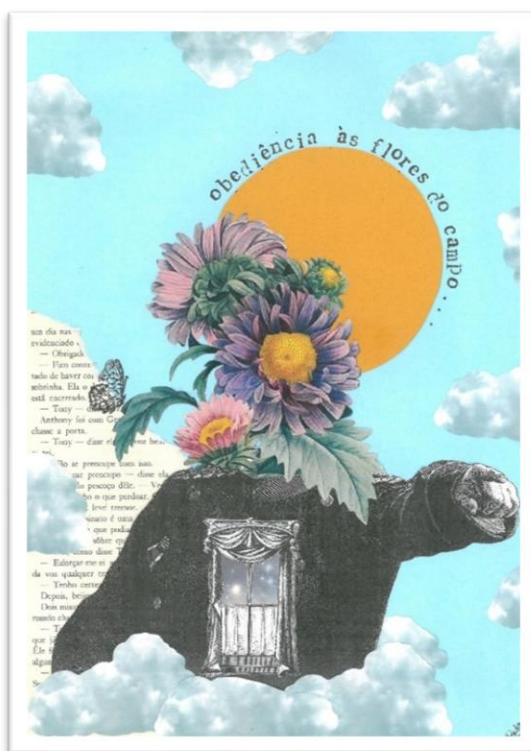
Cada uma de nós está aqui hoje porque, de uma forma ou de outra, compartilhamos um compromisso com a linguagem, com o poder da linguagem e com o ato de ressignificar essa linguagem que foi criada para operar contra nós. Na transformação do silêncio em linguagem e em ação, é essencial que cada uma de nós estabeleça ou analise seu papel nessa transformação e reconheça que seu papel é vital nesse processo (LORDE, 2019, p. 52).

Práticas discursivo-identitárias materializadas em colagem e escrita autoral desnovelam esse fio condutor capaz de dissolver muros levantados entre íntimo e coletivo. O combate ao quadro de tentativas diárias de aniquilação de nossas possibilidades de produção de sentidos de mundo(s) precisa ser realizado a partir das mais profundas raízes que insistem em crescer nos solos colonialmente preparados, nutridos com adubo, cujo principal componente é a tentativa de desumanização do ser humano a partir de facetas engendradas em discursos que comungam, entre outras, com a colonialidade do poder, do saber e do ser. Criar nos traz a possibilidade de imaginar mundos outros. E tudo o que o empreendimento moderno-colonial deseja é que acreditemos que não existem alternativas. Mãos, mentes e corações são capazes, juntos, de fazer nascer esperança e imaginação política. Eis o cotidiano, potente fluxo diário, morada de habitado por exímias (re)construtoras de insurgências.

DEPOIS DE TUDO, OBEDECER?

“Não gosto de palavra acostuada.”

(Manoel de Barros, 2010)



Colagem 10 – “Obediência às flores do campo”.

Colagem analógica, carimbo e insurgência sobre papel.

Obediência às flores do campo

Tac!

Certo e seco, o barulho do carimbo no papel.

Empregava força ao carimbar. O seu patrão, metódico, não admitia falhas na impressão.

Nenhuma palavra era merecedora de imprecisões:

- É NECESSÁRIO QUE AVISTEM DE LONGE: "CONFERIDO".

- LEMBREM-SE DO MANUAL!

E, à mínima sinestesia provocada pelo seco barulho, ouviam-se os berros:

- O MANUAL! O MANUAL!! EU JÁ DISSE, O MANUAL!

O dia iniciava-se, pois, na porta da fábrica. A fila apagava os funcionários, que, vestidos de cinza, carregavam diariamente mudos blocos de papel. Manual Contra Desajustes Subjetivos. É o que se lia sobre as capas encouraçadas. Letras garrafais e alinhadamente douradas demonstravam um generoso garbo, comum do que é vazio.

Como portar-se, como alimentar-se, como vestir-se. Nada muito específico sobre a tarefa primordial daquele pardieiro fabril. Nada capaz de complementar ensinamento qualquer sobre o único afazer demasiadamente burocrático: carimbar.

- "SER" É MUITO SUBJETIVO. Diziam.

- AQUI, É PRECISO DESSER-SE. Continuavam.

A previsão sobre como "sentir-se" fora delegada ao cinza-chumbo que lhe vestiam. Ditava a regra imposta pela triste cor: "RESIGNAR-SE VOLUNTARIAMENTE".

A última funcionária a ornamentar a vil indumentária com uma pequena flor, já murcha, mas com vestígios de um fraco amarelo, fora prontamente demitida:

- TAMBÉM NÃO ADMITIMOS FLORES. SÃO EFÊMERAS DEMAIS.

Alguns eram gratos pela disciplina oferecida e, famintos - mas obedientes, deliciavam-se com a desimaginação servida no almoço. A regrada porção era suficiente para minar sonhos.

Em alguma manhã, acordou com os incômodos causados pelo enrijecer de suas mãos. Mas, resistente, as erguia o mais alto que podia, como a segurar uma estrela imaginária.

E, no caminho, passou em frente a um campo habitado por flores, onde lia-se claramente, em letras desalinhadas, o que dizia a placa corroída pelo tempo: "contrata-se".

Era-lhe familiar.

E o objeto reluzentemente enferrujado sorriu-lhe.

Candidatou-se àquela vaga.

Deitou fora o papelório.

E, num dia chuvoso, as desobvedades cercaram-lhe singelas, expurgando-a das certezas. As duras mãos já não eram capazes de suportar o pesado manual.

Desarrogância involuntária.

Abraçando o acaso, submeteu o seu parco currículo à engenhosa poesia das ninharias.

E, gentil, condecorou os desacertos.

As normas já não lhe afaqam o peito.

Insurgentemente, obedeceu às flores do campo.

REFERÊNCIAS

ACHINTE, A. A. **Prácticas creativas de re-existencia**. Buenos Aires: Del Signo, 2017.

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Tradução Julia Romeu e Claudia Espínola de Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADORNO, T. Crítica cultural e sociedade. In: ADORNO, Theodor. **Prismas**. Tradução Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Ática, 1998, p. 7-26.

ANDRADE, Carlos Drummond de (1945[2000]). A flor e a náusea, *in*: **A rosa do povo**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record. Disponível em:
https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/423163/mod_resource/content/1/A%20rosa%20do%20povo%2C%20Drummond.pdf. Acesso em: 4/7/2022.

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Ensaio**. ANO 8, 1o SEMESTRE, 2000, p. 229 – 236.

ARCHER, M. **Being human: the problem of agency**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2004.

ARIAS, P. G.; **El corazonar: uma antropologia comprometida con la vida**. Eae Editorial Academia Espanola, 2012.

ARIAS, P. G.; Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes, para construir sentidos otros de la existencia (primera parte). Calle14: **Revista de investigación en el campo del arte**, vol. 4, núm. 5, julho-dezembro, 2010, pp. 80-94
Universidad Distrital Francisco José de Caldas. Bogotá, Colombia.

BACH JR., J. **Fenomenologia de Goethe e Educação: a filosofia da educação de Steiner**. Curitiba: Editora Lohengrin. 2017.

BAKHTIN, Mikhail. O problema e sua definição. In: **Os Gêneros do Discurso**. 1º ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. Por uma metodologia das ciências humanas. In: **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. 1º ed. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 62-63; 68-69.

BERGER, L. De dentro para fora: Autoetnografia narrativa como um caminho para o relacionamento. In: **Qualitative Inquiry**, v.7, n.4, 2001 504-515.

BORGES, T. R. S. Pelo amadurecimento de um sentir crítico: entendendo a socioconstrução de identidade de uma professora negra e seus atravessamentos interseccionais. **Veredas online – Atemática**, 21, n. 2, 2017, p. 8-23.

CAMERON, D. et al. The relations between researcher and researched: Ethics, advocacy and Empowerment. In: **Reseraching Language of Power and Method**. London: Routledge, 1992. p.13-27

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHOULIARAKI, L; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking Critical Discourse Analisy. Edinburgh University Press, 1999.

COROA M.L.M.S.; DIAS, J. F.; LIMA, S. C. Criar, resistir e transgredir: pedagogia crítica de projetos e práticas de insurgências na educação e nos estudos da linguagem. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, 19, n. 3, 2018.

COUTO, M. **O fio das missangas**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2016.

DAVIDOFF, S; KAPLAN, A. O ativismo delicado: uma abordagem radical para mudanças. Tradução: Ana Paula P. Chaves Giorgi. **Proteus Initiative**: Cidade do Cabo, 2014.

Disponível em:

<http://www.institutofonte.org.br/sites/default/files/O%20Ativismo%20Delicado%20-%20Final%20PDF%20version%202014.pdf> Acesso em 27/07/2022.

DENZIN, N. K. & LINCOLN, Yvona S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In _____ (Org). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed; Bookman, 2006.p. 15-41.

DENZIN, N. K. **Performance autoethnography**. New York: Routledge; 2018.

DIAS, J.F (org.). **No espelho da linguagem**: diálogos criativos e afetivos para o futuro. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

_____. Analistas de discurso e sua prática teórica e metodológica. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, 12, n. 2, 2011.

_____. **A linguagem do parto**: discurso, corpo e identidade. Campinas, SP: Pontes, 2015.

_____. **Autoria criativa**: por uma pedagogia da escrita criativa. São Paulo: Pontes, 2021.

_____. Pensar, sentir, agir na educação: estudos discursivos engajados com a mudança social. In: **Práticas sociais, discurso e gênero social**: explanações críticas sobre a vida social. Org. GOMES, M.; VIEIRA, V; CARVALHO, A. Curitiba: Editora Appris.

DIDI-HUBERMAN. G. **Cascas**. São Paulo: Editora 34, 2017.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

_____. N. **Discurso e mudança social**. Coordenadora de tradução: Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FREIRE, P. (1968[2005]). **Pedagogia do oprimido**. 40. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 22/6/2022.

_____. Ensinar não é transferir conhecimento. In: **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 57º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018. p. 51-53.

_____. (1982[1989]). **A importância do ato de ler**. 23. ed. São Paulo: Cortez.
Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf. Acesso em: 1/6/2022.

FUÃO, F. F. **A collage como trajetória amorosa**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2011.

GALEFFI, D. O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. In: MACEDO; R; GALEFFI, D; PIMENTEL, A. **Um rigor outro**: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa. Salvador: Edufba, 2009, p. 127-173.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009

GIROUX, H. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Arimed Editora, 1997.

GROS, F. **Desobedecer**. São Paulo: Ubu, 2018.

HAN, B.C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação com prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, B. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, B. Artistas mulheres: o processo criativo. **In: Art on my mind**. Tradução: Ligia Azevedo. Nova York: New Press, 1995, p.125-132.

KRENAK, A. (2020). **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras.

LIMA, S. C.F. **Collage**: textos sobre a re-utilização dos resíduos (impressos) dos registros fotográficos em nova superfície. São Paulo: Editora Parma, 1984.

LUKÁCS, G. **História e consciência de classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MAGALHÃES, I. Protagonismo da linguagem: textos como agentes. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 17, n. 4, p. 575-598, 2017.

MAGALHÃES, I; MARTINS, A.; RESENDE, V. **Análise de Discurso Crítica**: um método de pesquisa qualitativa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MARTINS, J. S. **O senso comum e a vida cotidiana**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 10(1): 1-8, maio de 1998

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2011.

MIGNOLO, W. D. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Um manifesto. In. Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel. **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2008. p. 25- 46.

NERUDA, P. Ode às tesouras. In: **Poemas de Pablo Neruda para Jovens**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. p. 45-47.

OLIVEIRA, I. B.; SGARBI, P. **Estudos do cotidiano e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PESCE, L.; ABREU, C. B. M. **Pesquisa qualitativa**: considerações sobre as bases filosóficas e os princípios norteadores. Revista da FAEEBA, v. 22, n. 40, p. 19-29, 2013.

PORTO-GONÇALVES, C. W. Apresentação da edição em português. In.: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, set. 2005.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2002.

QUEIROZ, A. S. **Educação crítica decolonial e agenciamentos**: um estudo etnográfico-discursivo sobre o programa mulheres inspiradoras. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação EM Linguística da Universidade de Brasília, 2020.

QUIJANO, A. **Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

QUIJANO, A; WALLERSTEIN, I. La americanidad como concepto, o América en el moderno sistema mundial. **Revista Internacional de Ciencias Sociales**, v. 134, p. 583-592, 1992

RAIMONDI, G. A; MOREIRA, C; BRILHANTE, A. V.; BARROS, N. F. **A autoetnografia performática e a pesquisa qualitativa na Saúde Coletiva**: (des)encontros método+lógicos, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1142634>. Acesso em 22/05/2023.

RESENDE, V.; VIEIRA, V. **Análise de Discurso (para a) Crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

RUFINO, L.; SIMAS, L. A. **Encantamento**: sobre política e vida. Rio de Janeiro: Morula, 2020.

SAFATLE, V. **Bem-vindo ao estado suicidário**. N-1 edições, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa, 1998. **La Globalización del derecho: los nuevos caminos de la regulación y la emancipación**. Bogotá, Colombia: IISA; Universidad Nacional de Colombia. [Acesso em 27maio 2021]. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/La_globalizacion_del_derecho_Los_nuevos_caminos_de_la_regulacion_y_la_emancipacion.pdf.

SANTOS, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 63, Outubro 2002: 237-280.

SANTOS, B.S; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Cortez: São Paulo: 2017.

SOMÉ, S. **O espírito da intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. São Paulo: Odysseus, 2018.

THOMAS, J. **Doing Critical Ethnography**. Sage: Califórnia, 1993.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

TORRE, S. L. **Sentipensar**: estratégias para un aprendizaje creativo: Mimeo, 2001.

WODAK, R. De qué trata el análisis crítico del discurso (ACD): Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos. In: WODAK, R; MEYER, M. **Métodos de análisis crítico del discurso**. Traducción de T. Fernández y B. Eguibar. Barcelona: Gedisa editorial, 2003.



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

APÊNDICE

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
UNB



DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Autoria criativa, educação e consciência linguística: estudos críticos do discurso

Pesquisador: JULIANA DE FREITAS DIAS **Área Temática:**

Versão: 3

CAAE: 54950821.7.0000.5540

Instituição Proponente: Instituto de Letras

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.519.093

Apresentação do Projeto:

Inalterado em relação ao parecer substanciado emitido pelo CEP/CHS no dia 28 de abril de 2022.

Objetivo da Pesquisa:

Inalterado em relação ao parecer substanciado emitido pelo CEP/CHS no dia 28 de abril de 2022.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Inalterado em relação ao parecer substanciado emitido pelo CEP/CHS no dia 28 de abril de 2022.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Inalterado em relação ao parecer substanciado emitido pelo CEP/CHS no dia 28 de abril de 2022.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A Pesquisadora apresentou:

- TCLE direcionado aos pais ou responsáveis
- Termo de Assentimento
- O instrumento de coleta de dados

Página 01 de

Continuação do Parecer: 5.519.093

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto de pesquisa está adequado às exigências das Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e complementares. Todas as questões apontadas no parecer consubstanciado emitido pelo CEP/CHS no dia 28 de abril de 2022 foram adequadamente respondidas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1726663.pdf	29/04/2022 15:23:44		Aceito
Outros	Entrevista_Narrativa.pdf	29/04/2022 15:17:37	JULIANA DE FREITAS DIAS	Aceito
Outros	Questionario_semiestruturado_Professoras.pdf	29/04/2022 15:17:10	JULIANA DE FREITAS DIAS	Aceito
Outros	Questionario_semiestruturado_Estudantes.pdf	29/04/2022 15:16:48	JULIANA DE FREITAS DIAS	Aceito
Outros	Instrumentos_de_coleta.pdf	29/04/2022 14:38:05	JULIANA DE FREITAS DIAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido_pais_ou_responsaveis.pdf	29/04/2022 14:35:06	JULIANA DE FREITAS DIAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Assentimento.pdf	29/04/2022 14:34:54	JULIANA DE FREITAS DIAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_para_professores_e_demais_participantes_maiores_de_idade.pdf	29/04/2022 14:34:42	JULIANA DE FREITAS DIAS	Aceito
Outros	Aceite_CEF08_Sobradinho.pdf	24/03/2022 17:23:47	JULIANA DE FREITAS DIAS	Aceito
Outros	Aceite_CEM01_Gama.pdf	23/03/2022 14:56:24	JULIANA DE FREITAS DIAS	Aceito

Outros	Revisao_Etica.pdf	23/03/2022 14:53:37	JULIANA DE FREITAS DIAS	Aceito
Cronograma	Cronograma_Refeito.pdf	15/12/2021 16:21:09	JULIANA DE FREITAS DIAS	Aceito
Outros	Termo_aceite_instituicao.pdf	24/11/2021 12:15:51	JULIANA DE FREITAS DIAS	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	24/11/2021	JULIANA DE	Aceito

Página 02 de

Continuação do Parecer: 5.519.093

Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	12:13:33	FREITAS DIAS	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Nubia_Batista_da_Silva.pdf	03/11/2021 16:35:03	JULIANA DE FREITAS DIAS	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Caroline_Maria_Vilhena_de_Souza_Sifuentes.pdf	03/11/2021 16:34:19	JULIANA DE FREITAS DIAS	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Adriana_Cerqueira_de_Azambuja.pdf	03/11/2021 16:31:09	JULIANA DE FREITAS DIAS	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Vania_dos_Reis_Sousa.pdf	03/11/2021 16:29:28	JULIANA DE FREITAS DIAS	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Sila_Marisa_de_Oliveira.pdf	03/11/2021 16:26:09	JULIANA DE FREITAS DIAS	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Paula_Gabriella_Silva_Gomes_Lima.pdf	03/11/2021 16:25:50	JULIANA DE FREITAS DIAS	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Edilan_Kelma_Nascimento_Sousa.pdf	03/11/2021 16:25:07	JULIANA DE FREITAS DIAS	Aceito
Outros	carta_de_enc_plataforma_Brasil_assinada.pdf	29/10/2021 11:10:39	JULIANA DE FREITAS DIAS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_pesquisa_202122.docx	23/06/2021 19:57:28	JULIANA DE FREITAS DIAS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 10 de Julho de 2022

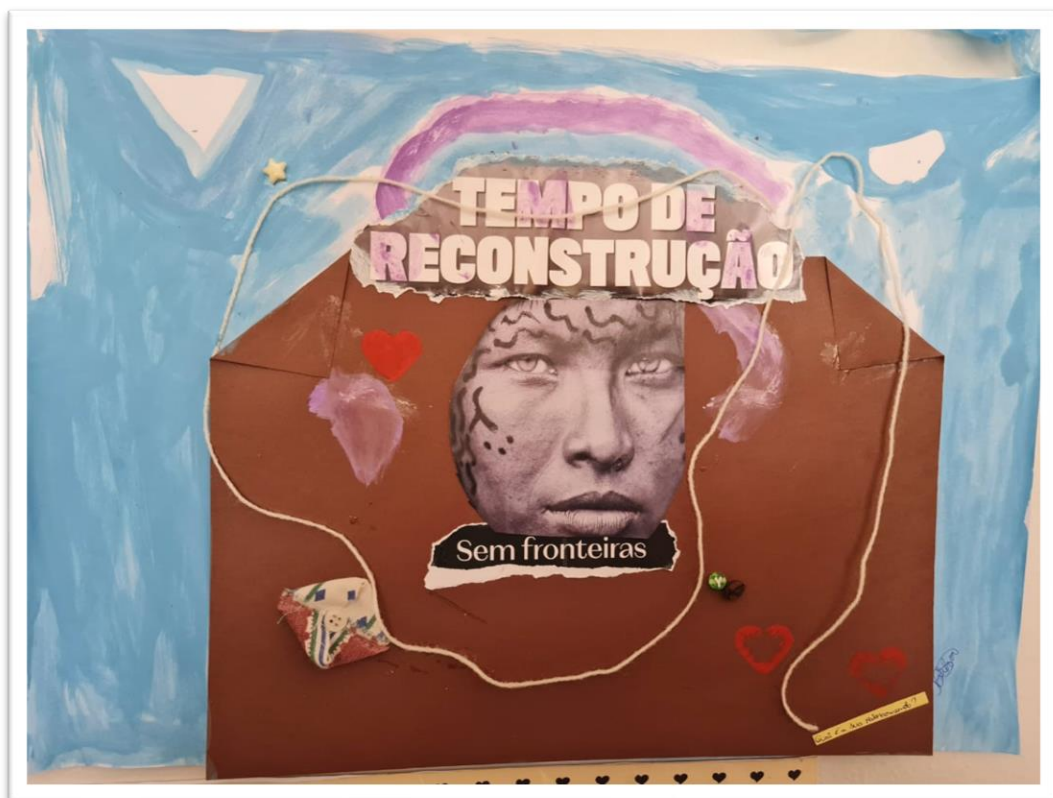
**Assinado por:
ANDRE VON BORRIES LOPES
(Coordenador(a))**



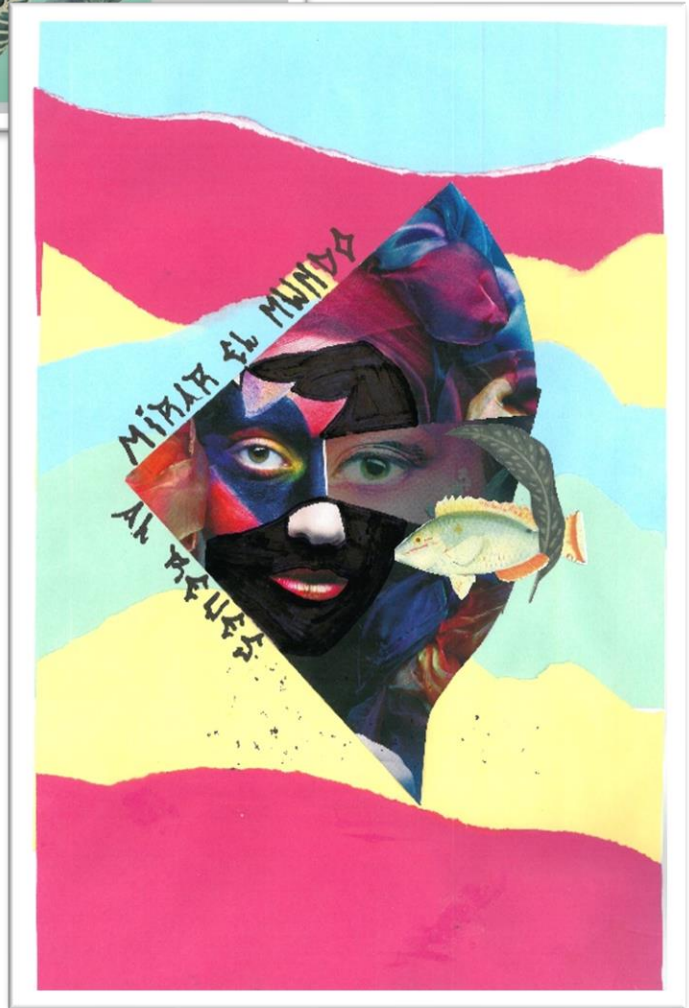
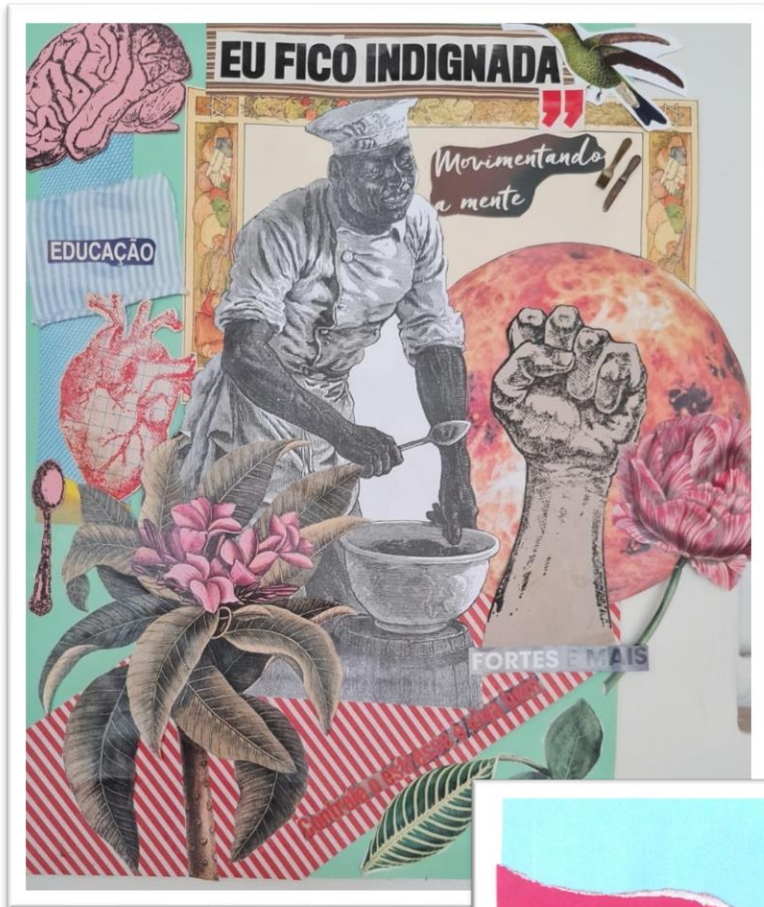
Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

ANEXOS

Algumas produções criativas das co-pesquisadoras



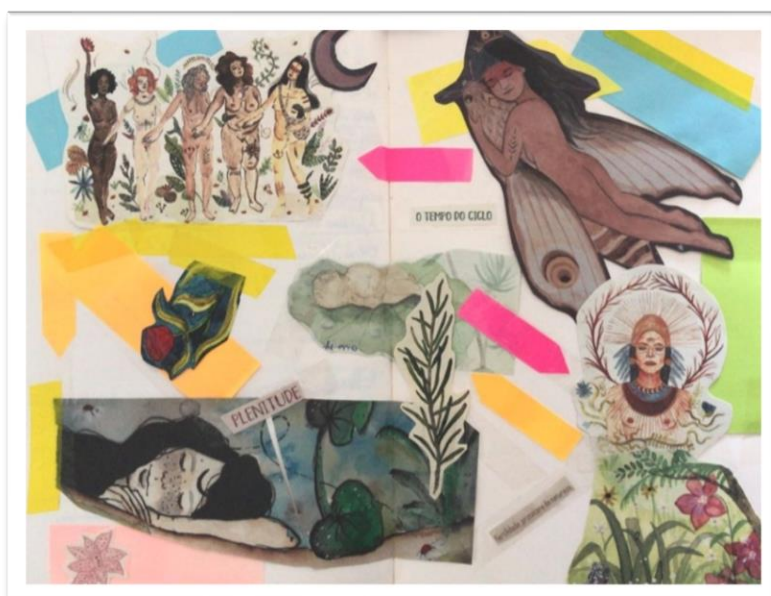




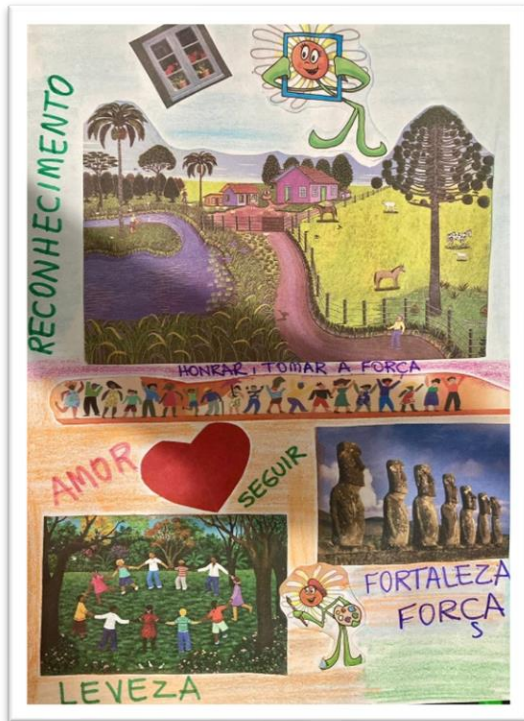
“Matéria prima, objetos e pensamentos:

re-significar para seguir resistindo.”

(Erva Cidreira)



“Tudo o que faço parece em forma de círculo de mandala. Abrir me dá insegurança, mas posso re-significar, pois ‘somos uma vida contínua’. E se eu fizer as pazes com o meu cordão umbilical? Ele não era suficiente para me ligar à minha mãe?” (Alecrim)



“Olhando para a janela da minha alma, recolho, concordo e honro toda dor; reconheço e tomo a força que atravessa todas as gerações chegando até mim. Sigo honrando e me nutrindo desse amor, dessa fortaleza, dessa força que me atravessa para seguir com mais leveza.” (Erva Doce)

“Espero dar continuidade a essa colagem. Palavras das âncoras: amor, reconciliação, paciência, resiliência.”





Apesar de mim mesma, e de minhas crenças limitantes, a manhã renascerá e esperançosamente eu também conseguirei esbanjar poesia.

Não sou uma pessoa que aceita, tranquilamente, que ciclos existem e que eles precisam terminar. Posso estar errada, mas acredito que isso faz parte da necessidade humana de desejar o que nunca poderemos ter; dentre várias coisas, a que faz sentido

agora é a eternidade. Seria isso mais uma crença limite e uma melancolia colonial? Filosofias do tipo existenciais até fazem parte do currículo, mas dispense-as agora. Nesta parte do trabalho, o ciclo a que me refiro é o fim da disciplina apenas; e não o fim da minha jornada estudando, praticando e me fascinando com a ADC. E afirmo que consegui terminar o ciclo de uma maneira tão reconfortante, depois de longos meses felizes e prósperos, e sinto meu coração tranquilo. A disciplina me preparou para refletir sobre tudo isso, para me emancipar de mim mesma. A disciplina me trouxe inúmeros desafios e me transportou para novos horizontes. Tudo isso sem sair de uma sala de aula. Tudo isso sem sair dos meus próprios pensamentos. O processo todo foi muito interessante e todos os detalhes foram inexplicavelmente especiais. Os detalhes a que me refiro são as trocas interpessoais que foram estimuladas a extrapolar o coração forte de cada um. Era sempre uma grande honra ouvir os colegas, ver o mundo sob seus olhos e sentir suas ideias de maneira tão poética. A vida é realmente feita de colagens, e a ADC me ensinou isso. O maior aprendizado deste percurso foi este: histórias inspiram outras histórias, cada uma contada e cantada a seu modo, entretanto, sempre recebidas com muito respeito. Isso é belo e insurgente. Isso é o futuro da educação no Brasil. Isso é Análise do Discurso Crítica para mim.



"Interessante a atividade-ação de imagem e colagem, haja vista que foi possível re-arrumar ou, numa perspectiva decolonial, des-arrumar, olhando a partir de olhares outros e epistemes outras. Atividades como esta nos levam a des-ver para aprender a re-ver a partir de outras lentes... vamos abrindo 'pequenas' fissuras para um giro decolonial."



Vejo, professora, como essa organização do ser foi me formando mulher. Perdi as contas de quantas vezes fiquei calada para não perder o amor das pessoas. Como tem que ser diário as micro resistências de simplesmente abrir a boca e falar; e como é difícil. Um

caminho possível para se combater (e escolho essa terminologia guerrilheira) esses discursos de inferiorização, subalternização e dominação do corpo feminino é trazer para as discussões a necessidade de reavaliar como temos constituído nossas identidades individuais e coletivas. Estudos da Análise de Discurso Crítica Feminista, com abordagens que tem por premissa o feminino decolonial, torna possível analisar narrativas sobre os gêneros sociais e construir discursos (estrutura e prática social) contra hegemônicos que contribuem para ações individuais e coletivas de resistência.



Eu compus um rosto feminino com várias partes e tal. A ideia é mais ou menos assim: eu estou com 49, né?! Eu faço 50 agora e então eu ainda peguei uma educação muito centrada num, primeiro: a mulher esperando um príncipe, a mulher que não pode nunca buscar prazer na vida, ela tem que servir o tempo inteiro, no prazer sexual, inclusive, ele é destinado – principalmente para quem é criado numa educação religiosa. Uma coisa muito legal quando você vai atingindo a maturidade, ou não, porque não é todo mundo, é o fato de você começar a contestar essa realidade e começar a se despregar de algumas coisas, inclusive. Cê colocar, reorganizar valores; o que antes tinha muito valor deixar de ter valor. E, quando eu era mais jovem, algumas coisas giravam muito em torno disso, principalmente em torno do

amor romântico e tal. E, mais madura agora, essas coisas fazem muito menos sentido, entendeu?! Então, eu pensei na palavramundo ‘amor’, mas como se relaciona muito o sexo com o amor, pensar um pouco mais que isso vai tão além. Hoje, um amor-amizade, em termos, por exemplo, de amizade feminina, que a gente não valoriza tanto ou não valorizava tanto, é um negócio tão rico, tão rico, tão bom, né?! Enfim, é isso













